

MEDICINA·NA·BEIRA·INTERIOR DA·PRÉ-HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XXI



CADERNOS DE CULTURA N.º XVIII - NOVEMBRO 2004

MEDICINA·NA·BEIRA·INTERIOR
DA·PRÉ-HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XXI



CADERNOS DE CULTURA

PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

Director:

António Lourenço Marques

Coordenadora:

Maria Adelaide Neto Salvado

N.º 18 - Novembro de 2004

Secretariado:

Quinta Dr. Beirão, 27 - 2.º E
6000-140 Castelo Branco – Portugal
Telef. 272 342042

Capa:

"A recolha da salva" (*Salvia officinalis* L.).
Planta utilizada pelos gregos, romanos e árabes
e em todas as regiões temperadas, quer na
medicina quer na culinária, como condimento.
As suas virtudes foram assinaladas por
Hipócrates, Dioscórides e Galeno. Na Idade
Média era já considerada uma panaceia.
Também conhecida por chá-de-frança, salva-
mansa, salva-das-farmácias, chá-da-grécia,
grande-salva e erva-santa.
Miniatura sob pergaminho. Primeira metade do
século XV. Biblioteca Nacional, Paris.

Composição, Impressão e Acabamento:

SEMEDO - Soc. Tipográfica, Lda.

Apartado 18 | 6000-909 Castelo Branco
Telef. 272 324 243 | Fax 272 325400
e-mail: semedo.lida@netvisao.pt
www.semedo.pt

Os textos assinados são, na forma e no conteúdo,
da inteira responsabilidade dos respectivos
autores e não devem ultrapassar 2.500 palavras,
incluindo a bibliografia e os anexos.

SUMÁRIO

Medicina e Filosofia	3
João Mourato Grave - farmacêutico e intelectual em Castelo Branco	
- Maria Adelaide Neto Salvado	6
Exposição - Dr. João Mourato Grave - Vida e Obra no espírito do tempo	21
Amato Lusitano e a medicina das navegações no século XVI	
- Alfredo Rasteiro	24
Escritos maiores e menores sobre Ribeiro Sanches	
- João Rui Pita - Ana Leonor Pereira	29
Saberes Efêmeros Duradouros - O Caso da Sangria com passagem por Amato Lusitano	
- António Lourenço Marques	38
Garcia de Orta, um contemporâneo de Amato - [Médico Naturalista do século XVI: cerca 1500-1568]	
- João Nabais	44
João Curvo Semedo - Em busca da química da vida	
- Maria do Sameiro Barroso	49
A Obra de José de Lacerda e a evolução do pensamento médico	
- José Morgado Pereira	54
Abel Salazar, um Paradigma	
- Romero Bandeira - Sandra Pereira Pinto - Carla Silva	57
Evocação/Memória de alguns Médicos Notáveis da Beira Interior - Concelho do Fundão (III)	
- Joaquim Candeias da Silva	60
O Adagiário da Saúde	
- Manuel Costa Alves	69
Sexualidade no Ocidente: Mulher e Homem: As «Primeira Vez».	
- António Maria Romeiro Carvalho	77
Un vasco enamorado de Salamanca y de Portugal - Luis Sanchez Granjel: Padre de la História de la Medicina Española... e Iberoamericana	
- José Miguel Santolaya Silva	81
As Jornadas de História da Medicina de Castelo Branco - Algumas Impressões Poéticas	
- Maria do Sameiro Barroso	84
Um poema de Diogo Pires dedicado a Amato lusitano	86
Conferência em Castelo Branco do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão sobre Amato Lusitano	87

Medicina e Filosofia

O particular desenvolvimento da filosofia da ciência no último quartel do século XX, nomeadamente, a partir do legado da obra de Kuhn, com a sua visão da “ciência normal” e a dos “períodos revolucionários”, teve repercussões muito significativas dentro do próprio movimento da medicina. Podemos talvez dizer que a filosofia da medicina emergente, constitui uma nova disciplina do conhecimento que reflecte ao pormenor a chegada de um novo paradigma para esta área. Já Szumowski (1949) e Temkin (1952) haviam assinalado a passagem das humanidades médicas para a filosofia da medicina, ou seja, “da história da medicina, como disciplina tradicional e coluna vertebral das humanidades médicas, para uma teoria sistemática da medicina”.

No entanto, já inúmeros trabalhos inovadores, escritos a partir do século XIX, vinham reflectindo uma abordagem *sui generis* dos prementes problemas colocados pela medicina. Inclusivamente, a nova perspectiva do conhecimento científico, determinada pelos avanços da física, em especial, pela física quântica, tinha atingido esta área. A ideia de uma realidade objectiva, de contornos únicos e, a seu tempo, decifráveis pela ciência ou, por outras palavras, de uma ordem natural imutável e susceptível de descodificar pela ciência que se desenvolveria até ao infinito, não parecia corresponder aos novos achados e dúvidas do conhecimento. O que verdadeiramente despontava era a crise da ciência determinista, linear e homogénea e o aparecimento de uma nova consciência marcada pela descontinuidade, pela não linearidade, pela probabilidade, pela diferença e pela necessidade de diálogo. Determinante era a evidência de o tipo de conhecimento que se apurava depender inevitavelmente do próprio observador. O conhecimento, como alguém disse, “está no olho do observador” e, além disso, dependente também da natureza dos instrumentos de análise, condicionantes que não podem ser excluídas do processo.

A medicina encontra-se hoje nesta encruzilhada. O relativismo e a incerteza, noções que impregnaram toda a cultura do século XX, consubstanciam também o novo paradigma médico, ou seja, uma visão que necessita de ser fundamentada na compreensão, na interpretação e na valorização. Portanto, exige-se uma visão integral, reflexiva e normativa face ao homem doente.

Escolheu-se a defesa do corpo (visão integral) como tema geral dos trabalhos das XVI Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior - da pré-história ao Século XXI”. Sobre isto, e numa perspetiva do passado, vale descortinar toda a espécie de conhecimentos - certezas, saberes, técnicas, crenças e imaginários - que ao longo do tempo o homem utilizou com o objectivo de preservar o corpo e garantir o eterno desejo de saúde. Pensamos que, neste sentido, Amato Lusitano continua a permitir novas análises. E a medicina da Beira Interior, onde outros testemunhos sobre o tema são captáveis, pode ampliar, sobremaneira, o respectivo acervo de novos conhecimentos.

O caderno que está nas vossas mãos inclui vários trabalhos produzidos para as Jornadas de 2003, genericamente produzidos à volta do tema das diferentes disciplinas do saber, quer na Obra de Amato Lusitano quer na medicina da Beira Interior.

A Direcção

XV Jornadas de Estudo

“Medicina na Beira Interior da Pré-História ao século XXI”

Auditório dos Serviços Centrais do Instituto Politécnico
Castelo Branco

10 e 11 de Novembro de 2003



Mesa de abertura das XV Jornadas com as presenças do Eng. Arnaldo Bráz, em representação do presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco, Dr. Francisco Baptista, presidente da ARRS de Castelo Branco, Dr.ª Ana Maria Malva, vice-presidente do Instituto Politécnico de Castelo Branco, Dr. António Salvado, da organização do acontecimento. Lendo as palavras introdutórias o Dr. António Lourenço Marques, da organização.

Dia 10 - 18.30h.

SESSÃO DE ABERTURA:

Conferência Inaugural:

Dr. João Mourato Grave - um farmacêutico intelectual em Castelo Branco no início do Séc. XX - Dr.ª Maria Adelaide Neto Salvado.

Inauguração da exposição:

*Dr. João Mourato Grave - no espírito do tempo
Apresentação do N.º 17 dos Cadernos de Cultura de Medicina da Pré-História ao Século XX/*

Dia 10 - 9.30 h.

Início dos trabalhos com apresentação das seguintes comunicações:

I

Amato Lusitano e a medicina hispânica do século XVI - Prof. Doutor Alfredo Rasteiro.

Saberes efémeros duradouros: o caso da sangria com passagem por Amato Lusitano - Dr. António Lourenço Marques.

Garcia de Orta, um contemporâneo de Amato - Dr. João Nabais.

II

“Notícia das primeiras mulheres que, no século XVI, exercitaram a arte de curar na comarca de Castelo Branco”. Manuel da Silva Castelo Branco.

“Assistência aos doentes em Castelo Branco e seu concelho entre começos dos séculos XVII e XIX”. (II Parte) Manuel da Silva Castelo Branco.

“António Ribeiro Sanches - um médico das Luzes”. - Prof. Doutora Maria Antonieta Garcia.

Escritos maiores e menores sobre Ribeiro Sanches - Prof. Doutor J. Rui Pita e Prof.^a Doutora Ana Leonor Pereira.

O Prof. Doutor D. Fernando de Almeida - Doutor Joaquim Candeias da Silva.

III

Abel Salazar - um paradigma - Prof. Doutor Romero Bandeira Gandra.

“José de Lacerda (1861-1911) e a evolução do pensamento médico” Dr. José Morgado Pereira.

João Curvo Semedo - em busca da química da vida - Dr.^a Maria do Sameiro Barroso.

A saúde no adágio popular - Dr. Manuel Costa Alves.

Sexualidade no ocidente: mulher e homem - as “primeira vez” - Dr. António Maria Romeiro Carvalho.

As Jornadas de História da Medicina de Castelo Branco - Algumas impressões poéticas - Dr.^a Maria do Sameiro Barroso.

“Otras vías de comunicación en la cultura”. José Santolaya Silva.



JOÃO MOURATO GRAVE - FARMACÊUTICO E INTELLECTUAL EM CASTELO BRANCO

Maria Adelaide Neto Salvado*

Filho de Francisco Mourato Themudo e de Maria da Redonda Grave, João Mourato Grave nasceu em Alpalhão a 3 de Outubro de 1879.

Seria, no entanto, em Castelo Branco, terra a que chamou “minha Pátria adoptiva”, que passaria a maior parte da sua vida e foi igualmente nesta cidade pela qual confessou um “acrisolado amor” que, a 16 de Abril de 1946, a morte viria ao seu encontro. Tinha 67 anos.¹

O percurso escolar no Liceu de Castelo Branco - o adolescente em busca de um rumo

Aos 13 anos (no ano lectivo de 1892-1893), fez a sua primeira matrícula no Liceu de Castelo Branco onde frequentou as disciplinas do 1º ano do curso geral: língua portuguesa, língua francesa e desenho. No ano lectivo seguinte (1893-1894) matriculou-se nas disciplinas de língua francesa do 1º ano e na de desenho do 2º ano. No entanto, preparou-se externamente a geografia, matriculando-se para exame, como aluno estranho, a 15 de Maio de 1894.

No ano lectivo de 1894-1895 «abriu matrícula para frequentar a disciplina de Phisica e Chimica e História Natural 1ª parte, a fim de fazer exame singular da mesma disciplina»². Em Outubro desse ano fez exame singular de língua francesa. Mas não termina o ano lectivo, pois em Novembro perde o ano por excesso de faltas.

No ano lectivo de 1895-1896 o seu nome não consta nos registos de matrícula, pelo que é de presumir que não tenha frequentado o Liceu. A sua vida orientara-

-se para um outro rumo. Havia encontrado o seu caminho... O gosto pela Botânica despertara cedo. A busca de plantas, pelos campos da Beira, foi paixão que manteve intacta pelo tempo. Seria esse interesse que haveria de guiar-lhe os passos...

Em 1896-1897, regressa novamente ao Liceu, matriculando-se nas disciplinas de Phisica Chimica e História Natural 1ª parte e Mathematica elemental 1ª parte, afim de fazer exame singular destas duas disciplinas» e, em sessão do conselho de Escola de 29 de Julho de 1896, «o aluno João Mourato Grave foi julgado habilitado para fazer os seguintes exames singulares: Phisica 1ª parte, Mathematica 1ª parte»³.

Seria no entanto no ano lectivo de 1897-1898 que terminaria os seus estudos liceais. Lê-se no livro de matrículas desse ano que, a 14 de Junho de 1898, João Mourato Grave «foi admitido à matrícula definitiva como aluno estranho para fazer exame singular de Phisica, Chimica e História Natural (1ª parte), em preparatórios para “Pharmacia”»⁴.

Tinha 19 anos. E acabara a formação básica necessária na época para seguir o seu sonho: ser farmacêutico.

A formação superior em Farmácia

Por esses anos de finais do século XIX, a formação em Farmácia processava-se não apenas na Escola anexa à Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, mas igualmente nas Escolas de Farmácia, criadas, por força do decreto de 5 de Dezembro de



Dr. João Mourato Grave.

2º

Distrito do Castello Branco *Concelho do Castello Branco*

Registo da Carta de pharmaceutico de João Mourato Grave

<i>Nome</i>	<i>Profissão</i>	<i>Naturalidade</i>	<i>Situação</i>	<i>Estado</i>	<i>Residência</i>	<i>Carta que passou a este ap. habilitação.</i>	<i>Observações</i>
<i>João Mourato Grave</i>	<i>Pharmaceutico</i>	<i>Algarve</i>	<i>Francisco Mourato Thomaz</i>	<i>solteiro</i>	<i>Castello Branco</i>	<i>A carta que apresentou foi passada pela Universidade de Coimbra, no dia 2 de outubro de 1903, avendo-se examinado o pharmaceutico no dia 22 de março de 1904, ficando approvado pela maior parte.</i>	<i>Nesta data pagou no re. esbittua d' este Concelho, a quantia de 2,000 reis de selo q' valia pelo pre. sendo registo. (Art. 1º da lei de 12 de julho ultimo, julho de 1903)</i>

Commissariado de Policia Civil do Distrito do Castello Branco, 27 de Janeiro de 1908.

O Commissario de Policia = *Alvaro de Almeida*

O Representante = *João Mourato Grave*

O Secretario = *Manuel de Brito Coelho de Faria*

Registo da Carta de farmacêutico de João Mourato Grave (27 de Janeiro de 1908).

1836, nas Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e do Porto.

O currículo compreendia cursos teóricos (de Botânica, de Química e de História Natural dos Medicamentos) e ainda um Curso Prático. O Curso de Farmácia e o de História-Natural dos Medicamentos eram lidos pelo lente de Matéria Médica e Farmácia e ouvido, durante dois anos, pelos alunos farmacêuticos.

Porém, o diploma de Farmacêutico poderia obter-se de outro modo. Pelo art.º 136 do decreto de 5 de Dezembro de 1836, aos farmacêuticos aprovados que tivessem botica aberta era-lhes permitido enviar a cada uma das três Escolas de Farmácia «um registo contendo o nome, tempo de prática e progressos dos praticantes que trabalhassem nas suas oficinas, podendo estes apresentar-se a exame quando atingissem os 25 anos e tivessem 8 anos de prática».

O júri especial de exame destes alunos era composto pelo lente de Matéria Médica e Farmácia, pelo seu demonstrador e pelo boticário do Dispensatório Farmacêutico.

Mas a reforma do Ensino Secundário, decorrente da Carta de Lei de 12 de Agosto de 1854, introduzira alterações no acesso à formação em Farmácia. Assim, nos liceus das capitais de distrito foram criadas as cadeiras de Princípios de Física e Química e de Introdução à História Natural dos 3 Reinos. E o art.º 11º da Carta de Lei de 1854 torna essas cadeiras habilitação necessária para admissão aos exames de Farmácia, desde que os candidatos possuíssem, além da aprovação da instrução primária, aprovação

nos exames de língua francesa ou inglesa, aritmética e geometria.

Foi este o caminho seguido por João Mourato Grave.

Nos finais do ano lectivo de 1896-1897 deixa o Liceu de Castello Branco para se iniciar como praticante na botica de um mestre farmacêutico. E é essa a razão pela qual em 1898 se apresenta a exame, como aluno singular, no Liceu de Castello Branco às cadeiras que a nova reforma de ensino tornara necessárias ao acesso às qualificações superiores em Farmácia.

Impunha-se a passagem de mais alguns anos para que fossem atingidos o tempo necessário para a aprendizagem prática e a idade exigida pela lei. E a 22 de Março de 1904 apresentou-se a exame na Universidade de Coimbra perante um júri assim constituído:

Presidente e 1º arguente o doutor Lúcio Martins da Rocha, lente catedrático da Faculdade de Medicina e professor da cadeira de Matéria Médica e Farmácia; examinadores: o doutor Francisco José de Sousa Gomes, lente catedrático da Faculdade de Filosofia e professor na Escola de Farmácia da Universidade.

Lê-se no seu diploma que: «interrogado vagamente como o dispunha o art.137 do Decreto de 1836 nas matérias Química e Botânica que têm uso em Farmácia e feito as manipulações necessárias, foi aprovado PELA MAIOR PARTE, e julgado hábil para poder exercer a Arte de Farmácia e, para na forma da Lei, usar livremente a sua Arte, e por Botica, em toda e qualquer partes destes Reinos e seus Domínios». O mesmo diploma foi-lhe passado pela Universidade

de Coimbra a 2 de Outubro de 1905.

Seria Castelo Branco, a cidade onde crescera e em cujo Liceu se preparara para a vida, que João Mourato Grave escolheria para o exercício da sua Arte. Aqui abriu farmácia na Rua de Santo António em 1907.

Regista a sua Carta de Farmacêutico a 27 de Janeiro de 1908 no Comissariado da Polícia Civil do Distrito, pagando pelo registo (na Recebedoria do Concelho) a quantia de 3.000 réis, de acordo com o art. 7.º da Lei de 25 de Julho de 1903.⁵

Estava traçado o seu destino ...

«Farmacêutico distinto, poeta e jornalista de merecimento», assim o caracterizou anos mais tarde o Dr. José Lopes Dias, seu amigo e companheiro de lutas.

Homem de cultura, de espírito cintilante, os seus interesses repartiram-se por vários sectores: poesia, teatro e jornalismo. E o despertar dessa inclinação pela literatura começou cedo ...

João Mourato Grave e a Figueira da Foz - os anos da juventude

A Figueira da Foz, que frequentou nos anos de juventude, era por esse tempo de finais do século XIX uma referência no conjunto das praias portuguesas. Ramalho Ortigão, em páginas de *As Farpas*, afirmou: «Não tem remédio senão vir à Figueira da Foz quem quiser ver a mais linda praia de banhos de Portugal».⁶

A beleza natural aliavam-se a elegância e o requinte dos que a frequentavam.

Mas por esses anos era a Figueira da Foz também um meio altamente politizado onde regeneradores e progressistas se afrontavam vivamente.

Com o seu humor cáustico, assim traça Ramalho Ortigão o retrato da dualidade política da Figueira de finais do século XIX:

«Os habitantes da Figueira são todos em política ou *regeneradores* ou *progressistas*. (...) Há os padeiros progressistas e os padeiros regeneradores, os barbeiros especiais e privativos de um e de outro partido, os cafés, os restaurantes, as batotas, as camisarias, as mercearias, os médicos, os pedicuros, os criados de servir, as filarmónicas, as farmácias, os alfaiates, as costureiras, - tudo por pares, tudo binário, tudo em duplicação, para uso dos partidários do Sr. Anselmo Braancamp e do Sr. Fontes Pereira de Melo ... »⁷

Creio que João Mourato Grave foi aí tocado pelos ventos e pelos ideais mais progressistas e é também do tempo vivido nessa praia portuguesa que nos chega o testemunho das suas incursões iniciais pela poesia.

A primeira, uma quadra inserta num pequeno e mimoso livrinho de lembranças, talvez memória de um baile ocorrido no elegante Casino da Figueira, é tingida por um sabor de romantismo, ainda fortemente adejante por esses anos do início do século XX:

Se da vida és minha esp'rança
E amor preferes ao ouro
Aqui deixo por thesouro ...
D'um coração a lembrança!
21-IV-1902

Outra poesia surge num pequeno livro intitulado *A Caridade*, apresentado no Serão Literário realizado no Casino Peninsular da Figueira da Foz a 22 de Setembro de 1903. Vendido a 200 réis cada exemplar, destinava-se esta obra à angariação de fundos para a ajuda ao povo do arquipélago de Cabo Verde. Anos sucessivos de seca haviam, por estes anos do começo do século XX, mergulhado o arquipélago num pesado manto de fome e de miséria. Alfredo Barjona de Freitas fora nomeado Governador deste martirizado arquipélago e um grupo de amigos resolveu conjugar esforços no sentido de conseguir alguns meios para ajudar o novo Governador numa «obra não de Administração mas sim de piedade nacional», como escreveu Bernardino Machado no prefácio do livro.



João Mourato Grave, então com 24 anos, colaborou nessa pequena obra literária de beneficência que reuniu textos em prosa e em verso de figuras cimeiras no meio intelectual e político português. Manuel de Arriaga, que anos mais tarde seria o 1.º Presidente da República Portuguesa (1911-1912), Bernardino Machado, também ele Presidente da República (1915-1917); Mendes dos Remédios, director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra nos primeiros anos do século XX e reitor dessa mesma Universidade (1913-1918); Tomás da Fonseca, escritor, poeta e figura cimeira na campanha que precedeu a proclamação da República em 1910 e Domitília de Carvalho, antiga aluna do Liceu de Castelo Branco que, em 1904, se formou em Medicina com grande distinção, obtendo o primeiro prémio de aproveitamento.

João Mourato Grave colaborou neste livro com um soneto:



Nos tercetos deste soneto está contida uma profunda mensagem de solidariedade, e neles se adivinha uma norma que me parece ter-lhe orientado a vida: a atenção aos mais pobres, o empenhamento na luta pelos mais necessitados.

João Mourato Grave no xadrez social de Castelo Branco dos anos 20

Esse forte sentido de intervenção social, essa necessidade de apelo à conjugação de esforços para a minimização do sofrimento dos mais pobres, volta João Mourato Grave a manifestá-los, pela voz da poesia, 18 anos depois, em Castelo Branco.

Num poema intitulado *Década*, publicado por ocasião da récita em benefício do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco, levada a cabo por um grupo de amadores de Abrantes, em 3 de Agosto de 1921, escreveu Mourato Grave, sob o pseudónimo de Juca:

«Decorre a Festa. Uma flama
De luz perpassa, e me enleia...
E eu não sei se é lua cheia
Se é de luz, aquela chama...

Será côr que se derrama?
Será nuvem, mito ou flor?
Tão suave o seu olôr,
Sua forma é de mistério...

- Caridade, ó sonho etéreo,
És de Deus diléto amôr!»

Mais uma vez fica ressaltada a preocupação de João Mourato Grave em que a ajuda aos pobres e necessitados fosse colorida pela auréola da Caridade, da dádiva com Amor.

Mas de outras facetas se reveste a poesia de João Mourato Grave. Aveia satírica ocupou um lugar de relevo num dado período da sua vida. No jornal *Acção Regional*, sob o pseudónimo de *Juca*, João Mourato Grave retrata sob a forma de poemas satíricos, com os sugestivos nomes de *Carvões* e *Gazetilhas*, pessoas e circunstâncias várias da sociedade albicastrense dos anos 20. Sirva de exemplo a *Gazetilha* publicada num folheto do *Serão Regional* levado a cabo no Parque Desportivo de Castelo Branco em honra da Casa das Beiras. O poema é dedicado a Jaime Lopes Dias, grande amigo de João Mourato Grave:

«Palácio, povo nas ruas,
tudo de nariz no ar,
que se passa, é baptizado
ou um par que vai casar?

Nada disso, pois que sinto
tambores e pratos a troar ...
Fanfarras, trompas e os foguetes
Andam já a s'tralejar ...

Vem mais povo e chegam ranchos
das aldeias, a cantar ...
Lindas moças, atenção!
Ó adufes, é ruflar!

Que se passa? É só dizer
bem-haja àquele beirão
que, de tanto ser bairrista,
chega quase a ser « bairrão»!

E responda agora a isto,
meu amigo, por favor:
O Dr. Jaime ... ainda é Jaime
ou vai no... Comendador?»

Se neste poema resalta uma jocosa brincadeira motivada pela ascensão social e política de um seu grande amigo que foi Jaime Lopes Dias, os poemas publicados no jornal *Acção Regional* traçam um retrato mordaz e cáustico de pessoas e acontecimentos ocorridos no Castelo Branco dos anos 20.

Sirva de exemplo o *Carvão VI*, publicado no n.º 47 do *Acção Regional* de 29 de Outubro de 1928:

«Rijo como um castanheiro
Só no círculo ainda está,
E por amor do b à bá
« Andou lá pelo estrangeiro ...

Esteve em França e em Paris
Foi a Notre Dame e ao Bois;
Sabe dizer *pas de quoi*.
E non monsieur também diz.

Mas agora, cruel destino
Vae da Lousa aos Cebolais
Controlar coisas do ensino ...

E assim vive ... Quanto ao mais
Tem a doce devoção
De ver florir, no Fundão,
Os chorões que há nos quintais.»

Ou a *Gazetilha*, publicada no n.º 113 do *Acção Regional* em 1 de Abril de 1928, onde perpassam (em caricatura) certos traços de figuras da *alta* sociedade albicastrense de finais dos anos 20 num elegante baile da cidade:

«Naquela noite, o salão,
de luz todo marchetado,
metia um figurão,
mais do que o França, coitado ...

Não é que o Zé, isso não,
Não estivesse bem posto;
Mas logo o Zecas Morão
Só de ser nédio faz gosto.

Um que dansou menos mal,
Embora um pouco dengoso,
Não foi o Mario Parda
Mas sim o Pinto Cardoso.

O Adriano, o Godinho,
lá foi indo ... mas insonso;
fala pouco e diz baixinho;
á moda do Zé Afonso...

Enquanto o Raul Caldeira
foi *poseur*, protocolar;
e se fala ... de cadeira
quando dança à titular!

João Mourato Grave foi um homem de acção, interveniente no xadrez social e político da sociedade albicastrense do seu tempo, repartindo o seu empenhado esforço em sectores variados da vida da cidade.

A diversidade de cargos que desempenhou, a par do seu labor de farmacêutico, constitui, parece-me, prova fiável desta minha conclusão.

Em 1901 vemo-lo responsável pela Biblioteca Pública de Castelo Branco, então a funcionar no Largo da Sé, na dependência do Liceu Nacional, ao qual se encontrava ligada depois de um conjunto de vicissitudes a que não foi estranha a inoperância da Câmara de Castelo Branco de finais do século XIX.

Anos antes, o médico Dr. José António Morão doara à cidade a sua valiosa biblioteca para que, com esse espólio, se fundasse em Castelo Branco uma biblioteca pública. Porém, apesar deste rico espólio a que se juntaram, depois da desamortização, os livros provenientes da Mitra e dos conventos extintos, tardava a Câmara em dotar a cidade de uma Biblioteca Pública. Tentando colocar um ponto final nesta inoperância e abrir à fruição dos albicastrenses os livros destes ricos acervos, o decreto com a força de lei de 29 de Dezembro de 1887 determinava que o conservador da Biblioteca anexa ao Liceu seria sempre o reitor, que gratuitamente exerceria o cargo e, no § 2.º, que o responsável pela Biblioteca, «o contínuo» como na época se dizia, cujo ordenado seria pago pela Câmara, seria proposto pelo reitor do Liceu à Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos. O escolhido deveria no entanto possuir um determinado perfil traçado no § 3.º deste decreto que referia que o nomeado deveria reunir as seguintes condições: «ser indivíduo de maior idade, nas condições civis, políticas e sanitárias exigidas pela lei, e possuir aprovação nas línguas portuguesa, francesa e latina».⁸

Ora, na acta da sessão da Câmara de Castelo Branco realizada a 24 de Novembro de 1900 encontra-se transcrito um ofício do ministro da Fazenda determinando à Câmara a inclusão no orçamento para o futuro ano de 1901 da verba necessária para custear a despesa com um guarda para a biblioteca popular (...), «visto ter conhecimento que a mesma se acha à muito fechada e desprezada e constando-lhe que os seus livros e obras não estão convenientemente catalogados»⁹

Possivelmente, em consequência desta determinação, foi apresentado na acta da sessão de 16 de Março de 1901¹⁰ um ofício do reitor do Liceu participando que «havia tomado posse do lugar de contínuo da biblioteca publica anexa ao mesmo Liceu, António Mourato Grave¹¹ nomeado para o dito lugar».

Apenas seis meses permaneceu António Mourato Grave no lugar, pois na acta da sessão da Câmara de 5 de Outubro de 1901 encontra-se o seguinte requerimento: «António Mourato Grave, empregado da Biblioteca publica d'esta cidade, vem sollicitar da Câmara e mais vereadores d'este concelho, licença para interinamente se fazer substituir por João Mourato Grave, e por isso pede a V. Ex.^a III.º Presidente da câmara e mais vereadores se dignem differillo». Lê-se

nessa mesma acta que por unanimidade deliberou a Câmara passar-lhe o seguinte despacho «Se é das attribuições da Camara fica defferido este requerimento».¹²

Em 1901, João Mourato Grave substituiu, pois e interinamente, o seu irmão no lugar de bibliotecário, por tempo que não foi possível apurar, e isto, porque na acta da sessão de 26 de Outubro de 1901 consta um pedido de António Mourato Grave para que «com urgência lhe fosse passado um despacho da sua nomeação para empregado da Biblioteca publica».¹³ Seria, no entanto, somente a 23 de Abril de 1902 que António Mourato Grave viu satisfeita a sua petição, dado que na acta desse dia encontra-se transcrita uma guia da Repartição da Fazenda Distrital para pagamentos de emolumentos à Secretaria de Estado, devidos por António Mourato Grave, pelo provimento que havia tido no emprego de «contínuo» da Biblioteca Pública.¹⁴



Embora não exista nas actas das sessões da Câmara Municipal mais nenhuma referência a João Mourato Grave, certo é que ele ocupava o lugar de bibliotecário em 1907, sendo de presumir que nesse cargo se manteve até 21 de Fevereiro de 1908, data em que o reitor do Liceu deu posse do cargo de «contínuo» da Biblioteca ao padre José Nunes Branco Pardal, como se lê na acta da sessão da Câmara de Castello Branco de 26 de Fevereiro de 1908.¹⁵

O que foi a actividade e o valor do desempenho de João Mourato Grave nas funções de bibliotecário chegam-nos através do testemunho do Dr. João Matilde Xavier Lobo, contido numa carta que este antigo aluno e reitor do Liceu de Castello Branco enviou ao Dr. Mário Mourato Grave (filho do Dr. João Mourato Grave), por altura do cinquentenário da fundação da velha Farmácia Grave. É deste modo que o Dr. Xavier Lobo evoca o seu fundador: «Como me lembro bem da inauguração da sua farmácia no tempo em que frequentava o 4º ano do velho Liceu do Largo da Sé, onde o conheci como Bibliotecário a quem nós recorriamos como conselheiro para as nossas leituras.

Nunca mais deixei de o estimar. E, quando voltei para aí como professor, a nossa intimidade aumentou e a farmácia era o ponto de reunião duns quantos amigos, que todos o eram do dono da casa».¹⁶

Testemunho vivencial de importância e prova concludente de uma afirmação que permaneceu na memória dos albicastrenses, a Farmácia Grave foi um local de tertúlia, um verdadeiro cenáculo, onde intelectuais e políticos se reuniam, onde se debatiam e confrontavam opiniões e ideologias. Homens de diferentes formações e sensibilidades (os Dr. José Lopes Dias, Dr. Diogo Correia, Dr. João Xavier Lobo, Dr. Júlio Goulão, Dr. Sousa Vieira, entre outros, reunidos no cenáculo de João Mourato Grave), buscavam vias que concretizassem as aspirações que os irmanavam: colocar a deprimida região da Beira Baixa na senda do desenvolvimento e dar às suas gentes um futuro mais digno e promissor.

E João Mourato Grave era também, nesse campo, um experiente homem de acção.

João Mourato Grave na luta contra o analfabetismo

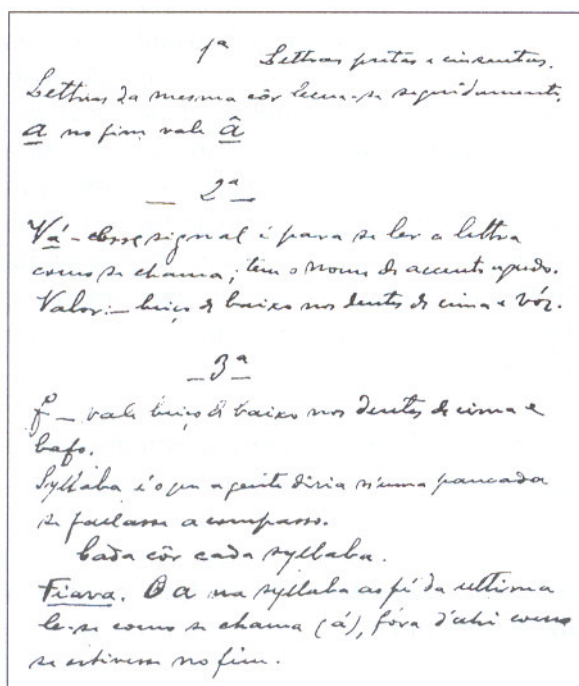
Da correspondência que nas suas funções de bibliotecário trocou com figuras cimeiras do meio intelectual português, chegou até nós um postal datado de 20 de Outubro de 1907 escrito por João de Deus Ramos, filho do grande poeta e pedagogo João de Deus, o autor da *Cartilha Maternal*. E este postal conduz-nos a uma outra faceta da rica e multifacetada personalidade de João Mourato Grave: o seu empenhamento na luta contra o analfabetismo.

Em 12 de Setembro de 1905, no ano seguinte àquele em que obtivera na Universidade de Coimbra o seu diploma de Farmacêutico, João Mourato Grave obtém um outro diploma de habilitações. Trata-se de uma declaração passada e assinada por Guilhermina de Balthagia Ramos, na qual atesta que João Mourato Grave «ouviu as Explicações sobre o Methodo de Leitura e Escripção do seu falecido marido João de Deus, e que se mostra habilitado a tirar na prática os devidos resultados».¹⁷

Significa, pois, que João Mourato Grave estudou, se preparou e atingiu a qualificação necessária para ensinar a ler e a escrever segundo o método de João de Deus. Do seu espólio faz parte um pequeno bloco, no qual, cuidadosa e pormenorizadamente, se encontram anotadas as regras fundamentais deste inovador método pedagógico.

A luta contra o analfabetismo tornara-se uma das principais bandeiras de propaganda da ideologia republicana.

Em 1881, Casimiro Freire denuncia nas páginas do jornal *O Século* o estado de confrangedor abandono a que os governos da monarquia haviam votado a



Página do bloco de apontamentos do método de leitura e escrita de João de Deus pertencente a João Mourato Grave.

instrução do povo. Bom conhecedor deveria ser Casimiro Freire desta realidade. Nascera ele numa aldeia da Beira Baixa, Pedrógão Pequeno, situada no Pinhal profundo, como hoje dizemos. Como muitos outros, cedo migrara para Lisboa em busca de melhores condições de vida. Aí lutou, enriqueceu, mas não esqueceu as gentes desprotegidas da sua aldeia, votadas ao abandono material e à incultura. Propôs, por isso, que fossem enviados aos mais recônditos lugares grupos de professores habilitados no método João de Deus, e que ensinassem o povo a ler e a escrever. Chamou a estes grupos *missões*. E, para dar forma à sua ideia, fundou em 1882 a *Associação de Escolas Móveis pelo método de João de Deus*.

Ora, o Dr. José Barros de Lima Nobre, que seria mais tarde Administrador do Concelho e depois Governador Civil de Castelo Branco, em carta enviada a Afonso Costa, datada de Castelo Branco da rua da Senhora da Piedade em 15 de Janeiro de 1907, dá conta das dificuldades que enfrentou na organização do Partido Republicano em Castelo Branco. E justifica-as deste modo: «É tarefa bem difícil num distrito que ocupa o 1º lugar na escala da ignorância».¹⁸ E acrescenta: «Tenho fé que no dia em que a percentagem dos analfabetos em Portugal fôr inferior a 40% ha de ser proclamada a República».

E provavelmente com base nesta crença, o Centro de Propaganda Republicana de Castelo Branco requisi-ta para a cidade uma *Missão das Escolas Móveis*. Foi a *Missão 159*. O pequeno bloco manuscrito do espólio de João Mourato Grave tem escrito:

«Escolas Móveis
Missão 159ª

Castello Branco».

- o que permite inferir que João Mourato Grave foi, na Escola Móvel de Castelo Branco, membro da Comissão Auxiliar de Acompanhamento. Da qual, em 1911, fizeram parte o industrial José Burgos, o general Conte e Raul Cohen.

A luta contra o analfabetismo e o empenho na instrução e esclarecimento do povo ocuparam, sem sombra de dúvida, lugar de relevo na vida do jovem farmacêutico João Mourato Grave após o seu retorno a Castelo Branco.

E de outros meios lançou mão para denunciar abusos e injustiças e ajudar à formação da tomada de consciência de muitos problemas que afectavam a sociedade da época.

Parece-me que é nesta linha que se pode inserir a sua incursão pelo teatro.

João Mourato Grave - o teatro ao serviço da denúncia social

João Mourato Grave é autor de uma interessante peça de teatro, levada à cena no Teatro de Castelo Branco em 27 de Abril de 1913, pela Companhia Dramática Portuguesa e, como se lê no cartaz, «obsequiosamente cedida pelo seu auctor para esta recita apenas».

Intitulada *O primeiro Amor*, a peça constitui um pesado drama, onde perpassa uma realidade infelizmente frequente na época: a sedução de uma jovem camponesa, pobre, órfã e desprotegida, por um fidalgo, dono de terras e de gentes. Um padre corrupto, sem escrúpulos, fechando os olhos à imoralidade dos grandes senhores e tentando ele próprio retirar dividendos da situação da pobre camponesa; um jovem operário idealista, loucamente apaixonado pela rapariga, acusado de maçon, perseguido e preso; o ambiente sórdido dos bairros pobres de Lisboa, para onde a jovem camponesa partira fugindo à vergonha dos murmúrios da aldeia e onde se perderia pelos caminhos da vida - compõem as linhas mestras do enredo que retrata uma bem triste franja da realidade social portuguesa de princípios do século XX.

Por certo que a peça deverá ter causado um certo incómodo no meio conservador do Castelo Branco da época, tornando o seu autor alvo de animosidade que acontecimentos futuros haveriam de mais fortemente evidenciar. A situação de prepotência dos grandes senhores da terra, a sedução e o abandono de jovens

camponesas, corresponderam na Beira Baixa até meados do século XX a factos bem reais ...

TEATRO
DE
CASTELO BRANCO
Domingo, 27 de abril de 1913
Às 21 horas em ponto

COMPANHIA DRAMATICA PORTUGUEZA
sob a direcção dos actores
MASCARENHAS & PEIXOTO



*Espectaculo
Sensacional*

com a unica e primeira representação
da peça em 3 actos, original de
JOÃO MOURATO GRAVE

O PRIMEIRO AMOR

Obsequiosamente, e para esta recita apenas, cedida pelo seu auctor

DISTRIBUIÇÃO

Rosa	Carlota Nogueira
C. João Chagas	Lucina Coutinho
Pedro Joaquim	Roberto Aires
Pedro Ingerado	Francisco Moniz
Theodoro Almeida	Clara Pinto
o Cordeiro	o Cordeiro
Assistente	Alfredo Silva
o 1.º	Nova
o 2.º	Maria Figueira

Actualidade

O 1.º ACTO
é passado na aldeia

O 2.º ACTO
n'uma casa do campo

O 3.º ACTO
em Lisboa (Mouraria)

PREÇOS DO COSTUME



O amor ao teatro expressa-o também Mourato Grave pela voz da poesia por ocasião de uma recita realizada em Castelo Branco por um grupo de amadores em 24 de Abril de 1904:



SONETO

Eu não venho cantar em verso aprimorado
A terra que sorri n'um arreból constante ;
Nem louvar quero o sól, que brilha, rutilante,
N'um castello de luz, em oiro cinzelado !

Que exulte embóra Pan, na flôr, no céu doirado,
N'um sopro de perfume a tombar anhelante.
É bello o quadro, sim, feérico, excitante,
Como o rubôr ideal ... no sonho d'um noivado !

Mas se é grande a Natura, e a vida é incentivo
— Estimulo viril, potente e affectivo
Que á Lucta nos conduz e o sentir afervóra ...

Um outro Sól existe e eu canto jubiloso :
É Thalma — a emoção — o artista precioso
Que o 'spirito fáz rir, com quem a Alma chóra !

C. Branco, 1904.

J. Mourato Grave.



João Mourato Grave - Os ventos da República e a Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Castelo Branco

A implantação da República, com o seu cortejo de mutações sociais e crispações ideológicas, abalou fortemente o meio apático e conservador de Castelo Branco. João Mourato Grave foi apanhado neste ar do tempo...

A sua adesão à ideologia republicana, a sua simpatia por Afonso Costa e, sobretudo, a sua escolha como vogal da Comissão Administrativa da Confraria de Nossa Senhora do Rosário, mereceram, na época, uma frontal contestação.

Durante séculos, desde a sua fundação e particularmente depois da doação feita por Gaspar Mousinho Magro em 1684, que a enriqueceu em terras e bens, a Confraria de Nossa Senhora do Rosário desempenhou papel fundamental na vida de Castelo Branco. Possuidora de avultados bens imóveis e diversificados rendimentos, na direcção e gestão dos seus destinos

se mantiveram membros ligados à Igreja e às classes dominantes locais. A república mudaria, no entanto, as regras do jogo. Em 1912 fora eleita uma Comissão Administrativa, mas a saída de dois dos seus membros levou a que o Governador Civil, Francisco Rebelo de Albuquerque, por alvará datado de 30 de Abril de 1914, nomeasse para «o lugar de Presidente, Martinho Lopes Cardoso» e para o de vogal «o cidadão João Mourato Grave».¹⁹

A reacção a estas duas nomeações por parte dos sectores mais conservadores originou duras críticas espelhadas nos jornais que, então, se publicavam na cidade. Assim, o jornal *O Beirão* (19 de Abril de 1914), num artigo intitulado «A maçonaria dentro duma Confraria», reage nestes termos: «E foi feliz o sr. Governador não haja dúvida. Basta citar os nomes dos novos membros da comissão. São elles o bacharel Martinho Lopes Cardoso, conservador do registo civil e João Mourato Grave, boticário. O primeiro é como todos sabem, democrático e maçom (...). O segundo não me consta que seja maçom, mas é democrático e vive na intimidade dos do ».

Mas as críticas mais duras encontramo-las no jornal a *Pátria Nova*, que, arvorando-se em porta voz dos «catholicos» albicastrenses, enveredou por uma pouco digna postura de ataques pessoais. O visado foi fundamentalmente Martinho Lopes Cardoso, membro da Loja Maçónica de Castelo Branco. E, no número do *Pátria Nova*, de 8 de Maio de 1914, foram publicados com o título de «Ridendo» uns versos onde, a par de Martinho Lopes Cardoso, João Mourato Grave é igual e ironicamente visado:

«Ridendo
(...)
Mas ficou boa, promete
A mesa da irmandade.
E com rara habilidade
De quem erros não comete,
Foi colocado o Bis sete
Junto do Grave elegante,
Foi para haver desinfectante
Sempre junto da retrete.

O Martinhóca arrogante
Co'o avental de maçom
Nas sessões a dar o tom,
Como pessoa importante!
Porém se num dado instante
Elle olha pr'o avental
Vê logo que é tal e qual
Um moço de restaurante.
(...)

Mas agora ... Isto é areia!
Vejo a comissão enorme!
Uma coisa desconforme!

De que eram tres, tenho ideia
E se não é qualquer teia
d'Aranha que me domina
Faz quatro c'o Saponina ...
Com 14 é duzia e meia ».

Como se constata, para o autor dos versos Martinho Lopes Cardoso, chamado de *Martinhóca* e de alcunha o *Bis sete*, era comparado a um moço de restaurante, quando envergava o seu avental de maçom. E, deste modo, claro se torna o sentido dos versos: «Foi colocado o Bis sete/Junto do Grave elegante/Foi prá haver desinfectante/ Sempre junto da retrete», nos quais, a par de uma descarada mordacidade, ressalta uma alusão explícita à actividade de Mourato Grave como boticário, que lhe conferia, pois, a possibilidade de fabricar desinfectantes...

Quanto aos últimos versos dirigidos a João Mourato Grave, os mesmos encerram uma subtil crítica. Neles é chamado de *Saponina*. Acontece que *Saponina* era o nome de uma conhecida pasta dentífrica vendida ao preço de 200 réis cada tubo e um dos produtos saídos do engenho de farmacêutico de João Mourato Grave.

SAPONINA Pasta dentífrica
recomendada por muitos medicos

A pasta *Saponina*, em cuja composição não entram ácidos, é a melhor, a mais pura, a mais higienica e a mais economica de todas. Possuindo grandes propriedades analgesicas e adstringentes, a pasta *Saponina* é sobre tudo poderosamente antiseptica, constituindo o seu uso quotidiano a mais rigorosa hygiene da boca, á qual imprime uma agradável impressão de frescura. A pasta *Saponina* lava esplendidamente os dentes sem lhes atacar o esmalte, evita o mau halito e a carie dentaria, sendo ao mesmo tempo um magnifico tonico das gengivas.

PREÇO DO TUBO 200 RÉIS

A pasta *Saponina* vende-se, entre outras, nas casas José da Costa Seguro, Tipografia Silva, Barbearia Corrêa, Joaquim Martins Bispo, Esequiel Parda, Antonio Maria Pinto, Barbearia Progresso, Joaquim Antonio Lopes, Joaquim Abranches de Souza, Antonio Augusto Rafael, Eugenio Nacho, Noé Lopes, etc.

Preparação e Depósito: FARMACIA MOURATO GRAVE
CASTELO BRANCO
Deposito em Lisboa: Jaime Metelo Vasques, R. da Prata, 40, 1.º

O anúncio desta pasta dentífrica, publicado no jornal *Notícias da Beira*, com a pormenorizada inventariação da diversificada gama das suas propriedades, se por um lado nos dá a medida da forma como o marketing dos primeiros anos do século XX procurava atrair o público, por outro dimensiona a ilação da mordacidade encerrada nos últimos versos que procuravam atingir o Dr. João Mourato Grave.²⁰

Mas algo daqui há a retirar. Até entre os inimigos, se reconhecia o seu valor de boticário.

E a *Saponina* coloca, parece-me, João Mourato Grave como um precursor e divulgador da hygiene da boca em Castelo Branco.



João Mourato Grave - um farmacêutico de referência em Castelo Branco nas primeiras décadas do século XX

Farmacêutico de reconhecido mérito, esta realidade extravasou o meio provinciano de Castelo Branco.

A 27 de Outubro de 1925 foi admitido como membro correspondente em Castelo Branco da prestigiada *Sociedade Pharmaceutica Lusitana*²¹, que lhe conferiu «todos os poderes marcados nos mesmos Estatutos, respectivamente à sua Classe», como se lê no diploma de admissão.

E em 23 de Maio de 1935 o Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (*Sociedade Farmacêutica Lusitana*)²² «de acordo com os seus estatutos» conferiu ao «Sr. João Mourato Grave a categoria de sócio Efectivo».

Além da *Saponina*, vários outros produtos e medicamentos foram inventados, fabricados e comercializados por João Mourato Grave.



As muitas centenas de fórmulas que fazem parte do seu valioso espólio cobrem um leque variado de funções e destinos, dando-nos a dimensão da actividade da Farmácia Grave e permitindo-nos traçar um quadro da diversidade de manipulados aí realizados.

Medicamentos para males variados como pomadas para doenças de pele e para o tratamento de hemorroidas, supositórios, preparados para dores de estômago, pomadas para frieiras, xaropes para a tosse, surgem

juntamente com fórmulas de produtos de beleza (cremes para o rosto, limpeza da pele, perfumes, unguentos), de elixires, de pastas dentífricas, de loções para o tratamento de peladas e tintas para o cabelo e até tintas de escrever e produtos de desinfecção usados na exterminação de piolhos e percevejos.

Entre as fórmulas de produtos de beleza, sirvam de exemplo este «*Leite de limpeza da pele*»:

Água de rosas - 100 gr
Leite de amendoas - 2,5
(amendoas doces)
Sulfato de alumínio - 2 gr
Água - 22,5 gr.

e a loção para o cabelo chamada «Negrine» e cuja composição é a seguinte:

«Flor de enxôfre
Cloreto de amónio - aã três gr
Acetato de chumbo-quatro gr
Alcool a 90° - duzentos cc.
Glicerina - quarenta gram.
Essência de geranio - XX gotas».

Algumas destas fórmulas, cobrindo largo leque de utilizações, trazem a prescrição de médicos não só de Castelo Branco como de várias zonas do Distrito (Proença-a-Nova, Monfortinho, Idanha-a-Nova, Penamacor, Alcains) e até mesmo de Lisboa.

Entre estas, sirva de exemplo a «solução Salina» receitada pelo Dr. António Trindade, conceituado médico em Castelo Branco, e que possui a seguinte indicação: «a fórmula que o Sr. Grave toma»:

«Sulfato de sódio - oito gramas
Bicarbonato de sódio - 4 gramas
Fosfato de sódio - 6 gramas
Brometo de sódio - 3 gramas
Benzoato de sódio - 2 gramas
Para 1 litro de água».

Mas se algumas das fórmulas foram prescritas por médicos, outras foram conseguidas por amigos e colegas de João Mourato Grave. Sobre este pormenor, um postal com a data de 2 de Outubro de 1918, enviado por um seu amigo (cujo nome não conseguimos apurar), é elucidativo. Lê-se nesse postal:

«Linimento Rodet:

Oxydo de zinco - 5 gr.
Glycerina - aã
Óleo de amendoas - 10 gr.

Esta fórmula era usada no hospital da Universidade com o nome de linimento de Rodet, d'onde eu a trouxe, Será caso que a queres?
Teu amigo certo»

Das fórmulas estabelecidas por João Mourato Grave apenas duas, a de um xarope para a tosse e a de um unguento para o tratamento de frieiras, foram registadas, possuindo patente.

O xarope para a tosse chama-se *Béquimel* e é esta a sua composição:

«Benzoato de sódio - 30 gr.
Tiocol - 30 gr.
Dionina - 0,6 gr
Água de louro-cerejo - 36 gr
Água destilada - 50 gr
Tintura de acómito - 2,4 gr.
Tintura de beladona - 2.4 gr.
Tintura de ipecacuanha - 10 gr.
Extrato fluido de polígala - 10 gr.
Glicerina - 40 gr.
Xarope de bálsamo de talú - 400 gr.
Xarope de casca de laranja - 600 gr.»

O unguento para o tratamento de frieiras tem o nome de *Plastiderme* e ainda actualmente, como no passado, é pedido e vendido com êxito em Castelo Branco. Possui a seguinte composição:

«Ictiol - 20 gr
Cânfora - 10 gr
Mentol - 5 gr.
Tintura de Benjoim - 20 gr
Tintura de Hamamelis - 20 gr
Dermatol - 25 gr.
Sulfatiazol 25 gr
Óxido de zinco - 50 gr.
Lanolina - 50 gr.
Óleo de fígado de bacalhau - 50 gr.
Vaselina 225 gr.»

Um aspecto há a salientar: o cuidado pessoal que João Mourato Grave colocava na recolha das plantas que utilizava nalgumas preparações. Possuidor de sólidos conhecimentos de botânica, ele próprio procurava, recolhia e seleccionava algumas espécies pelos campos da Beira.

Este cuidadoso labor perdurou na memória da família e este testemunho pela voz de seu neto Dr. João António Grave o recolhi.

Mas o Dr. Mourato Grave estava igualmente atento às novidades das terapias do seu tempo. O termalismo e a busca da cura pelas águas dominaram os primeiros anos do século XX. Ora a Farmácia Grave era a depositária de algumas dessas águas, concretamente a da célebre *Água Radium*, captada nas termas de Caria, próximas de Belmonte, consideradas por esses anos, e pelo seu elevado teor em rádio, como a panaceia para a cura de várias enfermidades...



João Mourato Grave - um jornalista e um regionalista assumido

A par da sua intensa actividade de farmacêutico, João Mourato Grave foi um homem interveniente na malha social de Castelo Branco. A 20 de Agosto de 1920 tomou posse do lugar de tesoureiro na Delegação da Caixa Geral de Depósitos. A 23 de Maio de 1921, a Delegação da Caixa Geral de Depósitos, instalada na cidade desde 1877, no r/c do edifício do actual Governo Civil, e na dependência, primeiro, da filial de Viseu e, depois, da filial de Coimbra, deu lugar a uma filial independente.²³

João Mourato Grave foi, pois, o primeiro tesoureiro da filial da Caixa Geral de Depósitos durante seis anos e, em 1926, foi-lhe dada, a seu pedido, a exoneração do lugar.

Por estes anos 20 os seus interesses orientavam-se num outro sentido ...

O empenhamento pelo encontro de um rumo certo que solucionasse os graves problemas sociais e económicos que na época afectavam a cidade de Castelo Branco e a região da Beira Baixa levou a que um grupo de oito cidadãos, a 18 de Março de 1924, desse corpo a uma Associação a que chamaram «Acção Regional»²⁴.



Os membros fundadores da Associação Acção Regional. 1.º à esq. Dr. João Mourato Grave.

Criar um ideal colectivo capaz de quebrar o isolamento em que viviam homens e instituições, travar o espírito de facções políticas opostas cujos interesses partidários contrariavam os verdadeiros interesses regionais e organizar a vida local em conformidade com o conhecimento esclarecido dos problemas e necessidades reais das populações, constituíam alguns dos pontos que norteava o ideário desta Associação albacastrense, cuja divisa era «pela terra, sem política». «O ideal político da *Acção Regional* é atenuar, no nosso meio, o conflito eterno entre o poder - privilégio de poucos, e a liberdade que é aspiração de todos», escreveu o Dr. Manuel Pires Bento²⁵. Mas o pensamento inspirador da formação da Associação na conjuntura política que o país atravessava foi o de fazer «alguma cousa de novo, a fim de não ficar inteiramente perdido para o país o esforço revolucionário de 1910».²⁶

O farmacêutico João Mourato Grave conta-se entre os fundadores da *Acção Regional*.²⁷

Dois anos depois, a 11 de Dezembro de 1924, a Associação decidiu criar um jornal, um órgão oficial, a que chamou igualmente *Acção Regional*.

É neste jornal que, sob o pseudónimo de *Juca*, João Mourato Grave dispersa a sua colaboração por vários números, onde retrata, sob a forma de poemas satíricos, acontecimentos e personalidades marcantes na vida da cidade.

Mas o destino do *Acção Regional* seria ditado pelo teor de um artigo publicado no seu n.º 107 de 13 de Janeiro de 1927. Tendo por título *Vida Cara*, contesta o artigo os aumentos dos preços lançados pela Comissão Municipal sobre alguns dos produtos das

indústrias locais. Assim, os chapéus de Alcains passam de \$50 para 5\$00, sofrendo um aumento de 900%. Igual aumento sofreram as fazendas fabricadas nos Cebolais. O burel passou de \$25 para 5\$00, aumentando 1.900%. As tripas e o pimentão (matérias primas essenciais para a fabricação dos enchidos) igualmente sofreram um aumento de 1.900%.

O conteúdo do artigo caiu mal no executivo camarário que mandou imprimir e distribuir um documento onde afirmava não ser verdadeira a notícia divulgada no *Acção Regional* sobre o aumento dos impostos e onde se teciam considerações nada abonatórias do bom nome do jornal, pois nele se considerava que «só intuitos malévolos podiam inspirar tal publicidade com o fim de afastar a concorrência aos mercados».

E no mesmo dia em que o documento circulava na cidade, o jornal recebeu do Governo Civil a informação de que a partir desse número o jornal seria censurado. A direcção do *Acção Regional* decidiu então suspender a sua publicação. No entanto, no fim desse ano de 1927, a 4 de Dezembro de 1927 um novo número saiu à luz.

Aproveitando a vinda à cidade dos Ministros dos Estrangeiros e da Instrução e do representante do Ministro do Comércio, o *Acção Regional*, fiel ao seu ideário, dá voz às grandes aspirações da cidade de Castelo Branco e da Beira Baixa.

A melhoria das acessibilidades era sentida como uma poderosa e imprescindível mola de desenvolvimento. As ligações ferroviárias Madrid-Placência e a construção de vias rodoviárias, que ligassem quer a região aos grandes centros, quer as povoações isoladas à cidade de Castelo Branco, contavam-se entre as aspirações mais marcantes da época.

Nesse número, Mourato Grave escreve a propósito uma das suas *Gazetilhas*, intitulada «Carta ao Sr. Ministro do Comércio», onde esta dupla aspiração ressalta com evidência. Diz o seguinte:

«Senhor Ministro: a estrada
que ha de ser até Coimbra,
só ficará chic e linda
se a puser já d'empreitada.

Outrossim deixo a vossência
Uma ideia, e bem bonita:
Faça a estrada aos de Malpica
Mas não esqueça os de Placência.

Quanto ao mais ... basta haver tino,
persistencia e não parar;
e bom exemplo, a copiar,
dá lh'o o nosso Severino»²⁸

No ano seguinte, a 11 de Março de 1928, o jornal *Acção Regional* volta a reaparecer com uma Direcção renovada: director e editor Dr. João Matilde Xavier Lobo,

redactor principal Dr. José Lopes Dias e secretário da redacção Dr. João Mourato Grave.



Reafirma-se nesse mesmo número a vinculação ao plano de intenções que o número já expressava: a sua completa independência partidária («não vimos por ninguém, nem contra ninguém»). O fim único, repetiram, «era o de especialmente defender e promover os interesses da Beira Baixa e de Castelo Branco, capital da Província».

Magnífica e cabalmente cumpriu o *Acção Regional*, com a nova direcção, estes propósitos. Questões fulcrais como o analfabetismo; construção de casas para pobres; construção da estrada para Coimbra; a implementação do Plano de Rega da campanha da Idanha; promoção e intensificação da fruticultura na Cova da Beira; melhoria da assistência hospitalar; reivindicação da implementação das Escolas Normais e da Assistência infantil; a campanha de angariação de fundos para a estátua de Vaz Preto; a denúncia da exploração dos trabalhadores da região da raia, constituem, entre muitos outros, alguns dos temas que perpassam pelas páginas da nova série do *Acção Regional*.

E era pela voz da poesia que as reivindicações e a denúncia das injustiças sociais por parte de Mourato Grave se faziam ouvir. Sirva de exemplo esta *Gazetilha*, escrita a propósito do aumento exorbitante das tarifas da luz na cidade de Castelo Branco, e do seu reflexo no aumento do custo de vida dos albicastrenses:

«Afinal isto de luz
não sei onde vai parar
que a questão só se traduz
em pagar ou não pagar.

Colhendo tudo na mó,
solta dum lado a moagem
e moi tudo - mas sem dó
o caroço e a coragem.

Vem depois o Seferino
Mussolini incipiente
e diz - não pagues menino
que assim manda o presidente!

Por isso é meu parecer,
em tão bizarra aventura
que pague a conta ... até ver
a Senhora Ditadura!»

Como era de esperar, o empenhamento da direcção do jornal teve um papel decisivo na divulgação do *IV Congresso e Exposição Regional das Beiras* realizado em Castelo Branco, de 16 a 23 de Junho de 1929.

As comunicações apresentadas neste Congresso pelos membros da Associação *Acção Regional* versam temas diversificados que se repartem por todos os sectores da vida social e económica da cidade e da região.



Cartaz de propaganda do IV Congresso e Exposição das Beiras. Reprodução do Desenho do Dr. José Seabra.

Apaixonado pelo jornalismo, João Mourato Grave apresenta neste *IV Congresso Beirão* o primeiro estudo sobre a Imprensa do Distrito de Castelo Branco. No preâmbulo deste estudo João Mourato Grave esclarece com modéstia «ser ele uma simples manta de retalhos, cerzidos, quasi todos, de fios rebuscados aqui e além», e «tracejado em curtos intervalos distraídos dos afazeres profissionais», como afirmou nas palavras de intróito.

Trata-se, sem dúvida, de um trabalho de mérito, a primeira tentativa de inventariação e análise dos jornais publicados em todo o Distrito de Castelo Branco, completando o trabalho iniciado pelo Dr. Eloy Cardoso em relação aos jornais apenas publicados na cidade de Castelo Branco.

O número extraordinário do jornal *Acção Regional* dedicado a este *IV Congresso Beirão*, publicado a 16 de Junho de 1929, é notável. Reúne colaboração de António José de Almeida, Hipólito Raposo, Pina Lopes, Germano da Cunha, António Correia de Oliveira, entre outros, e é através do *Acção Regional* que o próprio Presidente da República Marechal Carmona envia as suas saudações aos congressistas.

E este facto prenunciou uma morte anunciada das ideias de descentralização política que preenchiam o ideário regionalista das elites das Beiras destes finais dos anos 20.

À medida que a Ditadura endurecia e depois que o Estado Novo se institucionalizava, iam sendo progressivamente amordaçados todos os projectos descentralizadores e o cunho reivindicativo e interveniente do Regionalismo na malha social foi cedendo lugar a uma mera defesa de 'valores tradicionais', do 'folclore regionalista', bem ao gosto do Estado Novo, de que a elevação de Monsanto da Beira a aldeia mais portuguesa é exemplo paradigmático.

Um vasto e valioso espólio, constituído por largas centenas de fórmulas dos mais diversos produtos, os instrumentos utilizados na preparação de medicamentos e na medição dos seus componentes, a beleza e diversidade de alguns recipientes onde se guardavam quer os ingredientes, quer os produtos confeccionados, permitem sem sombra de dúvida afirmar que a Farmácia Grave, fundada em Castelo Branco pelo Dr. João Mourato Grave, constituiu um laboratório de referência na 1ª metade do século XX, orientada pelo espírito culto de um homem que a Castelo Branco esteve ligado pelo coração e que, com outros, lutou pela instrução e dignificação do povo e pelo desenvolvimento do interior da Beira.

* Geógrafa. Investigadora.

Notas

1 O Dr. João Mourato Grave morreu de doença de coração, deixando viúva D. Maria Beatriz Albuquerque Guedes Grave. A certidão de óbito foi passada pelo seu amigo Dr. José Lopes Dias.

2 Arquivo histórico da Escola Secundária Nuno Álvares, Livro de Matrícula n.º 20, fol. 124 f.

3 Arquivo histórico da Escola Secundária de Nuno Álvares, Liv. n.º 20., fol. 197 f.

4 Arquivo histórico da Escola Secundária de Nuno Álvares, Liv. n.º 27-A, fol. 30v.

5 Arquivo Distrital de Castelo Branco, Fundo Polícia de Segurança Pública de Castelo Branco (1869-1959), Maç. 18, fols 19v e 20 f.

6 Ramalho Ortigão, *As Farpas*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1948, Tomo I, p.261.

7 Ramalho Ortigão, ob. cit. p. 266.

8 V. Luís Pinto Garcia, *Estudos Albicastrenses -1, A Biblioteca Municipal*, Castelo Branco, Tipografia Portela Feijão, 1943.

9 Arquivo Distrital de Castelo Branco, Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç.41, Liv.40 (1900-1903), fol.51 f.

10 Arquivo Distrital de Castelo Branco, Actas da Câmara

Municipal de Castelo Branco, Maç. 40, Liv. 41, fol. 83 f.

11 António Mourato Grave, irmão de João Mourato Grave, era bacharel em Direito. Emigrou para Moçambique e em Lourenço Marques exerceu advocacia e abriu um cartório de notário. Dirigiu o jornal *Provincia de Moçambique* (1.º número 4 de Junho de 1911) no qual colaborou durante vários anos.

12 Arquivo Distrital de Castelo Branco, Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç. 41, Liv. 40, fol. 128v. e 129 f.

13 Arquivo Distrital de Castelo Branco, Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç. 41, Liv. 40, fol. 131 v.

14 Arquivo Distrital de Castelo Branco, Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç.41, Liv. 40, fol 170 v.). Os emolumentos seriam pagos em 96 prestações mensais ao abrigo de uma carta de «direitos de mercê» emitida pelo Delegado do Tesouro «pedindo o cumprimento do disposto no 82.º do artigo 20 do regulamento de 16 de Agosto de 1898». V. Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, sessão de 30 de Abril de 1902, fol.172 v.

15 Arquivo Distrital de Castelo Branco, Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç.42, Liv. 43 (1907-1908), fol 117 f.

16 Espólio do Dr. João Mourato Grave na posse de seu neto Dr. João António Grave.

17 Espólio do Dr. João Mourato Grave.

18 Afonso Costa, *Correspondência Política*, Lisboa, editorial Estampa, 1982, pp. 160-161.

19 Arquivo da Sé de Castelo Branco, Pasta 152, doc.

20 V. Maria Adelaide Neto Salvado, *A Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Castelo Branco - Espelho de Quereres e Sentires*, Coimbra. A Mar Arte, 1998, pp. 427-432.

21 A Sociedade Farmacêutica Lusitana, fundada em 1835 e da qual foi 2.º secretário o grande médico Sousa Martins, desempenhou acção relevante no estabelecimento do ensino superior de Farmácia em Portugal.

22 O Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, fundado em 1919 aquando da fundação da licenciatura universitária em Farmácia, teve as suas raízes na Sociedade Farmacêutica Lusitana.

23 «A Filial de Castelo Branco», elementos coligidos por José Luís dos Santos Domingos, in *Boletim de Informação Interna - Caixa Geral de Depósitos* n.º.71, Agosto de 1989.

24 A Associação instalou-se numa loja da casa Abrunhosa da antiga rua do Pina, facto que levou os albicastrenses a chamarem-lhe loja «Maçónica». Este facto não incomodava os associados, antes lhe achavam graça, usando eles próprios a alcunha. Mais tarde a sede da Associação foi mudada para um 1.º andar da Rua Postiguinho, na época chamada Rua Almirante Reis.

25 Manuel Pires Bento, *Da Acção Regional ao IV Congresso Beirão*, Castelo Branco, 1929, p. VII.

26 Manuel Pires Bento, *A questão Municipal*, Castelo Branco, 1928, p. XII.

27 Os outros membros fundadores eram: Albano dos Santos Ramalho, inspector escolar; António Trindade, médico; Jaime Lopes Dias, secretário geral do Governo Civil; João Eloi Cardoso e João Matilde Xavier Lobo, professores do Liceu; José Martins Cameira, major e Manuel Pires Bento, advogado.

28 *Acção Regional*, n.º 109, 15 de Dezembro 1927.

Fontes manuscritas

- Arquivo Distrital de Castelo Branco, Actas da Câmara Municipal de Castelo Branco, Maç. 42, Liv.43 (1907-1908); Maç. 41, Liv. 40 (1900-1903); Maç. 41, Liv. 41;
- Arquivo Distrital de Castelo Branco, Fundo da Polícia de Segurança Pública de Castelo Branco (1869-1959), Maç. 18.
- Arquivo histórico da Escola Secundária de Nuno Álvares, Livros de matrícula: Liv. n.º 20; Liv. n.º 22-A, Liv. n.º 27-A.
- Arquivo da Sé de Castelo Branco, Pasta 152.
- Espólio do Dr. João Mourato Grave.**

** Amavelmente cedido por seu neto Dr. João António Grave.

Fontes impressas

- *Anuário do Lyceu Nacional de Castello Branco*. Anno lectivo (1907 e 1908), Castello Branco, Typographica de J. L. Peleção, 1909.
- *Anuário do Liceu Central de Castelo Branco*. Ano Escolar de 1914-1915.
- BENTO, Carlos, *Bibliografia dos Antigos Mestres e Alunos do Liceu de Castelo Branco*, 1962.
- BENTO, Manuel Pires, *Da Acção Regional ao IV Congresso Beirão*, Castelo Branco, 1929.
- BENTO, Manuel Pires, *A questão Municipal*, Castelo Branco, 1928.
- COSTA, Afonso, *Correspondência Política (1896-1910)*, (organização, prefácio e notas de Oliveira Marques), Lisboa, Editorial Estampa, 1982.
- *Legislação Portuguesa*, Collecção de Leis Documentos Officiaes Publicados, Jan/Dez, 1836.
- GARCIA, Luis Pinto, *Estudos Albicastrenses-1 A Biblioteca Municipal*, Castelo Branco, Tipografia Portela Feijão, 1943.
- «O cinquentenário da Licenciatura em Farmácia», *Revista Portuguesa de Farmácia*, n.º 21, Lisboa, 1971.
- ORTIGÃO, Ramalho, *As Farpas*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1948.
- *Jornal Acção Regional*, (1.ª Série e 2.ª Série).

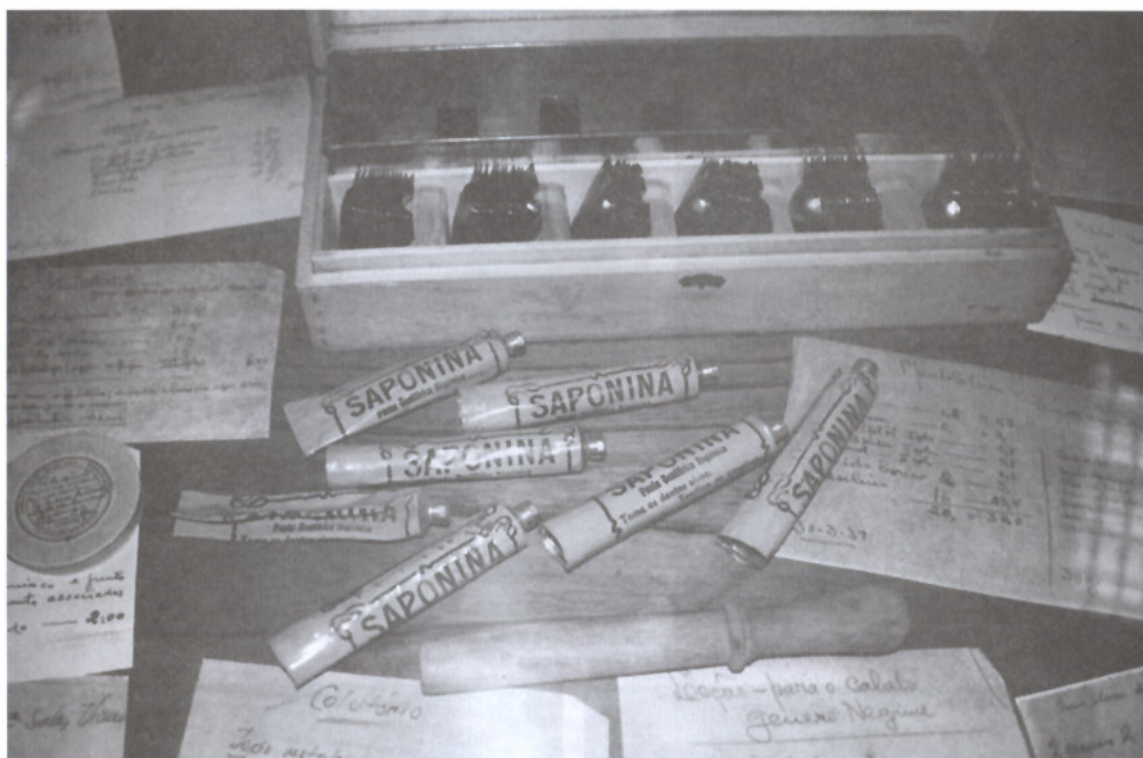
Exposição
XV Jornadas de História da Medicina da Beira Interior



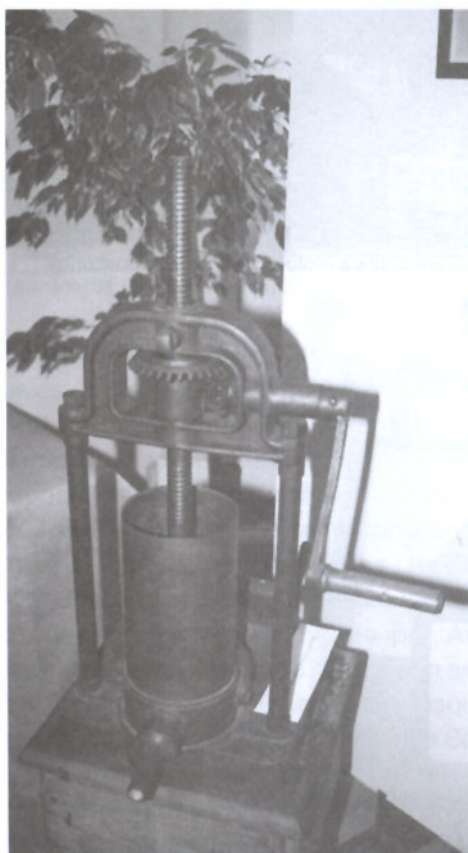
Dr. João Mourato Grave - Vida e Obra no espírito do tempo



Um aspecto da exposição.



Formulas variadas. Ao centro bisnagas da pasta dentífrica Saponina, atrás moldes para fazer óvulos.



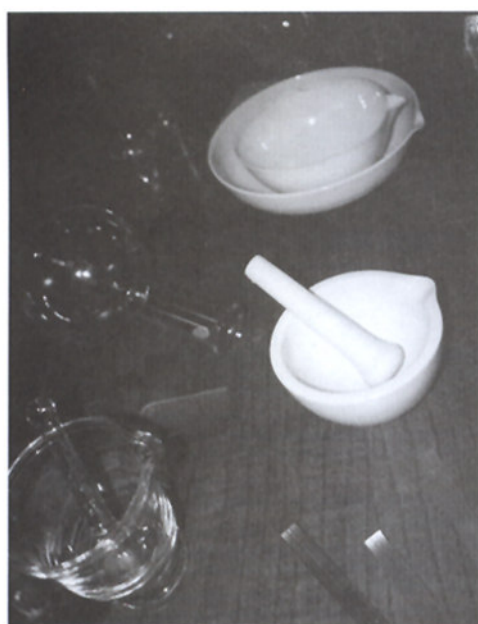
Máquina de encher bisnagas.



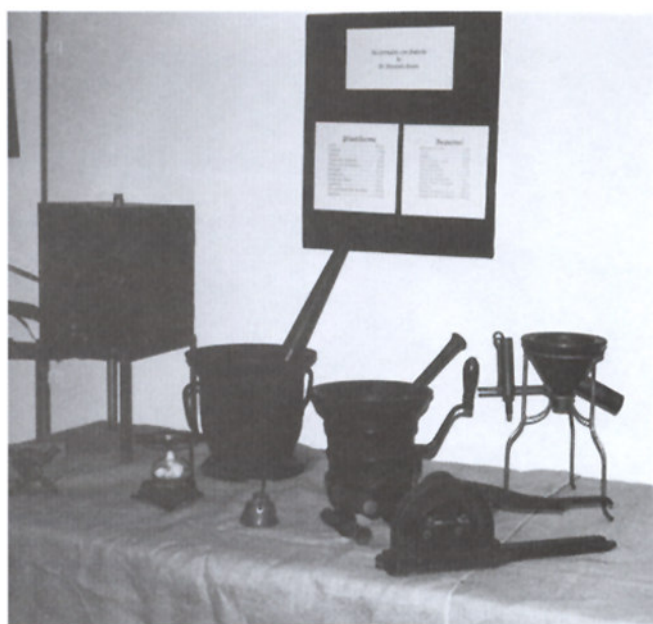
Da esq. para a dir. "Banho Maria", medidas e balanças, aparelho para fazer o xarope bequimel e tina de mercúrio.



Rótulos de produtos variados. Ao centro máquina de supositórios.



Almofarizes em vidro e porcelana.



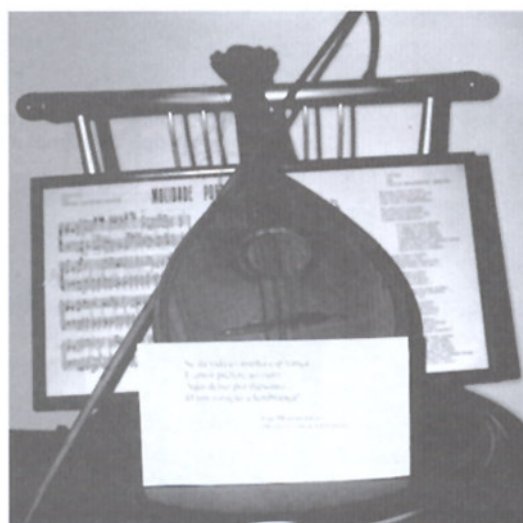
Da esq. para a dir. estufa, almofarizes em ferro, prensa e aparelho para fazer o xarope Bequimel.



Rótulo e cortador de rolhas



Almofarizes em cobre e moldes para fazer supositórios.

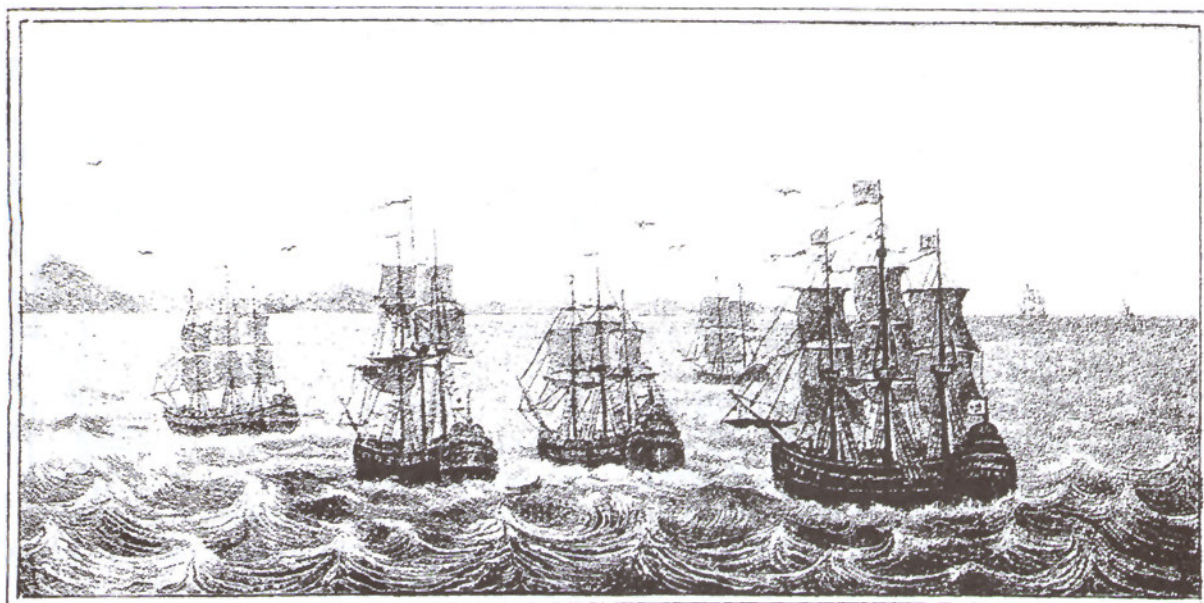


Objectos pessoais do Dr. Mourato Grave. Por de trás, letra e música de um hino da sua autoria.

Agradecemos ao Dr. João António Grave, actual proprietário da Farmácia Grave, a cedência dos objectos desta exposição, e à Dr.ª Maria Raquel de Albergaria, actual responsável técnica, a sua identificação.

AMATO LUSITANO E A MEDICINA DAS NAVEGAÇÕES NO SÉCULO XVI

Alfredo Rasteiro*



Armada de Vasco da Gama.

A Medicina Humana, baseada no estudo e na aprendizagem, na observação e na intuição, foi dogmática e analogista, empírica e racionalista, repetitiva e experimentalista, mestra na arte de inquirir e na de integrar experiências presentes em experiências passadas, visando a manutenção e a recuperação da Saúde.

Nos séculos XV e XVI, período marcado pelas descobertas marítimas e terrestres dos portugueses e pela expansão mundial da Europa, a Medicina Europeia viveu a «Reacção Hipocrática» desencadeada por «Gramáticos», ciosos da Terra Santa e do martírio de Cristo, desejosos de extirpar dos textos de Hipócrates (460-377 a. C) e Galeno (130-200) o que lhes fora acrescentado por Autores Árabes e Judeus. Havia, e continuam a existir, em toda a Europa, aqueles que se esquecem das Escolas de Tradutores

de Toledo e Córdova e tentam desconhecer o passado dos Algarves, omitindo referências à presença da Civilização Árabe nas terras de Portugal, desde 711 até à «libertação» (?) de Faro, em 1249. Haverá até quem «desconheça», olímpicamente, que o último rei mouro da Península Ibérica governou Granada, até 1492.

Em Portugal, Mestre Gil Vicente, que não era médico, mostrou, na «Farsa dos Físicos» (1525?), o que era a «nova medicina» do século XVI, que começava a nascer, através das caricaturas de três médicos bacharéis latinos e de um «físico» praticante da «medicina manual», que poderiam ter servido de modelos, ou que poderiam ter sido inspirados pelos «Quatro Apóstolos» de Albrecht Durer (1471-1528), acompanhados por uma «infimera» ladina, que era «idiota» por não ser «latina», mas que não era burra e

os metia, a todos, na chinela.

Herdeiros da medicina hipocrático-galenica, os médicos aceitavam a doutrina dos «Quatro Elementos» e conheciam as propriedades dos medicamentos. Respeitavam ventos e climas. Conheciam os «Quatro Humores» e os «Quatro Temperamentos». Distinguiam as doenças pelos temperamentos e não tinham necessidade de identificar cada uma em particular, atribuindo-lhe uma designação que a isolasse das restantes, ao contrário daqueles que exercem medicina sem serem médicos e admiram rótulos. Assim, na grande «Revolução científica» desencadeada pelas longas viagens marítimas, nos contactos com povos desconhecidos, os médicos sabiam lidar com doenças aparentemente novas e encontravam-nas nos velhos livros, ao contrário daqueles que não tinham formação médica e que, sabendo observar, poderiam encontrar alguma doença aparentemente nova, como a «doença crua e feia», cantada em «Os Lusíadas», Canto V, 81-82, 1572 por Luis Vaz de Camões, que não era médico, mas que estivera encarcerado em Lisboa e cercado em Ceuta, que fora soldado na Índia, aventureiro na China, e regressara, certamente conhecedor do relato do embargo a Sevilha (1369-1371) registado por Fernão Lopes na «Crónica de D.Fernando», Capítulo XLII, conhecedor daquilo que se dizia nos convés dos navios e nas praias de Portugal, sabendo o que tinham escrito Alvaro Velho (?), João de Barros e Fernão Lopes de Castanheda sobre a primeira viagem de Vasco da Gama à Índia (1497-99), provável conhecedor das «Navegações» de Ramúzio, e dos relatos de António de Pigafetta, companheiro de Fernão de Magalhães, na viagem ao Pacífico.

Na Medicina não basta saber o nome da doença, e procurar a receita no «Pantagruel», como na Culinária. Na Medicina hipocrático galénica, na medicina científica clínico-patológica dos séculos XIX e XX e na medicina baseada na evidência, dos tempos actuais e futuros, o «saber médico de experiência feito» possibilita a abordagem do doente e o tratamento das doenças, mesmo que se desconheçam os nomes das doenças e as respectivas causas.

Até ao século XVI o «Cantico da Medicina», de Avicena (980-1037), resumia o saber médico hipocrático-galénico:

«1135 . Se o doente é de temperamento frio, tudo o que refresca, prejudica

1142 . Se o doente for de temperamento cáldo, é prejudicado pelo calor

1171 . As flebotomias são úteis nas inflamações da língua, gengivas, garganta e úvula

1178 . As sangrias ajudam nas úlceras serpiginosas e nas úlceras estomatológicas.

1183 . As sangrias são úteis nas hemorragias das gengivas e dos ouvidos»

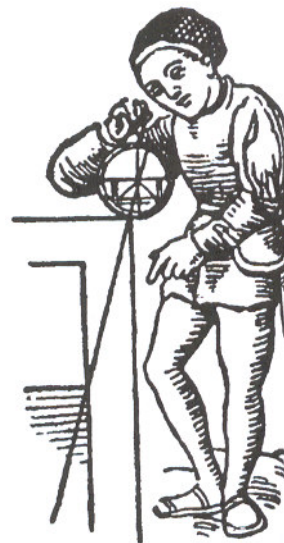
A bordo dos navios desconheciam-se os

ensinamentos de Galeno e, contra o que estava escrito em «De sectis», praticavam-se sangrias sem se atender à idade e ao estado geral do doente, em climas escaldantes e no tempo frio, especialmente no Cabo da Boa Esperança, onde ninguém lucrou com isso até porque, na maior parte dos casos, o saber médico, da época, de todas as épocas, o não aconselhava.

Há erros que se transmitem e há verdades que não são divulgadas. A entrada de novos conhecimentos nos livros de texto não é fácil. Amato Lusitano viajou por mar, ouviu sobreviventes de longas viagens marítimas e deixou alguma inovação deste tipo na «Scholia» que acompanha a Memória n.º 80, «Sexta Centúria», 1559 a propósito do caso de Mariño, ilhéu obeso de aspecto pituitoso, com 38 anos de idade, que durante os últimos três anos sentira tonturas, cefalalgias, zumbidos, gastralgias, anosmia, vertigens e visão nublada. Cansado de médicos e mixórdias, especialmente preocupado com as alterações da visão, procurou Amato e passou a gozar de excelente e próspera saúde.

No Comentário a este Caso, o albicastrense João Rodrigues recorda que acabara de sair da tipografia o terceiro tomo das «Navegações» com a descrição de «um novo e desconhecido género de doença» que atingira marinheiros de Jacques Cartier (1491-1557) na viagem 1534 ao Rio S.Lourenço (J.B.Ramúzio: «Delle Navigazione», Veneza, 1556). Amato diz: «...os franceses que navegavam para a Nova França, ou Florida, foram atacados por uma doença nova e não sabiam lidar com ela. Porém, todos os infectados melhoraram com o auxílio das folhas de uma árvore e, igualmente, quantos sofriam de sarna gálica, desde há muitos anos». Vai daí, Amato pensou que a referida árvore fosse o Guaiaco e adiantou que, por estas bandas, os Hispânicos entendiam que o Guaiaco, das «Américas» e o Buxo, da «Europa», tinham os mesmos efeitos. Amato até diz que sabe bem quanto difere o buxo europeu do guaiaco das «Índias de Castela» nas folhas, nos frutos, e no resto, e que experimentara ambos, com resultados iguais, numa antecipação das «guerras dos genéricos» dos nossos dias.

Quanto às alterações registadas na Memória 80, da «Sexta Centúria», no século XVI não era possível



ir mais longe. No presente, o diagnóstico seria valorizado, entre outros, no exame do fundo ocular e estudo da artéria vertebral.

A «doença nova», detectada em 1534, fizera estragos no embargo a Sevilha (1369-1371), estivera presente na primeira e na segunda viagem de Vasco da Gama, (1497-1499 e 1502) e será designada «Mal de Loanda», cidade fundada em 1575.

Mal das gengivas na Bíblia, «Livro de Job», «escorbuto» no Norte da Europa, doença «crua e feia» em Camões («Os Lusíadas», Canto V, 81-82, 1572) este «novo e desconhecido género de doença» apenas será compreendido no século XX, após a descoberta das Vitaminas, quando se reconheceu que o Homem, o Macaco e o Cobaio não dispõem de equipamento enzimático para a elaboração de Vitamina C.

A síntese do ácido L-ascórbico por Reichstein, Grossner e Oppenauer (Nature, 1933, 132, 280) possibilitou o tratamento específico do escorbuto.

Historiadores da Medicina interessaram-se pelas «laranjas» de Melinde e houve quem as considerasse arma secreta dos Descobrimientos, como a «Penicilina» para os Ingleses, no final da Guerra de 1939-45. Curiosamente, uma carta de D.Manuel para um Cardeal próximo do Papa, datada de 28 de Agosto de 1499, dia imediatamente anterior ao

do desembarque de Vasco da Gama em Lisboa, fala em canela, cravo, pimenta, gengibre, noz moscada, bemjoim, ambar, almiscar, perolas, rubis, e todo outro genero de pedraria, e mercadorias preciosas, fala do tempo e refere que, na Índia, de Maio a Agosto eram meses de inverno e, especialmente, fala de «**pipinos laranjas limões e çidras**» que não eram referidos nas cartas enviadas à rainha de Castela e ao rei de Aragão, datadas de Julho, em que D.Manuel lhes anunciou o feliz sucesso da viagem de Vasco da Gama e lhes acenava com «**mynas douro**», cravo, canela, gengibre, pedraria fina e Rubis, como se quizesse atihar cobiças nos Pições, tio e sobrinho, que zarparam rapidamente para Ocidente, «**pelejaram cõ hos Brasis, & nam guardaram nada**», isto é, não viram nada, de tão ávidos que iam! (António Galvão: História dos Descobrimientos).

A associação «**pipinos laranjas limões e çidras**», da carta enviada para Roma, por D. Manuel, tem fundamento na «Matéria médica», dos séculos XV-XVI, que será anotada por Amato Lusitano e André Laguna.

«Pepinos» é assunto do Livro II da Obra de Dioscoridis e, com os Pepinos, estão Melões, Cabaças e Calondros, o que justifica o tropeção de António Cruz numas «melarancie & limoni» que Thome Lopez não esqueceu na «Navigatione verso le Indie Orientali scritta per Thome Lopez, scriuano de vna naue Potrtughesa», em 21 de Agosto de 1502, poucos dias antes do infeliz episódio do apresamento e morticínio da nau Meri (cotado em António Cruz: «O Porto nas navegações e na expansão», IPCLP, 1ª ed. 1972, 2ª ed.1983).

«In Dioscoridis Anazarbei de medica materia» traduzido por Amato Lusitano, Livro II, «DE SATIVO CVCVMERE» ocupa a Enarratio CXXIX (129), com destaque para o tema «PEPO» que significa «pepinos», na Hispânia; cocomeros e citruolos na Lombardia; popons e melons em França; citrullen na Alemanha. Os desenhos que acompanham as nar-

rativas de Amato, correspondentes a «Pepo», «Citrullus», «Cucumis sativus» e «Cucumis marinus», são tirados do «New Kreuter-buch», Basel, 1543 de Leonhart Fuchs (1501-1566).

Diz Amato: «Hinc de cucumere (quia textrices magna ex parte impudicae sunt) adagium ortum est: Texens pallium mulier, cucu-

merem devoret. Raro in Lusitania cucumer videtur; Secus anté in altere parte Hispaniae, praecipuè apud Salmanticenses, vbi in magna cernitur copia, hirsutus, colore omnino viridi, longitudine cubitali & curua. At pepo is est, quem officinae ob colorem citri, in maturitate acquisitum citrullum appellant, graeci verò illum pepanon, id est maturum, graia voce dixere, quam voce Hispani vel hodie servantes, nulla imutata litera aut syllaba, illum quoq; pepanum vocant, & eius supremam partem cõcisam, fronti aestus hora, in Qua illum plerunq; comedimus, tanquam refrigeratum, ad movemus, quod olim quoq; à Grecis sieri Dioscoridis inveni videtur. Vescimur enim pepone Hispani, dum viret: nam postquam maturuit, & colorem luteum, citri maturi contraxit, tanquam cibo inutili reiicimus, si quid tamen illius comedendum sit. eius suprema & cartilaginea pars tantu(m) pro victu, reiecta eius medullari parte, accipienda est: vt apud inferiores Germanos plerumq; fit qui peponibus iis, non nisi maturis, contra Hispanorum consuetudinem, in victu vtuntur ... melopepones, hodierni sunt melones, quoru(m) varietas ingens est, quum alis cortice subtili teguntur tardus maturi



Ilustração do livro de André Laguna.



«Os quatro Apóstolos» de Albrecht Dürer (1471-1528) em que Nicola Pende viu exemplificado o seu «Tratatto di Biotipologia Umana», Milano, 1934.

siunt, ... vendentes, peponas appellant: alis autem intus sunt rubri, & illorum quidam muschatelli dicti, odore & sapore praestantissimi, vt apud Lusitanos Abrantini dicti, ab oppido Abrantes dicto, quod Tajos aurifer praeterlabitur,...

O assunto «Laranjas», tratado por Dioscoridis no Livro I do Peri illeV iatriceV, introduziu-se no tema «Maçãs» e este tornou-se tão vasto que Amato Lusitano o desdobrou em oito novos Capítulos do Livro I: De Malis, Capítulo CXLV (145 - Hispanicè, mansanas), De Cydoniis (146-me(m)brilhos, marmellos), De Melimelis, poma mellei saporis (147 - galopomella), De Persicis (148 - pexegos; Germanicè, Sant Johans psersich), De Armeniacis et praecociis (149 - albricoques), De Citriis (150 - cidras), De Pyro (151 - peras), De Mespillis (152 - nesperas). O capítulo CL, «De Citris» trata de «Species Citri» e inclui:

- Limones
- Narrantia (aurantia, citrangulum, naranjas, aranci, auranges, Pomerantzen) e
- Adam poma (azamboas, lomie, pome de adamo, Adams oepffel), com uma longa citação das «Georgicas», de Virgílio.

Andrés Laguna não irá tão longe e «De todo genero de Mançanos» foi encaixado num extenso Capítulo CXXXI (131) do Livro I, páginas 101-107, onde diz que «De baxo del nombre de la Mançana, que en Griego,

se llama Malon, y en Latim Malum, cõprehendio Dioscorides muchas y muy varias frutas» ... maçãs, marmelos, pêcegos, albricoques, «y en summa, todo genero de Cidras, y de Limones». O fruto maçã, «Metido en las arcas juntamente com los vestidos, se cree q(ue) los preserua de la polilla» (traça). ...

E, «Debaxo de las **Mançanas llamadas Medicas, porque nacen muy excellentes en la region de Media**, se comprehenden las **Cidras, los Limones, las Toranjas, y las narãjas**: aun que Dioscorides no conocio sino tan solamente las cidras: el arbole de las quales se llama en Latin **Citria malus**». Laguna explica que «La Naranja se dize en Latín **Aurantia**, porque, quando es perfectamente madura, **tiene color de oro**»

No Capítulo CXXIII (124), página 219, «Del Pepino», Andres Laguna diz que «El Pepino domestico relaxa el vientre, y es conueniente al estomago» e anota: «**Llamanse los Pepinos communmente Citruli, por parecer-se à las Cidras, llamadas Citra mala**, y esto no solamente en el color amarillo que tienen, quando estan bien maduros, empero tambien en la longura del cuerpo, y en la corteza que posseen aspera, crespa, & muy sarpollida, como las mesmas Cidras: aunque algunos medicos toman harto impropriamente por Cirulos, no los pepinos, sino ciertas calabças redondas, que se conseruan todo el año...»

E é tempo de citar Leonhart Fuchs: «Von Cucumern. Cap. CCLVII: ... Das vierdt geschlecht nent man in den Apotecten Citrulum /vnd auffteutsch Citrullen...»

Fica assim explicado porque é que as laranjas doces são «melarancie» e porque é que os «pipinos» surgiram ao lado das laranjas.

«Pipinos, laranjas, limões e cidras», da carta que D. Manuel enviou para Roma em 1499, transcrita por João Martins da Silva Marques em «Descobrimientos Portugueses», Vol. III, (1461-1500), Lisboa, 1971, edição facsimilada, INIC, 1980, pág. 549 foram temas importantes na «Materia Médica» do século XVI e, por isso, prenderam a atenção de Amato Lusitano e mereceram os seus comentários latinos, de difícil acesso.

Sendo as laranjas o fruto «que muito desejavam os doentes», todos os carenciados as desejariam e, desta forma, muito dificilmente se tornariam segredo, ainda que D. Manuel falasse delas em Roma e as esquecesse em Espanha.

Quadrãte



Bibliografia

Amato Lusitano: «In Dioscoridis Anazarbei de medica materia», 1553.

Amato Lusitano: «In Dioscoridis Anazarbei de medica materia», Lvgdvni, 1558.

Andre Laguna: «Pedacio Dioscorides Anazarbeo,

acerca de la materia medicinal», Anuers, 1555. Andre Laguna: «Pedacio Dioscorides Anazarbeo, acerca de la materia medicinal, y de los venenos mortiferos, traduzido de la lengua Griega, en la vulgar Castellana», Salamanca, 1566, edição facsimilada, 2 volumes, MRA, España, 1994.

João Martins da Silva Marques: «Descobrimientos Portugueses», Vol. III, (1461-1500), Lisboa, 1971, edição facsimilada, INIC, 1980, pág. 549.



Escritos maiores e menores sobre Ribeiro Sanches*

João Rui Pita**

Ana Leonor Pereira***

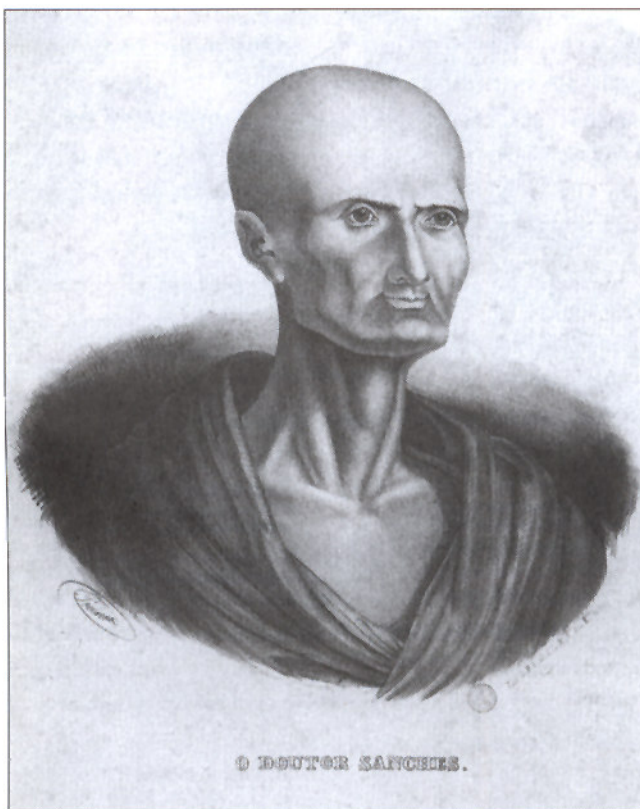
Introdução

Tomamos como ponto de partida um artigo de Victor de Sá publicado em 1970 no qual o autor faz um balanço retrospectivo dos estudos sobre Ribeiro Sanches. Sem dúvida, este trabalho de Victor de Sá constitui um marco na historiografia portuguesa sobre este grande vulto da cultura e da medicina do iluminismo.

Com efeito, em 1970 num artigo intitulado “A má consciência nacional. A respeito de Ribeiro Sanches”¹, publicado no jornal *O Comércio do Porto*, o historiador Victor de Sá denunciava o desconhecimento em Portugal deste vulto até à sua inclusão no *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio Francisco da Silva. Victor de Sá salienta a escassez dos estudos realizados por autores portugueses sobre Ribeiro Sanches; assinala que Barbosa Machado o incluiu na *Biblioteca Lusitana*. Também era conhecido pela biografia de Vicq-d’Azir traduzida por Filinto Elísio. Um outro autor estrangeiro, Alfred Franklin, baseado no *Dicionário* de Inocêncio, revelou em 1864 a existência de cinco volumes de manuscritos de Sanches na Biblioteca da Faculdade de Medicina de Paris. Neste quadro onde se salienta a iniciativa de

autores estrangeiros, Victor de Sá indica que alguns autores portugueses, em particular historiadores médicos debruçaram-se sobre a obra de Ribeiro Sanches. É o caso de Rodrigues de Gusmão e de Sousa Viterbo com artigos “evocativos e eruditos”. Por

outro lado, acrescenta Victor de Sá, o historiador e erudito Teófilo Braga “pôs em relevo a importância científica pedagógica e reformadora de Ribeiro Sanches, ao ocupar-se dos reflexos em Portugal do espírito crítico do enciclopédismo, no 3º volume da sua *História da Universidade de Coimbra*. Então a personalidade de Sanches e o conjunto da sua obra começaram a atrair um interesse maior”². Victor de Sá refere ainda o destaque que Sobral Cid dá a Ribeiro Sanches na sua *Oração de Sapiência*, na abertura do ano-lectivo de 1907/1908. Regista igualmente as notas biográficas de Ricardo Jorge e de Artur Araújo e sublinha justamente o valor do trabalho



Ribeiro Sanches - (Lith. de M. L. da Costa, in João Pedroso, 1823-1890).

realizado por Maximiano Lemos. Significativamente acrescenta Victor de Sá: “afora este interesse dos médicos portugueses que, na realidade se empenharam, um pouco tardiamente é certo, mas ainda assim com justificado orgulho, por dar certa projecção a um nome tão cimeiro da História da Medicina como é o de Ribeiro Sanches, não se tem visto nos outros

sectores intelectuais portugueses um semelhante interesse, excepção feita a um homem, o professor Joaquim de Carvalho (1892-1958), que quando dirigiu a Imprensa da Universidade de Coimbra promoveu em 1922 a publicação em volume das já citadas *Cartas sobre a Educação da Mocidade* e que havia também empreendido, mas a morte interrompeu abruptamente os seus trabalhos, a edição conjunta das *Obras* do sábio setecentista³. Para além destes estudos Victor de Sá referiu os trabalhos de António Ferrão publicados nas *Memórias da Academia das Ciências* e o estudo de Raúl Rego a propósito da questão da origem dos cristãos-novos, cristãos-velhos. A finalizar o seu texto, Victor de Sá destaca a importância decisiva das publicações de David Willemse⁴ e de Charles Boxer⁵ concluindo que os investigadores estrangeiros são “quem mais perseverantemente se empenha em fazer luz e divulgar a biografia e o pensamento desse português que, mesmo no exílio, tanto honrou e tantos serviços prestou à Pátria que lhe foi berço”⁶. Foi assim no século XVIII e é assim no século XX.

Ribeiro Sanches vem frequentemente referido em tratados internacionais de história da medicina, sendo dado particular destaque ao facto de ter sido um dos discípulos directos do conhecido médico holandês Hermann Boerhaave e de ter contribuído para a divulgação das ideias do clínico de Leyde. É o caso, por exemplo, de Pedro Lain Entralgo que escreve: “com o holandês Hermann Boerhaave (1668-1738) chega a escola médica de Leyde ao seu máximo esplendor. De toda a Europa procediam os ouvintes das suas lições, entre eles os austríacos G. Van Swieten e A. de Haën, o suíço-alemão A. Von Haller, o inglês Pringle e o português Ribeiro Sanches”⁷.

A grandeza de Ribeiro Sanches era incontornável também em Portugal e, assim, vários estudos vieram a lume sobre diferentes aspectos da vida e da obra do médico e enciclopedista. Os nossos interesses neste trabalho incidem, essencialmente, sobre Ribeiro Sanches, médico.⁸

As biografias de Maximiano Lemos e Davis Willemse

As biografias de Maximiano Lemos e de David Willemse são as duas obras maiores, de referência obrigatória, para a abordagem biográfica de Ribeiro Sanches.

Maximiano Lemos publicou em 1911 a obra intitulada *Ribeiro Sanches. A sua vida e a sua obra* que tem como sub-título *Obra escrita sobre novos documentos, no desempenho de uma comissão do Governo Português*⁹. O autor na nota de abertura intitulada “Ao leitor” dá-nos conta da história que está por detrás da publicação da obra. Assim, escreve: “encarregado em 31 de Agosto de 1909 de escrever,

em comissão gratuita, a história da medicina em Portugal, pelo meu amigo Wenceslau de Lima, que então geria a pasta do reino, entendi que, de preferência a refazer trabalhos anteriores, me devia consagrar ao estudo do período moderno dessa história cujo começo se pode datar do advento de Ribeiro Sanches”¹⁰. Refere Maximiano Lemos que tanto Andry como Vicq d’Azyr haviam dado a conhecer a vida e obra de Ribeiro Sanches mas sublinha, também, que “nenhum deles lhe tinha consagrado a atenção que ele merecia”¹¹. Úteis foram também os escritos de Ricardo Jorge e de Artur Araújo. Mas, capitais para a sua biografia foram os estudos que realizou em manuscritos existentes em arquivos e bibliotecas nacionais e estrangeiras, nomeadamente o Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Arquivo da Torre do Tombo, Biblioteca Nacional, Biblioteca da Ajuda, Biblioteca de Évora, Faculdade de Medicina de Paris, Universidade de Salamanca, Universidade de Leyde, etc. Ao longo de quase quatrocentas páginas e em treze capítulos, Maximiano Lemos traça uma biografia pormenorizada de Ribeiro Sanches. A sua família, a sua infância e os estudos universitários em Coimbra; no capítulo II trata dos estudos realizados em Salamanca, as relações encetadas naquela Universidade, o exercício da prática clínica, o regresso posterior ao país; segue-se a vida clínica de Ribeiro Sanches em Portugal, Benavente, a sua passagem e fixação em Lisboa, os problemas religiosos que o obrigaram a sair do país e as relações que foi estabelecendo. No capítulo IV Maximiano Lemos aborda a saída de Portugal e a passagem de Ribeiro Sanches por Génova, Londres, Marselha, Bordéus, Pisa, novamente Bordéus e Londres. No capítulo V trata da vida de Ribeiro Sanches em Leyde, ponto crucial da sua carreira. O capítulo VI incide sobre a chegada de Sanches à Rússia, o reconhecimento e declínio das suas funções e a sua deslocação para Paris. Nos capítulos VII e VIII aborda a chegada de Ribeiro Sanches a França, sua vida em Paris, onde veio a redigir parte capital da sua obra e o estabelecimento de relações científicas, culturais, políticas, etc. No capítulo IX expõe a fase final da vida de Ribeiro Sanches. Finalmente, nos capítulos X a XII Maximiano Lemos analisa várias das suas obras incidindo sobre Ribeiro Sanches sifiliografo, higienista, educador e reformador. No último capítulo antes da *Bibliografia* e *Documentos*, Maximiano Lemos reporta-se às ideias religiosas, políticas e económicas de Ribeiro Sanches.

Esta obra de Maximiano Lemos surge na sequência de algumas publicações que realizou em data anterior. No *Boletim da Segunda Classe. Academia das Ciências de Lisboa*, publicou em 1909-1910 o trabalho *Portuguezes illustres em França: Soares de Barros, João Jacintho de Magalhães e Ribeiro Sanches*¹²; nos *Archivos de Historia da Medicina Portuguesa* publicou *Ribeiro Sanches, subsídios para a sua biographia*¹³

obra que serviu de base aos três primeiros capítulos da biografia editada em 1911. Neste mesmo ano publicou no conhecido periódico *Janus* um artigo intitulado *Ribeiro Sanches à Leyde (1730-1731)*¹⁴ e nos *Archivos de Historia da Medicina Portuguesa* tratou de publicar e estudar documentos epistolares, *Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valladares*¹⁵; relativamente a estes documentos o autor refere: “de entre os documentos novos que recolhemos para a memória que publicamos recentemente sobre Ribeiro Sanches, poucos são tão valiosos como as cartas que existem na Biblioteca de Évora dirigidas ao Dr. Manuel Pacheco Sampaio Valladares”¹⁶. Para além destas obras assinalem-se, ainda, *Notícia de alguns manuscritos de Ribeiro Sanches existentes na Biblioteca Nacional de Madrid*¹⁷, *Notícia de alguns manuscritos de Ribeiro Sanches*¹⁸ & *Amigos de Ribeiro Sanches*¹⁹.

A biografia de David Willemse intitulada *António Nunes Ribeiro Sanches - Eleve de Boerhaave - et son importance pour la Russie*²⁰ é outro dos trabalhos clássicos de grande porte sobre Ribeiro Sanches. Publicado em 1966 e editado justamente em Leyde, cidade onde Sanches conheceu Boerhaave, como suplemento da revista *Janus*, que tem como sub-título “revista internacional de história das ciências, da medicina, da farmácia e da técnica”. A obra é extensa, com um total de 188 páginas, contendo em anexo o fac-símile do *Catalogue des livres de feu de M. Ant. Nuñez Ribeiro Sanchès*, publicado em Paris em 1783. David Willemse realizou investigação em fontes impressas e manuscritas em Bibliotecas e Arquivos como o Arquivo da Academia das Ciências de Leninegrado, na então União Soviética, nos Arquivos Municipais de Amsterdão, nos Arquivos Municipais de Haia, Arquivos Nacionais de Middelbourg, Biblioteca da Faculdade de Medicina de Paris, Biblioteca Nacional da Áustria (Viena), Biblioteca Nacional de Madrid, Biblioteca da Universidade de Leyde, Biblioteca da Ajuda (Lisboa), Biblioteca Pública de Braga e Biblioteca Pública de Évora. Willemse trata na sua obra, essencialmente, das relações de Ribeiro Sanches com a Rússia e das perspectivas de alguns autores russos sobre o médico português. Willemse conclui que “foi possível demonstrar a influência que Sanches pode exercer na vida cultural da Rússia do seu tempo”²¹.

Outras biografias

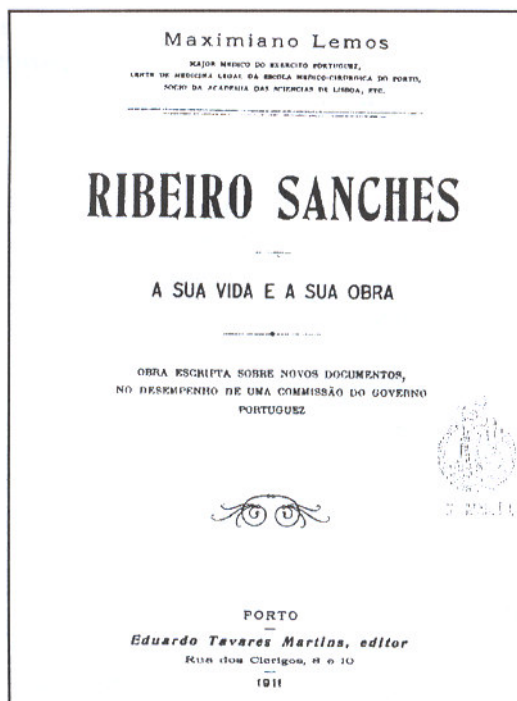
Ribeiro Sanches foi biografado por diversos autores portugueses. Os estudos são de dimensão e profundidade desigual, sublinhando-se habitualmente o perfil enciclopedista do médico português, a sua dimensão de pedagogo, a sua vertente sócio-política; enquanto médico enfatiza-se com frequência a sua influência na renovação dos estudos médicos na Universidade de Coimbra, a sua estadia na Rússia e em França. Alguns resumos foram publicados em dicionários e obras do género. Podemos referir as notas biográficas incluídas na *Biblioteca Lusitana* de

Barbosa Machado²², o *Dicionário Bibliográfico*, já citado, de Inocêncio Francisco da Silva²³; igualmente, a síntese incompleta inserta na *Enciclopédia Luso-Brasileira*²⁴, a síntese biográfica extensa incluída na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (vol. 25)²⁵; do mesmo modo deve ser assinalada a síntese completa realizada por Coimbra Martins no *Dicionário de História de Portugal* dirigido por Joel Serrão²⁶. Uma nota biográfica de Ribeiro Sanches pode ser vista também no *Dicionário de História Universal* de Mário Matos e Lemos²⁷.

Os estudos de Victor de Sá, já referidos, publicados no *Comércio do Porto* entre 1970 e 1971²⁸ são um valioso contributo para o conhecimento

de Ribeiro Sanches. Em três artigos aborda o desconhecimento a que Ribeiro Sanches esteve votado em Portugal; a faceta científica e a condição de “estrangeirado” do médico português; a sua presença em França e as suas relações com os meios intelectuais do tempo.

Entre os trabalhos de índole biográfica geral, assinalem-se os estudos pioneiros de Rodrigues de Gusmão²⁹ e de Sousa Viterbo³⁰, em finais do século XIX, que já referimos citando Victor de Sá e a biografia inserta no *Archivo Bibliographico* (1877)³¹. Em 1909 na *Gazeta dos Hospitais do Porto*, Artur Araújo publicou *Subsídios para a monographia do celebre medico portuguez Antonio Nunes Ribeiro Sanches*³². Em 1933, na revista *latria*, Hernâni Barrosa³³ publicou uma breve biografia de Ribeiro Sanches. Nos finais dos anos 40 do século XX Evaristo Franco incluiu na sua obra *Glórias da medicina portuguesa*, um capítulo integralmente dedicado a Ribeiro Sanches³⁴. Por seu turno, Fernando Namora, em *Deuses e Demónios da*



Medicina, coloca Ribeiro Sanches a par das maiores figuras mundiais da história da medicina³⁵. Assinalem-se, também, as súmulas biográficas de Sebastião José de Carvalho publicado em *Terapêutica*, 1950³⁶; Maximino Correia, em 1967, na *Coimbra Médica*, publicou, entre vários trabalhos sobre Ribeiro Sanches, uma síntese biográfica³⁷ e também um estudo intitulado *Ribeiro Sanches, camonista*³⁸. Nos *Anais da Academia Portuguesa de História*, Montalvão Machado publicou *Alguns aspectos da vida e da obra de Ribeiro Sanches*³⁹. Manuel Pires Bento, em trabalho publicado⁴⁰ nas *Actas e Memórias do 1.º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor realizado em 5, 6 e 7 de Outubro de 1979*; A. Rodrigues Trindade e Nuno Soares publicaram um artigo intitulado *O cruzeiro dos 300* onde se reportam justamente a Ribeiro Sanches, à doença do Marquês de Pombal e à reforma do ensino médico, tendo sido publicado na revista *Oxigénio*⁴¹; em 1983 a revista *Pulso* publicou uma nota biográfica divulgativa a propósito do II Centenário da morte de Ribeiro Sanches⁴²; com o mesmo sentido comemorativo citem-se os textos de Maria Margarida Gonçalo de Oliveira *A propósito da vida de Ribeiro Sanches*⁴³ publicado em *O Médico* e a pequena nota publicada em *Espaço Médico*, intitulada, *Ribeiro Sanches: duzentos anos depois*⁴⁴; Eduardo Ricou publicou em 1987 no periódico referido *O Médico* uma súmula biográfica intitulada *Ribeiro Sanches. Sua vida e obra*⁴⁵. Imtiaz Juma na obra divulgativa *Grandes Figuras da Medicina Portuguesa*⁴⁶ aborda também Ribeiro Sanches valorizando essencialmente a sua faceta médica.

Ribeiro Sanches e a história da medicina

São vários os estudos que se têm publicado tendo como objecto a divulgação de Ribeiro Sanches médico e cientista, em articulação com os ideais do iluminismo médico. São trabalhos de dimensão desigual onde encontramos mesclados estudos mais descritivos com alguns trabalhos interpretativos. Costa Belo nos anos 40 do século XX abordou Ribeiro Sanches como precursor da Cruz Vermelha tendo publicado no *Boletim Oficial da Cruz Vermelha* e no conhecido periódico *Jornal do Médico*⁴⁷. J. Andresen Leitão em 1946 publicou em *Clínica Contemporânea* um artigo / revisão onde se debruça sobre o modo como Ribeiro Sanches foi focado na história da medicina da Rússia por Richter⁴⁸. Ernesto Ferreira estudou o contributo de Ribeiro Sanches para a cura do cancro tendo publicado um artigo na revista *Petrus Nonius*, periódico do domínio da *história das ciências em Portugal*⁴⁹. Gisela Nunes Barbosa legou-nos uma nota biográfica de Ribeiro Sanches intitulada *Um notável médico português: Ribeiro Sanches*⁵⁰. Maximino Correia abordou também, nalguns estudos,

a medicina em Ribeiro Sanches: *Projecto de instrução para um professor de cirurgia (manuscrito inédito de António Nunes Ribeiro Sanches)*⁵¹ e *A propósito de uma carta endereçada a Ribeiro Sanches*⁵², tendo publicado em *Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis e Imprensa Médica*. Em *O Médico*, *Estudos de Castelo Branco e Notícias Médicas*, António Rodrigues Moutinho abordou Ribeiro Sanches, médico⁵³. A marca higienista de Ribeiro Sanches foi explorada por Luís de Pina nos trabalhos intitulados *A marca setecentista de Ribeiro Sanches na história da higiene político-social portuguesa*, publicado em 1957 em *O Médico*⁵⁴ e também no artigo *Ricardo Jorge e Ribeiro Sanches: dois homens, duas épocas*, trabalho em que compara os dois nomes mais relevantes da higiene em Portugal⁵⁵. Rodrigues Trindade publicou uma pequena nota divulgativa em *Biomédica* intitulada *Ribeiro Sanches, fundador da moderna saúde pública*⁵⁶. Tavares de Sousa, em 1984, incidiu sobre o problema da história da medicina em Ribeiro Sanches⁵⁷ em artigo publicado no *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. Assinalem-se, também, três artigos de Fanny Xavier da Cunha publicados nos *Cadernos de Cultura. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao século XXI* que tratam dois deles, da higiene e da hidroterapia em Ribeiro Sanches; esses textos são: *A cultura clássica nas obras de dois grandes autores-médicos naturais da Beira Interior: Amato Lusitano e Ribeiro Sanches*⁵⁸; *António Nunes Ribeiro Sanches, médico higienista (1699-1783)*⁵⁹; *Apologia da hidroterapia na conservação da saúde. Nota introdutória à tradução de um manuscrito de Ribeiro Sanches (1699-1783)*⁶⁰. Recentemente, a propósito dos trezentos anos do nascimento de Ribeiro Sanches, assinalem-se como notícia/artigo de comemoração o trabalho de José Milhazes e Rachid Kaplanov publicado no *Público* intitulado *António Ribeiro Sanches nasceu há 300 anos. O médico dos "males de amor"*.⁶¹ Ainda em 1999, nos trezentos anos sobre o seu nascimento, deve assinalar-se a publicação dos estudos coordenados por Faustino Cordeiro *A. N. Ribeiro Sanches - Dissertações sobre as Paixões da Alma*⁶². Recorde-se que esta temática já havia sido estudada por Maria Luíza Nunes Lucas na sua dissertação de licenciatura: *Considerações acerca da "DISSERTAÇÃO SOBRE AS PAIXÕES DA ALMA" de Ribeiro Sanches*⁶³. Mais recentemente é de destacar pela extensão e pela interpretação o trabalho de Ana Cristina Araújo intitulado *Medicina e utopia em Ribeiro Sanches*.⁶⁴

Apesar da existência de vários estudos sobre a dimensão médica de Ribeiro Sanches deve dizer-se que este vulto da história da medicina portuguesa carece de estudos mais detalhados e profundos sobre vários aspectos da sua obra médica, como por exemplo, a saúde pública ou o ensino da medicina.

Ribeiro Sanches: pedagogia, economia e ideias político-sociais

Sobre a vertente pedagógica em Ribeiro Sanches há vários e bons estudos publicados em Portugal. Não é objectivo deste trabalho explorar esta dimensão de Ribeiro Sanches embora ela seja importante para o historiador da medicina, tendo no horizonte uma perspectiva holista de Ribeiro Sanches. Luís de Pina publicou, através do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Porto, em 1955, um trabalho intitulado *Verney, Ribeiro Sanches e Diderot na história das Universidades*⁶⁵, onde se reporta essencialmente à influência que Boerhaave exerceu em Ribeiro Sanches, na própria Universidade de Coimbra e no famoso *Compêndio Histórico* (1771). Nos *Cadernos de Cultura. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI*, Carlota Boto publicou em 1994 um trabalho intitulado *O enciclopedismo de Ribeiro Sanches: pedagogia e medicina na confecção do Estado*⁶⁶. Sobre a pedagogia em Ribeiro Sanches refira-se o trabalho de Duarte Klut, *Ribeiro Sanches: alguns aspectos da sua pedagogia*⁶⁷. Sobre a vertente pedagógica em Ribeiro Sanches merece especial referência o estudo de Ana Cristina Araújo realizado no âmbito de provas académicas em 1984⁶⁸ posteriormente adaptado a artigo e publicado na *Revista de História das Ideias*⁶⁹. Assinale-se também a tese de mestrado de António Manuel Nunes Rosa Mendes, *Ribeiro Sanches e as cartas sobre a educação da mocidade*⁷⁰.

Sobre Ribeiro Sanches e a economia refira-se o trabalho de Victor de Sá *O pensamento económico e social de Ribeiro Sanches* publicado em Seara Nova (1971)⁷¹ e o trabalho de José Vicente Serrão intitulado *Pensamento económico e política económica no período pombalino, O caso de Ribeiro Sanches*, publicado em *Ler História* (1986)⁷². Muito recentemente o *Dicionário de Economistas Portugueses* dirigido por José Luís Cardoso inclui uma entrada dedicada a Ribeiro Sanches, da autoria de Jorge Pedreira, o que confirma a figura multifacetada de Ribeiro Sanches.

Até à data publicaram-se diversos estudos sobre Ribeiro Sanches e o seu ideário político, as relações de Sanches com o poder político, etc. Embora também não seja objecto principal deste trabalho incidir sobre esta questão, o historiador da medicina tem toda a vantagem em tomar conhecimento de alguma bibliografia relevante nesta matéria, até para melhor compreensão do pensamento médico de Ribeiro Sanches. Estes textos são essencialmente redigidos por autores provenientes das ciências sociais e humanas. Em 1920 e em 1921 Artur Viegas abordou as relações de Ribeiro Sanches com o poder religioso em dois artigos intitulados *Ribeiro Sanches e os jesuítas* e *Ribeiro Sanches e o P. Polycarpo de Sousa, terceiro bispo de Pekim*, publicados ambos na *Revista*

*de História*⁷³. Assinalem-se os especializados estudos de Maria Helena Carvalho dos Santos *Pombal e os outros. A questão da biblioteca de Ribeiro Sanches*⁷⁴; *Ribeiro Sanches e a questão dos judeus*⁷⁵; Luís Filipe Barreto em 1984 publicou na revista *Prelo* o trabalho intitulado *Ribeiro Sanches e o poder do saber*⁷⁶. Manuel Cadafaz de Matos abordou a problemática do judaísmo e suas influências em Ribeiro Sanches⁷⁷. António Rosa Mendes publicou em 1998 *Ribeiro Sanches e o Marquês de Pombal - Intelectuais e poder no absolutismo esclarecido*⁷⁸. Assinale-se no *Público* a pequena nota comemorativa dos trezentos anos do nascimento de Sanches intitulada *Um iluminista para déspotas iluminados*, da autoria de António Melo⁷⁹. Merece referência especial o especializado estudo de Norberto Cunha intitulado *A ideia de tolerância em Ribeiro Sanches*, inserto no livro *Homenagem a Lúcio Craveiro da Silva*, publicado em 1994⁸⁰. Trata-se de um extenso texto onde o autor trata da tolerância como “uma das ideias mestras da Ilustração”⁸¹.

Documentos

As fontes impressas e manuscritas de Ribeiro Sanches já foram alvo de publicação em estudos diversos. Alguns são estudos críticos especializados e constituem matéria de inegável interesse para o estudo de Ribeiro Sanches. Por exemplo: as das *Obras* publicadas pela Universidade de Coimbra, já referidas anteriormente; vária documentação dispersa publicada e sujeita a estudo crítico. Uma inventariação bibliográfica de e sobre Ribeiro Sanches constante do catálogo dirigido por Ana Cristina Araújo e Fanny Xavier da Cunha, - *Ribeiro Sanches. Exposição documental. Coimbra, 26 de Maio a 26 de Junho. Catálogo*, editado em 1984 pela Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII e pelo Museu Nacional da Ciência e da Técnica⁸². Para além da correspondência publicada por Maximiano Lemos e a que já fizemos referência, importa salientar os estudos de Ricardo Jorge *Cartas de Ribeiro Sanches* publicado em 1907⁸³; *Amigos de Ribeiro Sanches (J.H. de Magellan)*⁸⁴ vindo a lume em 1910; e *Ribeiro Sanches e Soares de Barros*⁸⁵, todos publicados em *A Medicina Contemporânea*. Entre outros estudos, citem-se os trabalhos de António Ferrão publicados no *Boletim de Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa* intitulado *Ribeiro Sanches e Soares de Barros. Novos elementos para as biografias desses académicos. Três cartas inéditas de Ribeiro Sanches (1758-1760) e vários documentos acerca do grande cientista José Joaquim Soares de Barros (1760-1761) (1926-1929)*⁸⁶. Em 1955 Joaquim de Carvalho publicou com comentários *Duas cartas de d'Alembert e de Euler (Pai) dirigidas a Ribeiro Sanches*⁸⁷. Refiram-se, também, os estudos já citados de Raúl Rego⁸⁸. Outros trabalhos *Um Pioneiro da Salubridade* publicado nos *Cadernos*

*Científicos*⁸⁹; de Augusto d'Esaguy *Dois inéditos de Ribeiro Sanches* publicados em *Imprensa Médica* (1958)⁹⁰; de José Lopes Dias, *Duas Cartas inéditas do Dr. José Henriques Ferreira, comissário do Físico-Mor e médico do Vice-Rei do Brasil, a Ribeiro Sanches*⁹¹ publicado em *Imprensa Médica* em 1959; nos *Estudos de Castelo Branco* o trabalho *Carta de Manuel Joaquim Henriques de Paiva a Ribeiro Sanches* (1961)⁹². Andréa Rocha publicou na revista *Biblos*, *Um epistolário vienense de Ribeiro Sanches* (1980)⁹³. Em *Semana Médica* foi publicada uma referência ao *Tratado da Conservação da Saúde dos Povos*⁹⁴. A propósito de Ribeiro Sanches na filatelia portuguesa, João Rui Pita publicou um artigo onde se reporta, em particular, à sua importância para a farmácia portuguesa⁹⁵.

Para terminar parece-nos oportuno reafirmar o seguinte: apesar dos progressos realizados pela historiografia portuguesa sobre Ribeiro Sanches nos últimos vinte anos, especialmente pela história das ideias em Braga, em Coimbra e em Lisboa, impõe-se realizar estudos de fôlego largo, por exemplo dissertações de doutoramento, sobre este vulto maior da cultura, da ciência e da medicina no século XVIII.



* O presente artigo resulta de uma adaptação da comunicação apresentada nas Jornadas de História da Medicina da Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI, realizadas nos dias 7 e 8 de Novembro de 2003, em Castelo Branco. Os dados apresentados pertencem à investigação desenvolvida no projecto de investigação Repertório Bibliográfico da Historiografia Sanitária Portuguesa. Problemáticas e Fontes Especializadas (sécs. XVIII-XX) / SANISTÓRIA (Praxis/P/HAR/13-114/1998). É objectivo do presente artigo congregar bibliografia específica sobre Ribeiro Sanches, escrita em Portugal e publicada por autores portugueses, sobretudo a bibliografia que sublinhe o interesse de Ribeiro Sanches para a história da medicina portuguesa. Tentámos que o trabalho fosse o mais completo possível embora nestas circunstâncias estejamos conscientes de que se trata de um trabalho incompleto. Contudo, entendemos, também referir outra bibliografia mais alargada respeitante a Ribeiro Sanches que permite aos historiadores da medicina uma compreensão mais global desta figura da história da medicina. Foi nosso objectivo atingir bibliografia que trate prioritariamente de Ribeiro Sanches, caso contrário este roteiro bibliográfico seria bem mais longo.

** Professor da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra; Coordenador Científico do Grupo de História e Sociologia da Ciência do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra / CEIS20. Rua Filipe Simões, 33 - 3000 - 186 COIMBRA.

*** Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Coordenador Científico do Grupo de História e Sociologia da Ciência do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra / CEIS20. Rua Filipe Simões, 33 - 3000 - 186 COIMBRA.



Notas

1 Victor de Sá, "A má consciência nacional. A respeito de Ribeiro Sanches", *Comércio do Porto*, 8 Dez. 1970, p. 16.

2 Idem, *Ibidem*, p. 16.

3 Idem, *Ibidem*, p. 16.

4 Veja-se mais adiante a referência completa a esta obra.

5 Cf., Charles Boxer, "António Ribeiro Sanches: um iluminista português", *Vida Mundial*, 1619, 1970.

6 Idem, *Ibidem*, p. 16.

7 Cf. Pedro Laín Entralgo, *Historia de la medicina*, Barcelona, Salvat Editores, 1989, p. 338.

8 No âmbito do projecto de investigação *Repertório Bibliográfico da Historiografia Sanitária Portuguesa. Problemáticas e Fontes Especializadas (sécs. XVIII-XX) / SANISTÓRIA* temos o inventário do que tem sido escrito sobre Ribeiro Sanches, médico, e publicado em Portugal ou redigido por autores portugueses. Tentámos, por isso, valorizar a bibliografia que incide sobre a problemática sanitária de Ribeiro Sanches. Contudo, não queremos deixar de mencionar alguns outros estudos no âmbito da história da cultura que enriquecem fortemente a compreensão de Ribeiro Sanches na história da medicina. A nossa pesquisa incidiu em diversas bibliotecas portuguesas, tendo havido a preocupação de elaborar um roteiro bibliográfico o mais completo possível apesar de não incluir alguns trabalhos que ainda estão em curso da autoria de especialistas da história da cultura.

9 Cf. Maximiano Lemos, *Ribeiro Sanches. A sua vida e a sua obra. Obra escrita sobre novos documentos, no desempenho de uma comissão do Governo Portuguez*, Porto, Eduardo Tavares Martins, editor, 1911.

10 Maximiano Lemos, *Ribeiro Sanches. A sua vida e a sua obra. Obra escrita sobre novos documentos, no desempenho de uma comissão do Governo Portuguez*, Porto, Eduardo Tavares Martins, editor, 1911, p. V.

- 11 Idem, *Ibidem*, p. V.
- 12 Maximiano Lemos, "Portuguezes illustres em França: Soares de Barros, João Jacintho de Magalhães e Ribeiro Sanches", *Boletim da Segunda Classe. Academia das Sciencias de Lisboa*, 3, 1909-1910, pp. 431-463. Trata-se de um estudo da "correspondência trocada entre a nossa legalção em Paris e o Ministério dos Negócios Estrangeiros" e que "encerra particularidades ignoradas a respeito de três portugueses que em França se tornaram conhecidos pela sua ilustração e saber no século XVIII" (p. 431).
- 13 Maximiano Lemos, "Ribeiro Sanches, subsídios para a sua biographia", *Archivos de Historia da Medicina Portuguesa*, Nova série, 1(2)1910, pp. 13-26; 33-51; 1(3)1910, pp. 85-96; 1(4)1910, pp. 97-114; 1(5)1910, pp. 143-146; 1(6)1910, pp. 169-179.
- 14 Maximiano Lemos, "Ribeiro Sanches à Leyde (1730-1731)", *Janus*, 16, 1911, pp. 237-253.
- 15 Maximiano Lemos, "Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valladares", *Archivos de Historia da Medicina Portuguesa*, Nova série, 2(4)1911, pp. 111-120; 2(5)1911, pp. 150-156; 2(6)1911, pp. 193-196; 3(1)1912, pp. 28-30; 3(2)1912, pp. 40-48; 3(3)1912, pp. 75-80; 4(1)1913, pp. 25-31; 4(2)1913, pp. 57-62; 4(3)1913, pp. 90-96; 4(4)1913, pp. 119-128; 4(6)1913, pp. 137-143. Como o próprio autor refere, "As cartas são elemento precioso para a biografia do médico da Corte da Rússia..." p. 111.
- 16 Cf. Idem, *Ibidem*, p. 111.
- 17 Maximiano Lemos, "Notícia de alguns manuscritos de Ribeiro Sanches existentes na Biblioteca Nacional de Madrid", *Anais Scientificos da Faculdade de Medicina do Porto*, 1 1913-1914, pp. 143-171.
- 18 Maximiano Lemos, "Notícia de alguns manuscritos de Ribeiro Sanches". In: Maximiano Lemos, *Estudos de história da medicina peninsular*, Porto, Tip. A Vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1916, pp. 41-84.
- 19 Maximiano Lemos, "Amigos de Ribeiro Sanches". In: Maximiano Lemos, *Estudos de história da medicina peninsular*, Porto, Tip. A Vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1916, pp. 151-353.
- 20 Cf. David Willemse publicou a obra *António Nunes Ribeiro Sanches. Élève de Boerhaave et son importance pour la Russie*, Leiden, E.J.Brill, 1966. Trata-se de uma obra editada em suplemento à revista *Janus. Revue Internationale de l'Histoire des Sciences de la Médecine, de la Pharmacie et de la Technique*.
- 21 Idem, *Ibidem*, p. 175.
- 22 Cf. Diogo Barbosa Machado, "Antonio Nunes Ribeiro Sanches". In: *Bibliotheca Lusitana*, tomo IV, Lisboa, Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759, pp. 56-58 (fac-simile, Coimbra, Atlântida Editora, 1967).
- 23 Cf. Inocêncio Francisco da Silva, "Antonio Nunes Ribeiro Sanches", *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. 8, p. 261
- 24 Cf. Banha de Andrade, "Sanches (António Nunes Ribeiro)". In: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 16, Lisboa, Editorial Verbo, s.d., pp. 1219-1220.
- 25 Cf. Ribeiro Sanches (António Nunes)". In: *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 25, Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, s.d. p. 627-630.
- 26 Cf. António Coimbra Martins, SANCHES, António Nunes Ribeiro (1699-1782). In: Joel Serrão, (Dir.),

Dicionário de História de Portugal, vol. 5, Porto, Livraria Figueirinhas, 1984, pp. 434-438.

27 Cf. "Ribeiro Sanches, António (1699-1783)". In: Mário Matos e Lemos, *Dicionário de História Universal*, Mem Martins, Editorial Inquérito, 2001, pp. 875-876.

28 Cf. Victor de Sá, "A má consciência nacional a respeito de Ribeiro Sanches", *O Comércio do Porto*, 8 Dez. 1970, p. 16; Victor de Sá, "O sábio Ribeiro Sanches: um 'estrangeirado'", *O Comércio do Porto*, 13 Out. 1970, p. 14; Victor de Sá, "Ribeiro Sanches em Paris", *O Comércio do Porto*, 23 Mar. 1971, p. 16.

29 F.A. Rodrigues de Gusmão, "Um invento portuguez", *Archivo Pittoresco*, 11, 1868.

30 Cf. Sousa Viterbo, "Escavações históricas - O Doutor Sanches", *A Arte*, Ago. 1880, pp. 119-123. *A Arte* era um periódico mensal dirigido inicialmente por A. de Sousa Vasconcelos e que tinha colaboradores como Fillipe Simões, Antero de Quental, Bulhão Pato, Gonçalves Crespo, João de Deus, Mariano Pina, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Sousa Viterbo, etc.

31 "Biographia do Dr. António Nunes Ribeiro Sanches", *Archivo Bibliographico*, 2-3, 1877.

32 Cf. Artur Araújo, "Subsidios para a monographia do celebre medico portuguez Antonio Nunes Ribeiro Sanches", *Gazeta dos Hospitales do Porto*, 3, 1909, pp. 365-372. Trata-se do discurso inaugural da secção de higiene do Congresso de Medicina realizado em Lisboa em 1906.

33 Cf. Hernâni Barrosa, "Ribeiro Sanches (1699-1783)", *Iatria*, 1(1)1933, pp. 20-24.

34 Cf. Evaristo Franco, "Ribeiro Sanches". In: Evaristo Franco, *Glórias da medicina portuguesa*, Lisboa, Tip. da União Gráfica, 1949, pp. 185-220.

35 Cf. Fernando Namora, *Deuses e Demónios da Medicina*, vol. 1, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1989, pp. 223-253.

36 Cf. Sebastião José de Carvalho, "António Nunes Ribeiro Sanches", *Terapêutica*, 4(13) 1950, pp. 31-40.

37 Cf. Maximino Correia, "António Nunes Ribeiro Sanches", *Coimbra Médica*, 3ª Série, 14(3) 1967, pp. 191-203.

38 Cf. Maximino Correia, "Ribeiro Sanches, camonista", *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe de Ciências, 11, 1967.

39 Cf. J.T. Montalvão Machado, Alguns aspectos da vida e da obra de Ribeiro Sanches, *Anais da Academia Portuguesa da História*, 2ª Série, 24(2)1977, pp. 279-303

40 Cf. Manuel Pires Bento, "Breves informações sobre Ribeiro Sanches". In: *Actas e Memórias do 1º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor realizado em 5, 6 e 7 de Outubro de 1979*, Penamacor, Associação Regional Arqueológica e Defesa do Património, 1982, pp. 143-153.

41 Cf. A. Rodrigues Trindade; Nuno Soares, O cruzeiro dos 300 [sobre Ribeiro Sanches, a doença do Marquês de Pombal e a reforma do ensino médico], *Oxigénio*, 6(20) 1999, pp. 27-30

42 Cf. "Centenário (II) da morte de Ribeiro Sanches: de médico em Benavente a médico da Imperatriz da Rússia", *Pulso*, 13(136)1983, p. 12.

43 Cf. Maria Margarida Gonçalo Oliveira, "A propósito da vida de Ribeiro Sanches", *O Médico*, 109(1674)1983, pp. 550-559.

44 Cf. "Ribeiro Sanches: duzentos anos depois", *Espaço Médico*, 2(53)1983, p. 5.

45 Cf. Eduardo Ricou, "Ribeiro Sanches. Sua vida e obra", *O Médico*, Nova série, 117(1853)1987, pp. 293-205.

46 Cf. Imtiaz Juma, "Sanches, António Nunes Ribeiro". In: *Grandes Figuras da Medicina Portuguesa*, s.l., Vítor Catanho/Rhône-Poulenc Rorer, 1993, pp. 116-118.

47 Cf. Costa Belo, "Um precursor da Cruz Vermelha: Ribeiro Sanches", *Boletim Oficial. Cruz Vermelha Portuguesa*, 4ª série, 43, 1948, pp. 177-182; Costa Belo, "Ribeiro Sanches: precursor da Cruz Vermelha", *Jornal do Médico*, 14(356) 1949, pp. 560-562.

48 Cf. J. Andresen Leitão, "Ribeiro Sanches na 'História da Medicina da Rússia', de Richter", *Clínica Contemporânea*, 1(1)1946, p. 48.

49 Cf. Ernesto Ferreira, "O médico português Ribeiro Sanches e a cura do cancro", *Petrus Nonius*, 3, 3-4, 1941, pp. 220-228.

50 Cf. Gisela Nunes Barbosa, "Um notável médico português: Ribeiro Sanches", *O Médico*, Nova série, 1(89) 1953, pp. 378-382.

51 Cf. Maximino Correia, "Projecto de instrução para um professor de cirurgia (manuscrito inédito de António Nunes Ribeiro Sanches)", *Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis*, 31(1)1956, pp. 1-11.

52 Cf. Maximino Correia, "A propósito de uma carta endereçada a Ribeiro Sanches", *Imprensa Médica*, 25(1)1961, pp. 17-21.

53 Cf. António Rodrigues Moutinho, "A vida e obra do médico português do século XVIII, Dr. António Ribeiro Sanches", *Notícias Médicas*, 2(97)1973, pp. 7; 10. Do mesmo autor, "António Nunes Ribeiro Sanches, ilustre médico e escritor setecentista natural de Penamacor", *O Médico*, Nova série, 66(1114)1973, pp. 119-120; "António Nunes Ribeiro Sanches, ilustre médico e escritor setecentista, natural de Penamacor (1699-1783)", *Estudos de Castelo Branco*, 45, 1973, pp. 5-11; "António Nunes Ribeiro Sanches, ilustre médico e escritor setecentista natural de Penamacor", *O Médico*, Nova série, 66(1114)1973, pp. 119-120.

54 Luís de Pina, "A marca setecentista de Ribeiro Sanches na história da higiene político-social portuguesa (1756-1956)", *O Médico*, Nova série, 5(283)1957, pp. 241-247.

55 Luís de Pina, "Ricardo Jorge e Ribeiro Sanches: dois homens, duas épocas", *Clínica, Higiene e Hidrologia*, 7(8)1941, pp. 229-243.

56 Cf. Rodrigues Trindade, "Ribeiro Sanches, fundador da moderna saúde pública", *Biomédica*, 1(4) 1988, pp.6-7.

57 Cf. A. Tavares de Sousa, "Ribeiro Sanches e o ensino da 'História da Medicina' na Universidade Portuguesa", *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 148(1) 1984, pp. 48-51.

58 Cf. Fanny Andrée Font Xavier da Cunha, "A cultura clássica nas obras de dois grandes autores-médicos naturais da Beira Interior: Amato Lusitano e Ribeiro Sanches", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*, 15, 2001, pp. 30-37.

59 Fanny Andrée Font Xavier da Cunha, "António Nunes Ribeiro Sanches, médico higienista (1699-1783)", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX*

- *Cadernos de Cultura*, 1, 1989, pp. 19-26

60 Fanny Andrée Font Xavier da Cunha, "Apologia da hidroterapia na conservação da saúde. Nota introdutória à tradução de um manuscrito de Ribeiro Sanches (1699-1783)", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 4, 1991, pp. 18-33.

61 Cf. José Milhazes; Rachid Kaplanov, "António Ribeiro Sanches nasceu há 300 anos. O médico dos 'males de amor'", *Público*, 7 Mar. 1999, p. 26. Refira-se em 1983 a publicação de diversos artigos na imprensa periódica como, por exemplo, José da Silva, "Ribeiro Sanches esquecido?", *Diário Popular*, 22 Set. 1983, p. 23 e "Uma figura de Penamacor que honra Portugal. Por que não se consagra Ribeiro Sanches?", *Diário Popular*, 17 Out. 1983, p. 11; "Ribeiro Sanches actual decorridos dois séculos", *Jornal de Notícias*, 15 Set. 1983; "Na vila de Penamacor recordado centenário de Ribeiro Sanches", *Diário de Notícias*, 11 Out. 1983, p. 11.

62 Cf. Faustino Cordeiro (Introdução, organização do texto e notas) - *A.N. Ribeiro Sanches - Dissertações sobre as Paixões da Alma*, Penamacor, Câmara Municipal de Penamacor, 1999, 80 p. Foram objectivos do coordenador da obra facilitar a leitura de um texto que considerava importante na história da psicologia e que havia sido escrito por um português que "apesar de afastado do seu país por temer perseguições religiosas que se abateram sobre muitas famílias de origem judaica, e de ter gozado o privilégio de conviver com a nata da inteligência e do saber da época, se empenhou continuamente em transmitir o melhor do seu conhecimento e da sua experiência para a modernização da sua pátria" (p. XVII).

63 Cf. Maria Luíza Nunes Lucas, *Considerações acerca da "DISSERTAÇÃO SOBRE AS PAIXÕES DA ALMA" de Ribeiro Sanches*, Coimbra, Tese de Licenciatura, 1953, 217 p. Trata-se da tese de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Ciências Histórico-Filosóficas. O manuscrito em estudo veio da Biblioteca da Escola de Medicina de Paris, onde se encontra, e que em anexo a autora traduziu.

64 Cf. Ana Cristina Araújo, "Medicina e utopia em Ribeiro Sanches". In: Anselmo Borges; António Pedro Pita; João Maria André, *Ars interpretandi. Diálogo e tempo. Homenagem a Miguel Baptista Pereira*, Vol. 1, Porto, Fundação Engº António de Almeida, 2000, pp. 35-85.

65 Cf. Luís de Pina, *Verney, Ribeiro Sanches e Diderot na história das Universidades*, Porto, Publicações do Centro de Estudos Humanísticos, 1955.

66 Cf. Carlota Boto, "O enciclopedismo de Ribeiro Sanches: pedagogia e medicina na confecção do Estado", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*, 8, 1994, pp. 21-25.

67 Cf. Duarte Manuel da Silva Passos Klut, *Ribeiro Sanches: alguns aspectos da sua pedagogia*, Porto, Tese de Licenciatura em Ciências Históricas - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1969.

68 Ana Cristina Araújo, *A formação científica e filosófica de Ribeiro Sanches e o seu reformismo pedagógico*, Coimbra, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, 1984.

69 Cf. Ana Cristina Araújo, "Ilustração, pedagogia e ciência em António Nunes Ribeiro Sanches", *Revista de História das Ideias*, 6, 1984, pp. 377-394.

70 Cf. António Manuel Nunes Rosa Mendes, *Ribeiro Sanches e as Cartas sobre a educação da mocidade*, Lisboa, Tese de Mestrado/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1991.

71 Cf. Victor de Sá, "O pensamento económico e social de Ribeiro Sanches", *Seara Nova*, 1503, 1971, pp. 27-31. De Victor de Sá refiram-se, também, *Ribeiro Sanches: dificuldades que tem um velho reino para emendar-se e outros textos*, Porto, Inova, 1971, 2ª ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1980.

72 Cf. José Vicente Serrão, "Pensamento económico e política económica no período pombalino. O caso de Ribeiro Sanches", *Ler História*, 9, 1986, pp. 3-39.

73 Cf. Artur Viegas, "Ribeiro Sanches e os jesuítas", *Revista de História*, 9, 1920, pp. 81-87; 227-231; 256-270; Artur Viegas, "Ribeiro Sanches e o P. Polycarpo de Sousa, terceiro bispo de Pekim", *Revista de História*, 10, 1921, p. 241-263.

74 Cf. Maria Helena Carvalho dos Santos, "Pombal e os outros. A questão da biblioteca de Ribeiro Sanches", *História*, 49, 1982, pp. 31-35.

75 Cf. Maria Helena Carvalho dos Santos, "Ribeiro Sanches e a questão dos judeus", *Revista de História das Ideias*, 4(1)1982, pp. 117-142.

76 Cf. Luís Filipe Barreto, "Ribeiro Sanches e o poder do saber", *Prelo*, 4, 1984, pp. 85-95.

77 Cf. Manuel Cadafaz de Matos, "O judaísmo nas Beiras e a génese do discursismo teórico em A.N. Ribeiro Sanches", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 1986;

78 Cf. António Rosa Mendes, *Ribeiro Sanches e o Marquês de Pombal - Intelectuais e poder no absolutismo esclarecido*, Cascais, Patrimonia, 1998.

79 Cf. António Melo, "Um iluminista para déspotas iluminados", *Público*, 7 Mar. 1999, p. 27.

80 Cf. Norberto Cunha, "A ideia de tolerância em Ribeiro Sanches". In: *Homenagem a Lúcio Craveiro da Silva*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos / Universidade do Minho, 1994, pp. 357-394. Mencione-se, também, a obra do mesmo autor *Elites e académicos na cultura portuguesa setecentista*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

81 Idem, *Ibidem*, p. 357.

82 Cf. Ana Cristina Araújo; Fanny Andrée Font Xavier da Cunha, *Ribeiro Sanches. Exposição documental. Coimbra, 26 de Maio a 26 de Junho. Catálogo*, Coimbra, Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII / Museu Nacional da Ciência e da Técnica, 1984, 26 p.

83 Cf. Ricardo Jorge, "Cartas de Ribeiro Sanches", *A Medicina Contemporânea*, 25(29)1907, pp. 229-233.

84 Cf. Ricardo Jorge, "Amigos de Ribeiro Sanches (J.H. de Magellan)", *A Medicina Contemporânea*, 28(1)1910, pp. 3-6; 28(2)1910, pp. 11-14; 28(5)1910, p. 35.

85 Cf. Ricardo Jorge, "Ribeiro Sanches e Soares de Barros", *A Medicina Contemporânea*, 27(46)1909, pp. 373-37.

86 Cf. António Ferrão (Prefácio, introdução e notas), "Ribeiro Sanches e Soares de Barros. Novos elementos para as biografias desses académicos. Três cartas inéditas de Ribeiro Sanches (1758-1760) e vários documentos acerca do grande cientista José Joaquim Soares de Barros (1760-1761)", *Boletim de Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, 20, 1926-

1929, pp. 5-99. Cf., também, António Ferrão, *Portugueses ilustres: Ribeiro Sanches e Soares de Barros (1758-1760) e vários documentos acerca do grande cientista José Joaquim Soares de Barros (1760-1761)*, Lisboa, 1936. Como o autor refere, "este trabalho destina-se a fornecer aos investigadores ou simples curiosos da história da ciência portuguesa alguns dados novos acerca de duas das mais notáveis figuras do século XVIII português: António Nunes Ribeiro Sanches e José Joaquim Soares de Barros, ambos sócios da Academia no período áureo da sua inicial actividade" (p. 3). As cartas de Ribeiro Sanches eram dirigidas ao polígrafo Francisco de Pina e de Mello, existentes "entre os maços de manuscritos transferidos, há tempos, do antigo Arquivo histórico do Ministério da Justiça para a Inspeção das Bibliotecas e Arquivos com destino à Biblioteca Nacional (...) figura um núcleo de excepcional importância: o que pertenceu ao 1º Marquês de Pombal e que lhe foi apreendido por ocasião da devassa ou sindicância, aos seus actos, feita pelo desembargador José Luiz França" (p.4). Neste trabalho, António Ferrão faz uma breve biografia mas completa de Ribeiro Sanches, falando de outros seus biógrafos: Andry; Vicq d'Azyr (*Oeuvres de Vicq d'Azyr, recueillies et publiées avec des notes par Jacq. L. Moreau (de la Sarthe)*, Paris, Chez L. Duprat-Duverger. An. XIII - 1805 - III - 217 p.); Rodrigues de Gusmão; Sousa Viterbo; Teófilo Braga; Pedro de Azevedo; Ricardo Jorge; Artur Araújo; Maximiano Lemos. Destaca o autor Maximiano Lemos como sendo o "autor da mais completa biografia de Sanches até agora publicada" (p. 9).

87 Cf. Joaquim de Carvalho, "Duas cartas de d'Alembert e de Euler (Pai) dirigidas a Ribeiro Sanches", *Revista Filosófica*, 5, 1955, pp. 197-201. Tem igualmente interesse para o estudo de Ribeiro Sanches o trabalho de Joaquim de Carvalho, "Correspondência dirigida a João Jacinto Magalhães (1769-1789). Contribuição para um epistolário", *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa*, 20, 1952.

88 Cf. Raúl Rego (Org.), *A.N. Ribeiro Sanches, Christãos Novos e Christãos Velhos em Portugal*, Lisboa, Tip. Sociedade de Papelaria Lda., 1956. Veja-se, também, Raúl Rego (Prefácio), *A.N. Ribeiro Sanches, Christãos Novos e Christãos Velhos em Portugal*, Lisboa, 2ª ed., Porto, Livraria Paisagem, 1973.

89 Cf. "Pioneiro (Um) da salubridade [Ribeiro Sanches]", *Cadernos Científicos*, 1(4)1947, pp. 311-324.

90 Cf. Augusto d'Esaguy, "Dois inéditos de Ribeiro Sanches", *Imprensa Médica*, 22:10, 1958, pp. 425-437.

91 Cf. J. Lopes Dias, "Duas cartas inéditas do Dr. José Henriques Ferreira, comissário do Físico-Mor e médico do Vice-Rei do Brasil, a Ribeiro Sanches", *Imprensa Médica*, 23, 1959, pp. 73-85.

92 Cf. "Carta de Manuel Joaquim Henriques de Paiva a Ribeiro Sanches", *Estudos de Castelo Branco*, 2, 1961, pp. 139-143.

93 Cf. Andrée Rocha, "Um epistolário vienense de Ribeiro Sanches", *Biblos*, 56, 1980, pp. 339-348.

94 Cf. "Tratado da Conservação da Saude dos Povos", *Semana Médica*, 10(496) suplemento 1969, p. 2.

95 Cf. João Rui Pita, "Filatelia - Ribeiro Sanches e a farmácia", *Revista da Ordem dos Farmacêuticos*, 37, 2000, p. 26.

Saberes Efémeros Duradouros - O Caso da Sangria com passagem por Amato Lusitano

António Lourenço Marques*

Tendo sido a extracção de sangue, por flebotomia, ou seja, a vulgar sangria, a forma de tratamento que mais tempo sobreviveu quase imutável, em toda a história da medicina, pareceu-nos interessante analisar, ainda que sumariamente, os fundamentos que, de alguma maneira, contribuíram para a estranha longevidade de uma tal prática cruenta e não alheia de riscos. Não há dúvida que foi um saber médico surpreendente, por tão assumido, apesar de acabar, finalmente, como impróprio, com todas as letras. Hoje, parece-nos, com facilidade, que a sangria era uma intervenção disparatada. Pois é. Mas, durante bastante mais de dois mil anos, a extracção de sangue, com fins explicitamente médicos, foi praticada num número hiperbólico de situações, remanescendo, na medicina actual, apenas a uma ou duas indicações muito restritas, e com fundamentos que não têm nada a ver com aqueles que inspiraram um passado absolutamente invulgar. Esta prática foi tão resistente à mudança, que mesmo após o desenvolvimento das bases científicas da medicina moderna, a partir do século XVI, e o conhecimento preciso da circulação sanguínea, estabelecido

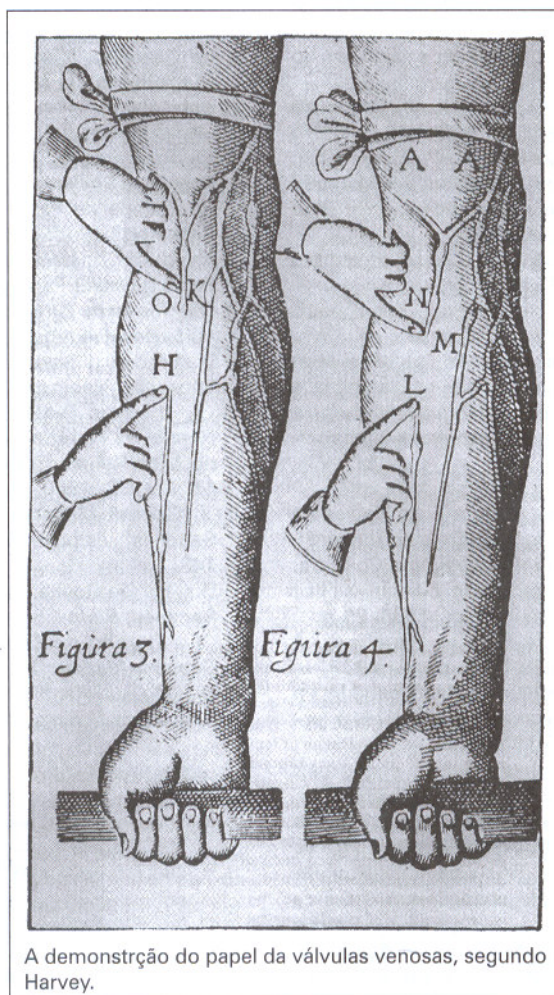
por Harvey, em 1627, mesmo assim, só em meados do século XIX, ocorreu verdadeiramente a sua extinção.

Classifica-se por vezes este facto como o toque final do galenismo, ou o seu requiem, tradição antiquíssima à qual verdadeiramente se prendia.

E ao percorrermos o fio histórico de tal prática duradoura, deparámos com um manacial enorme de referências a ela alusivas na obra de Amato Lusitano, nomeadamente nas *Centúrias de Curas Mediciniais*. Os fundamentos aí defendidos são alicerçados no saber dos autores antigos, mas são expostos numa perspectiva digamos moderna, considerando que a modernidade de então significava o retorno às raízes originárias, ou seja, o regresso à pureza inicial da sabedoria grega, ou, como diz o autor albicastrense, “às palavras de oiro de Hipócrates, citadas e recebidas através de Avicena”.¹

Vamos então procurar expor, para melhor compreendermos, alguns dos fundamentos em que se baseou a adopção regular de um tal

procedimento que eliminava, embora parcialmente, um dos constituintes fundamentais do corpo humano, com o objectivo de curar as doenças.



A demonstração do papel da válvulas venosas, segundo Harvey.

Na Antiguidade Clássica

Foi, precisamente, na Grécia clássica, o local em que se formularam os conceitos fundamentais que originaram a adopção da prática da sangria com fins médicos. Realizada como ritual, desde tempos imemoriais (os primeiros testemunhos vêm da Idade da Pedra), deve-se ao pensamento racional dos primitivos médicos gregos a sua utilização com fins claramente terapêuticos, embora herdeira, de uma tradição ligada à religião e de cariz irracional. Como sabemos, na Antiguidade, durante muito tempo, não se distinguiu, com clareza, o que era ciência e o que era filosofia. Mais. Inicialmente, a ciência e, especialmente, a medicina confundia-se com os atributos e a vida da divindade. A medicina e os deuses estavam indelevelmente ligados. Também o facto de não haver experimentação, não permitia comprovar as múltiplas observações sobre a natureza que se iam fazendo, situação que tornaria o conhecimento menos sólido. No entanto, no final do século VI a. C., a medicina, a partir da acção dos filósofos pré-socráticos, que iniciaram a busca racional dos fenómenos naturais, iniciou o seu percurso no sentido da ciência, vindo a ser a primeira área do conhecimento a adoptar também uma postura autónoma que viria a separá-la da própria filosofia, movimento, já perceptível, por volta do século IV a. C.

Foi o filósofo grego pré-socrático, Empédocles (492-432 a. C.), nascido na cidade de Agrigento (Acragás), uma colónia grega da Sicília, na Magna Grécia, quem formulou, pela primeira vez, a teoria dos quatro elementos como constituintes de todos os seres existentes na natureza. Esta teoria, aplicada à composição do corpo humano, assumiu tal importância que foi adoptada, pela medicina, durante os dois milénios seguintes. Diz, este filósofo, no belo poema *A natureza*:

“Todos estes elementos estão em harmonia, o sol, a terra, o céu e o mar, - nas suas partes, que são lançadas bem longe em coisas mortais”².

Considerava-se assim que todas as coisas, os minerais, os vegetais e os seres vivos eram constituídos por quatro elementos primordiais: o fogo (sol), a terra, o ar (céu) e a água (mar). Isolados ou combinados em diversas proporções originavam tudo o que existia, através de um equilíbrio regulado pelas forças positivas do amor e pelas forças negativas do ódio. Platão (428-346 a. C.), inspirado em tal teoria, construiu a sua própria concepção do mundo, fazendo uma adopção fiel deste pensamento. Como diz, a este respeito, J. Barradas, para Platão, “a terra, o ar, a água e o fogo existiam em estado bruto e desordenado, como todas as coisas que não haviam sido objecto da intervenção divina. Foi Deus que purificou os elementos e lhes conferiu as virtudes e qualidades próprias das essências, transformando-os nos corpos

mais belos e puros. Combinou-os entre si de forma harmoniosa, nas devidas proporções, estabelecendo os equilíbrios próprios em cada uma das coisas que compõem o mundo”³. Embora Platão não tenha praticado a medicina, desenvolveu assim a teoria dos quatro elementos, e a partir desta concepção, reflectiu sobre a natureza de algumas doenças.

Mas é na obra de Hipócrates (460-377 a. C.) que encontramos a mais desenvolvida reflexão da época sobre estas ideias, adaptadas à realidade do corpo humano. Não sendo possível observar este no seu interior, nomeadamente, na situação de doença, conheciam-se, porém, os líquidos orgânicos expelidos (urina, suor, secreção nasal, saliva, sangue menstrual, sémen, etc.) e como eles se alteravam, podendo ainda aparecer outros líquidos (sangue deteriorado nas feridas ou nos tumores, pus nos abscessos...). Ora bem. Explicavam-se tais emanações a partir de uma teoria que se prendia à aceitação dos quatro elementos, os quais, através de combinações diversas, produziam os chamados humores revelados em tais exalações. Tal teoria humoral está descrita com precisão no famoso tratado *“Da natureza do homem”*, livro que faz parte da Coleção hipocrática, e que terá sido escrito, cerca do ano 400 a. C., pelo médico Políbio, discípulo e genro do próprio Hipócrates. Diz o texto:

A sua influência foi tal que se estendeu por toda a Idade Média europeia, atingiu a medicina árabe, ultrapassou a própria Renascença e ainda é visível em fisiologistas modernos, como por exemplo no médico inglês William Harvey (1578-1657). As suas obras foram textos obrigatórios em todas as faculdades de medicina da Europa e do mundo islâmico até ao século XVIII. O facto de também defender ideias sobre a alma e sobre Deus, aceites pelos teólogos cristãos, ajudou a que toda a sua obra fosse, de igual modo, defendida pelo poder da Igreja, considerando-a absolutamente inquestionável.

Galeno, acolheu as antigas ideias de Empédocles sobre os quatro elementos fundamentais, assim como a teoria humoral de Hipócrates, e postulou que a doença era resultado de um desequilíbrio entre os humores, podendo o equilíbrio ser retomado pelo tratamento. Definiu ainda a relação dos elementos, dos humores e das suas qualidades com as características estruturais do corpo humano. Estabeleceu assim os quatro tipos de temperamento: o sanguíneo, de natureza quente, vivo e fegoso; o bilioso, também ágil, mas com o humor acabrunhado; o fleumático, frio e calculista; e o melancólico, pesado e triste, em consequência da bília negra. Mas Galeno foi ainda mais além. Foram as suas ideias sobre o movimento do sangue dentro do organismo que, efectivamente, mais contribuíram para a difusão da prática da sangria, na medicina posterior. Tal como já apontámos no texto sobre “Vesálio e Harvey e a

circulação sanguínea - aproximações à realidade”, Galeno considerava que o sangue era produzido no fígado, seguindo pelas veias cavas superior e inferior até aos tecidos periféricos, onde era consumido, não havendo retorno ao coração (não existe portanto o conceito de circulação). O seu movimento fazia-se num sentido único, centrífugo, atraído pelos tecidos, sem uma bomba propulsora. A finalidade da sangria era precisamente retirar os humores corruptos da zona doente, encaminhando-os para o exterior e aproveitando-se desta propriedade atractiva dos tecidos. A ideia galénica sobre todo o movimento do sangue é bastante mais complexa, mas irrealista, nomeadamente no que diz respeito à estrutura e ao papel do coração. O sangue originado no fígado chegava ao coração pela veia cava superior, entrando na aurícula direita, logo passando ao respectivo ventrículo, seguindo depois pela artéria pulmonar para ser consumido pelos pulmões. Uma pequena porção chegaria, entretanto, através dos “poros” da parede interventricular, ao ventrículo esquerdo, sofrendo aí uma profunda transformação, em vapor, depois da captação do *espírito vital* e do *penuma*, sendo então conduzido a todas as partes do corpo pela artéria aorta e suas ramificações. A pequena quantidade de sangue sofria assim uma dilatação prodigiosa, adquirindo propriedades próprias, mas mal definidas. Realce-se que Erasístrato, quatro séculos antes, havia referido que as artérias só continham ar, ideia construída a partir da realidade verificada nos cadáveres, em que as artérias ficam exangues. Um outro dado da fisiologia galénica dizia respeito à passagem do vapor do ventrículo esquerdo para a aurícula esquerda para seguir pelas veias pulmonares até aos pulmões e aí serem libertados pelo ar expirado. Por estas veias, passavam o ar inspirado no sentido do coração e os referidos vapores em direcção oposta.

O papel das ideias de Galeno foi marcante, como já dissemos, pois foram a base obrigatória de todos os conhecimentos exibidos pelos médicos, e que ordenaram a sua prática, durante muito mais de um milénio. E aí a sangria era uma parte obrigatória. Com a queda do império romano, verificou-se também no ocidente a decadência da medicina. Porém, os árabes, que emergiram, souberam preservar o saber clássico, entretanto, assimilado, e introduziram-lhe importantes inovações. Avicena (980-1037) é o mais famoso dos médicos do islão, com uma obra da vastidão de Hipócrates ou de Galeno e como estes, em simultâneo, respeitado e estudado em todas as faculdades de medicina da Europa. Desenvolveu as ideias sobre os temperamentos humanos, a partir do contributo galénico, encontrando-lhes ressonâncias do próprio macrocosmos “completando assim o ciclo de interdependências mútuas. Desta forma, o ser humano encontrava na disposição do firmamento todas as determinantes do comportamento do seu próprio corpo



A sangria.

e espírito¹⁵. Sabemos como a influência da astrologia marcou grande parte do percurso da medicina, praticamente, até ao final do século XIX. A teoria humoral enveredou assim por outros caminhos. Mas o gesto de sangrar, que era o seu postulado de terapêutica racional, havia de persistir ainda por muitos anos, vindo a ter mesmo o seu apogeu nos séculos XVII e XVIII.

Durante toda a Idade Média, esta ideia de combater a doença, através de tratamentos evacuadores, prosperou com muita facilidade. Curiosamente, a própria teoria dos humores parece de algum modo relegada e as justificações para a sangria raíam agora a esfera do absurdo. A astrologia e as ciências ocultas vão dominar boa parte da medicina até meados do século XVII, quando as ciências exactas - a física e a química - se impuseram no ambiente científico. Em 1514, o médico francês Pierre Brissot (1478-1522) critica a prática habitual das sangrias, desencadeando uma grande controvérsia científica. A questão levantada por este professor da Faculdade de Medicina de Paris, relacionava-se com o local da sangria, opondo-se ao que defendiam os médicos tradicionalistas que escolhiam as venissecções longe da zona da doença, de acordo com os princípios das autoridades médicas islâmicas que dominavam. Brissot defendeu os princípios hipocráticos que indicavam que a sangria devia ser praticada na proximidade do local doente. No fundo, é o renascer da ciência antiga, frente à tradição imposta nesses tempos, o que este movimento de facto significa. Um movimento que atingiu outros campos da medicina, sendo contestado ferozmente pelos defensores do *statu quo* vigente, onde a igreja pontificava. Facilmente se associavam as ideias diferentes às ideias do luteranismo. Brissot chegou, por isso, a fugir para Portugal. Eram, no entanto, tempos de mudança. Amato Lusitano, também seguiu os ensinamentos de Hipócrates, defendendo a sangria como um método para eliminar os humores



A sangria.

prejudiciais, devendo ser executada próximo da zona doente. Aliás, as suas Centúrias de Curas Medicinais constituem um repositório enorme e muito esclarecedor sobre as práticas evacuadoras em voga na medicina da época. São inúmeras as Curas, em que esta referência vem explícita (Curas XXVII, LV, da VI Centúria...).

A sangria na visão de Amato Lusitano

No prefácio da Primeira Centúria, sobre a medicina, em geral, e os aspectos relacionados com a cura das doenças, Amato recomenda ao médico que, na colheita da história da doença, obrigatória, pergunte ao doente se foi alguma vez sujeito a sangria e, caso afirmativo, “como se comportou”, isto é, se houve complicações, nomeadamente, a lipotímia, para que, se houver nova indicação, “enquanto o sangue corre, manter a mão nas pulsações das artérias”⁶. A preocupação pelas possíveis consequências nefastas da sangria é uma alusão repetidamente encontrada no texto amatiano.

A cura XLVIII, da Segunda Centúria⁷, é, explícita quanto à fundamentação do acto de sangrar o doente. Trata-se do caso de um sacerdote, de nome Graciolo, “homem sanguíneo, obeso e propenso a beber vinho”, que ao sofrer de grave disenteria biliosa, com febre, procurou o médico. Amato, ao observá-lo, prescreveu, sem hesitação, uma sangria, tendo-se o doente curado, dentro de poucos dias, com o emprego de mais alguns remédios. Havia então uma polémica sobre a indicação da sangria na disenteria. Os que eram contrários invocavam os ensinamentos de Galeno, aparentemente, opositor neste caso, uma vez que defendia não haver “necessidade de outra extracção quando houvesse febre com escoamento do ventre”. Mas era precisamente a febre que na medicina de Amato justificava a sangria. Porque a febre

“toma o coração”, e se “as forças, a idade, e outros factores anexos o consentirem”, a extracção de sangue pela secção da veia “retrai a matéria que corre para as ulcerações, diminuindo então o fluxo e as ulcerações conseguem a saúde antiga”. Uma vez que as ditas ulcerações, provocadas pela acção da matéria corrupta eram a causa da febre, das dores abdominais, e das cólicas, os médicos da renascença, que também tinham estudado Avicena, transmissor dos ensinamentos de Hipócrates, achavam que a flebotomia, ao “puxar para várias direcções” provocavam uma “agitação pela qual todo o organismo alcança uma refrigeração e, mediante ela, a agrura dos humores é corrigida”. É claro que também se sabia que a sangria podia provocar a morte. “Deve ser ministrada com atenção e cautela de forma a aproveitar e não a prejudicar”. Neste passo, rebatendo os que colavam a Galeno, conclui que a aparente discordância deste, significava, antes, mais cautela. Galeno queria chamar “a atenção do médico mais do que lhe propunha uma regra”. Habilmente, Amato Lusitano subentende nas disposições de Galeno, em vez de um erro (quem se atreveria a criticar Galeno?) a cautela de um grande médico.

Sangrar sempre, apesar de tudo e quase para tudo

Sendo uma prática tão antiga e que prevalecia, em força, em pleno Renascimento, não se arriscaria porém a entrar em descrédito perante os avanços revolucionários da medicina moderna, nomeadamente, a partir da descoberta da circulação sanguínea por William Harvey (1578-1667)?

Que iria de facto acontecer a tão franco, ainda que ambíguo, “cuidado” ou “mimo” da medicina? “On aurait pu supposer que les affrontements médico-philosophiques du XVII siècle et la decouverte de la circulation du sang allaient bouleverser cette pratique”⁸. Mas não. É nesta altura que aparece a fisiologia chamada iatromecânica, fundada a partir do princípio da hidráulica. A importância do bom funcionamento das condutas e dos filtros, com um fluido de boa qualidade, é realçada dentro das novas ideias acerca do funcionamento do corpo. “Como acontece nas fontes às condutas da água entupirem... acontece também muito frequentemente às condutas do sangue entupirem e rebentarem, quando o licor que contém é mais espesso do que devia ou é em demasia”⁹.

Os sangradores tinham ainda boas razões para não temerem o fim do seu trabalho. Os gestos tradicionais ligados à purificação, bem arraigados na mentalidade da época, por outro lado, reforçariam ainda mais a ideia de a sangria purificadora ser de uma absoluta necessidade, para a febre, a plétora, a dor, a inflamação... Que importavam as ideias de Harvey e de Malpighi (1628-1694) que descobriu os vasos



Jean Riolan, anatomista e deão da Faculdade de Medicina de Paris, foi um tenaz opositor à doutrina de Harvey.

capilares, se os próprios defensores das novas ideias sobre a circulação do sangue, também praticavam a sangria, como Thomas Sydenham (1624-1689), Boerhaave (1668-1738) e Cullen (1710-1790), que apenas divergiam nas explicações para os seus efeitos? Ilustres médicos da época, actores do próprio progresso científico da medicina, eram conhecidos “pour leurs généreux coups de lancette tous azimuts: hysterie, convulsions, manie, hypocondrie, péripneumonie, rhumatisme articulaire aigu, goutte, variole, etc.”¹⁰. Ainda no final do século XVIII, John Brown (1735-1788) defendia a sangria como “debilitante por excelência das afecções de plétora” e, nos Estados Unidos, Benjamin Rush (1745-1813), já no princípio do século XIX, ensinava aos estudantes de medicina de Filadélfia a sangria como processo de “depleção” muito útil. Assim como Laenec (1781-1826), na mesma época, prescrevia a sangria, entre outros doentes, aos tuberculosos, pensando assim “retardar a degenerescência tuberculosa”.

Requiem

O galenismo começou a sofrer sérios golpes, a partir da emancipação da anatomia, quando os anatomistas, o caso de André Vesálio (1514-1564), passaram a praticar directamente a dissecação humana, com método e um novo espírito de observação, que os levou a corrigir os ensinamentos de Galeno, milenarmente preservados, mas que agora se mostravam, indiscutivelmente, errados. A fisiologia emergente, em particular, com a descoberta da

circulação do sangue, por Harvey, arruinou definitivamente o edifício galénico. Novos grandes sistemas ou teorias médicas apareceram para ocupar o lugar em que as ideias galénicas tinham reinado durante cerca de 1500 anos. A iatroquímica, a iatromecânica, o animismo, o vitalismo, o solidismo, o brownismo, o mesmerismo e ainda outros sistemas de pensamento médico, deram origem a distintos conceitos sobre as doenças e, claro, a novas perspectivas terapêuticas. A teoria dos humores, nas bases em que havia sido arquitectada, não tinha mais sustentação. Para a iatromecânica, por exemplo, o corpo humano era comparado a uma máquina artificial, exemplificada pelo relógio, funcionando em bases puramente físicas. As partes sólidas constituíam as peças da maquinaria regida pelas leis da estática, enquanto que os líquidos se regiam pelos princípios da hidráulica. A fisiologia submetia-se em absoluto a um modelo compreensível com o recurso da matemática aplicada. Santoro Santorio (1561-1636), médico e fisiologista italiano, foi um dos primeiros defensores desta teoria, embora as raízes da iatrofísica se prendam à “patologia solidária”, sustentada com as ideias do filósofo grego Demócrito (470-380 a. C.), sobre os átomos. No entanto, esta teoria antiga cedeu o palco principal à teoria galénica dos humores, até praticamente ao início da idade moderna. Outra teoria oposta ao galenismo foi a iatroquímica, fundada por Paracelso, sendo ainda muito popular no século XVII.

Neste sentido, é natural que algumas vozes se comesçassem a erguer contra a tão famigerada sangria, sendo um dos mais famosos opositores, François Magendie (1783-1855). À luz dos novos conceitos da fisiologia circulatória, várias ideias fundamentais em que se baseava a sangria, caíram por terra. No entanto, como já dissemos, esta nova visão do corpo não teve efeito imediato nesta prática milenar da sangria. A difusão dos conhecimentos não é automática e os profissionais são tantas vezes resistentes a aceitarem as inovações, mergulhados que estão no trabalho absorvente do quotidiano e até, muitas vezes, centrados em questões bem diversas, como as da conflitualidade inter-profissional, um fenómeno clássico nos meios médicos tradicionais.

No ano de 1800, estima-se que só nos hospitais parisienses tenham sido colhidos, por sangria, 85.000 litros de sangue, e em 1824, consumidas 33 milhões de sanguessugas, número que passou para 44 milhões, em 1833. Em 1829, Clutterbuck escrevia: “Nós não sabemos como as sangrias agem, nem porque agem em alguns casos e em outros não”. Recomendava por isso o uso mais criterioso da sangria. Em 1835, Pierre-Charles-Alexandre Louis (1787-1872), publicou um estudo sobre os efeitos da sangria, em algumas doenças inflamatórias. Com uma mortalidade elevada, como era de esperar, para a época, concluiu que a mortalidade era tanto maior,

quanto mais cedo os doentes fossem submetidos à “salvífica” sangria. Essas extracções precoces pareciam fazer mais mal do que bem. “Resultado assustador, aparentemente absurdo” escreveu este médico, que foi o primeiro investigador a aplicar métodos de pesquisa quantitativa à medicina clínica. Elogiado por Osler (1849-1919), mas pouco lembrado depois, os seus estudos ajudaram no entanto a refrear a teimosia da sangria.

Durante as epidemias de cólera de 1832, 1835 e 1849, a própria opinião pública reagiu à execução maciça de tal método, chegando a agredir os médicos, exigindo-lhes procedimentos mais úteis para tratar os doentes. O desenvolvimento da farmacologia e da fisiologia acabariam por lhe dar o golpe mortal, extinguindo-se paulatinamente e desaparecendo, de vez, da cena, com a constituição da hematologia como disciplina autónoma sobre o conhecimento científico do sangue.

E Amato Lusitano, um verdadeiro médico do seu tempo, também teve nesta história, como vimos, o seu lugar. Ao reinterpretar os autores mais antigos, em particular renovando os conhecimentos de Hipócrates, e manifestando uma sensibilidade em que a segurança do doente pontificava claramente, contribuiu para refrescar as ideias sobre uma prática que ainda estava longe de chegar ao seu fim. A história da medicina também se fez por impulsos. A visão de Amato sobre esta matéria foi claramente no sentido da mudança.

* Médico. Universidade da Beira Interior.

Notas

1 Lusitano, Amato, *Primeira Centúria de Curas Médicas*. Livraria Luso Espanhola, Lda, 1948, p.4.

2 M. H. Rocha Pereira, *Helade, Antologia da Cultura Grega*. Coimbra, 1990, p. 211.

3 Barradas, J., *A arte de sangrar de cirurgiões e barbeiros*. Livros Horizonte, 1999, p. 29.

4 *Da natureza do homem*. Tratado da Colecção hipocrática, atribuído a Políbio, cuja fonte é o manuscrito *Parisinus graecus* 2253 (séc. XI), Biblioteca Nacional de Paris. Edição moderna de W.H.S. Jones, 1931.

5 *Idem*, p.48.

6 Lusitano, Amato, *Primeira Centúria de Curas Médicas*. Livraria Luso Espanhola, Lda, 1948, p. 3.

7 Amato Lusitano, *Centúrias de Curas Mediciniais*, Volume II. Universidade Nova de Lisboa (sem data), p.p. 102-105.

8 Leonard, J., A propos de l'histoire de la saignée (1600-1900). In: *Affaires de sang*, présenté par A. Farge, Editions Imago, 1988, p. 75. (Poderia supor-se que os afrontamentos médico-filosóficos do séc. XVII e a descoberta da circulação do sangue iam perturbar esta prática - trad. do autor deste texto)

9 C. De Marais, *Le Médecin de soi-même*. Leyde, 1682, p. 57. Citado por G. Vigarello, *História das práticas de saúde*, Notícias Editorial, 2001, p. 82

10 *Idem*. P. 75.

Bibliografia

- J. Barradas, *A arte de sangrar de cirurgiões e barbeiros*. Livros Horizonte, 1999, em particular as p. p. 27-54.

-G. Vigarello, *História das Práticas de Saúde*. Editorial Notícias, 2001.

- Lebrigue, Sangrar e purgar. In: Jacques le Goff, *As doenças têm história*. Terramar, 1991, p. p. 289-298.

-J. Leonard, A propos de Mistoire de la saignée (1600-1900). In: *Affaires de sang*, présenté par A. Farge, Editions Imago, 1988, p. p. 73-94.

- Lusitano, Amato, *Centúrias de Curas Mediciniais*. Universidade Nova de Lisboa, (sem data).

- Entralgo, F Lain, *Historia de la medicina*. Salvat, 1978.

GARCIA DE ORTA, UM CONTEMPORÂNEO DE AMATO - [MÉDICO NATURALISTA DO SÉCULO XVI: CERCA 1500 -1568]

João Nabais*

*... a verdade tem pés, anda
e nunca morre...*

Garcia de Orta é uma das personalidades maiores da sua época, médico, investigador, perseguido pela Inquisição por ser livre pensador e cristão-novo. É autor de *“Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia, e assi dalgumas frutas achadas nella, onde se tratam algumas cousas tocantes a medicina prática, e outras cousas boas pera saber”*, o primeiro tratado botânico sobre as propriedades medicinais de plantas da Índia. Verdadeiro homem da Renascença, Garcia de Orta, um dos precursores do experimentalismo apoiado no primado da razão, é considerado o criador da Medicina Tropical.

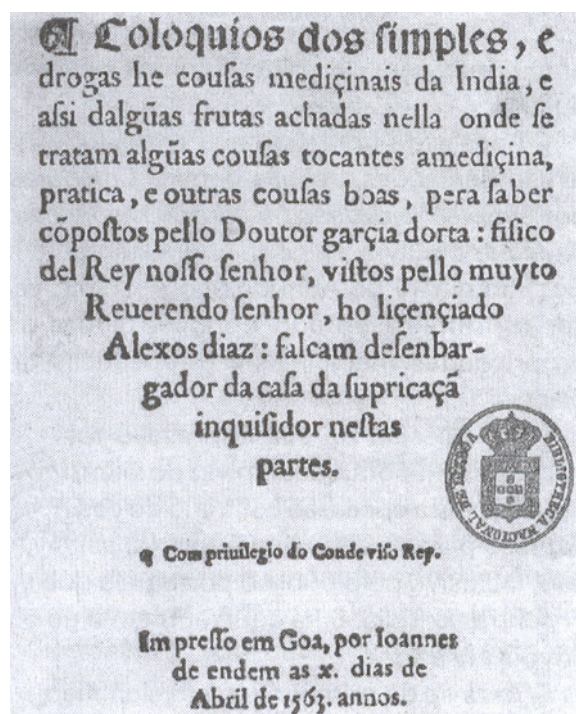
Garcia de Orta, notável médico quinhentista e botânico, é um verdadeiro homem do Renascimento. A sua vida começa em Castelo de Vide, cerca de 1500, filho de judeus espanhóis expulsos em 1492; depois de terminar os seus estudos gerais, segue para Salamanca e Alcalá de Henares, em Castela, onde estuda medicina. Em 1523 retorna a Portugal e recebe a autorização para clinicar. É professor da Universidade de Lisboa, onde **rege a cadeira de Súmulas e de Filosofia Natural e Moral**, e também médico na corte de D. João III.

Mas ele não está feliz. É um tempo de lutas e perseguições!

Embarca para a Índia em 1534, para uma viagem de seis meses, até Goa (*a cidade dourada*), capital do novo Império Português do Oriente. Aqui se fixa, segundo alguns historiadores por receio da Inquisição, como físico-mor de Martim Afonso de Sousa, vice-rei e capitão do Mar das Índias (e seu protector), a quem dedica, mais tarde, os seus “Colóquios”.

Aí continua a sua carreira de médico, contactando e confrontando conhecimentos com especialistas locais, árabes, hindus e persas. Mas há algo que o

atrai mais do que o cuidar dos doentes: A grande variedade de plantas medicinais e comestíveis, de resinas, de secreções animais, de minérios. Uma nova Matéria Médica que é desconhecida dos europeus.



Em 1541, contrai na desdita matrimónio com Bianca de Solis, de família de Cristãos Novos, e viaja, estudando e coleccionando produtos naturais. Tal recolha dá-lhe material suficiente para constituir uma biblioteca, um museu e um horto onde cria e aclimata espécies raras de plantas.

É um dos precursores do experimentalismo apoiado no primado da razão, concepção que põe em prática durante uma vida dedicada ao estudo dos mais variados tipos de flora.

Colóquios

No século XVI não é ainda fácil pôr em causa os Escritos Antigos. Ao tempo, os livros da época defendiam a ideia de que os pensamentos de Aristóteles, Galeno e Dioscorides eram donos de toda a verdade e inquestionáveis.

Garcia de Orta com a sua histórica obra, decorrente de trinta anos de estudos e observações, tem uma acção importante e revolucionária ao pôr em causa esta atitude de pensamento e quebra com a tradição. Ele passa simplesmente a acreditar na sua própria experiência e método de estudo sobre plantas e drogas, o que lhe dá uma visão mais real e objectiva do modo como elas podem ser empregues para aliviar os sintomas e curar a doença.

Apesar de uma vida rica em estudos e experiências, apenas publica *Colóquios dos simples¹ e drogas he cousas medicinais da Índia*, um livro épico dado à estampa em Goa, no dia 10 de Abril do ano de 1563; vai ser o primeiro tratado botânico sobre as propriedades medicinais e terapêuticas de plantas.

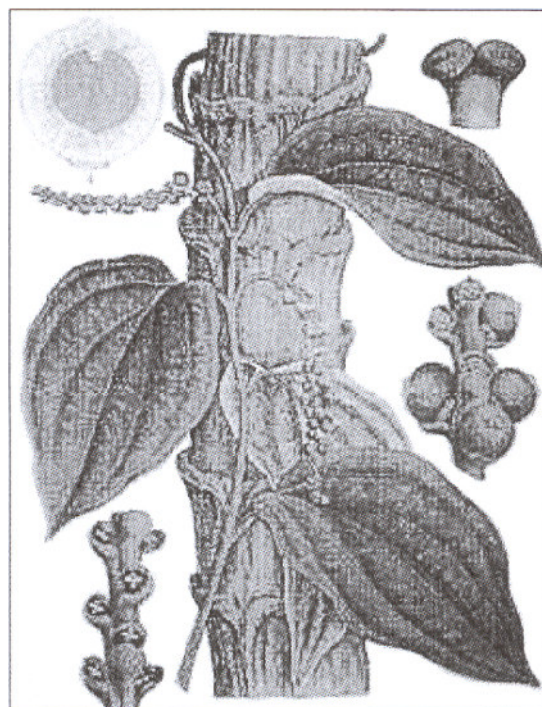
Por ocasião da sua impressão resolve publicá-lo em português em vez do latim, facto notável para a época, ao contrário do costume. Faz isso pois acredita que assim irá ser mais lido, inclusive pelo público português que se encontra na Índia. E há aqui também algo de novo e ousado.

Trata-se do primeiro registo científico de plantas do Oriente, divulgando novas espécies, com vista à sua aplicação na cura das doenças, e vai ser o terceiro livro a ser impresso na Ásia - aqui a Imprensa é introduzida, em Goa, na primeira metade do século. Quando chega à Europa é avidamente lido e reimpresso em várias línguas, sendo considerado um dos grandes acontecimentos culturais do século XVI.

O estilo literário consiste na forma de diálogo vivo, tão ao gosto da época, ficcionado entre um médico de Castela, Ruano de seu nome (alter-ego do nosso escritor), porta-voz da Medicina clássica tradicional, velha como o próprio homem, e Garcia de Orta (...*aprende-se mais um só dia com os portugueses, na Índia, que com toda a informação recolhida em cem anos pelos clássicos...*). Mais adiante diz "...*não me tente assustar ao falar de Dioscorides e Galeno, porque eu só falo do que sei ser verdade, isto é, daquilo que sempre tenho visto ...*".

Na sua obra descreve os sintomas de algumas estranhas doenças, como a «cólera-asiática», e diversos métodos terapêuticos. Uma importante compilação para a história médica e o renascimento científico português, contra o saber escolástico ainda vigente, o que hoje não sabemos amanhã saberemos.

Além de se tratar de uma autêntica enciclopédia medico-botânica (contém descrições minuciosas de meia centena de produtos como a canela, a *rauwolfia*, a cânfora, etc.) contribui igualmente para o conhe-



cimento da etnologia, etnografia e até da geografia do Oriente. Dada a riqueza e diversidade informativa, ainda hoje os "Colóquios" são uma obra bibliográfica essencial, apesar de só ter a sua primeira reedição, em português, em 1872.

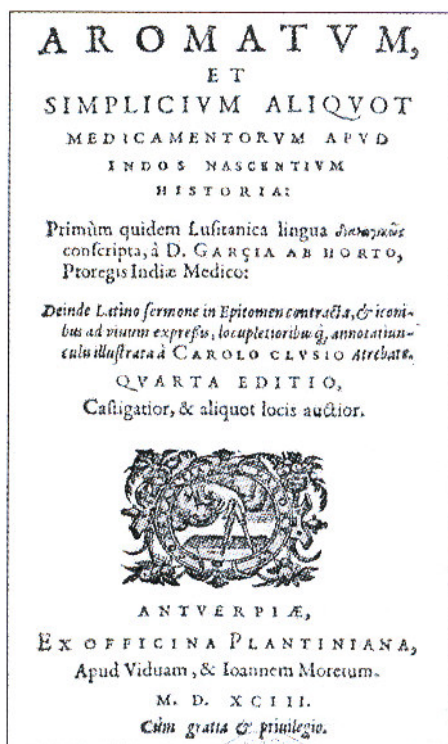
Utilizado por cientistas das mais variadas áreas, traz informações fundamentais para a medicina, botânica, física, química, farmacologia e biologia.

O nosso médico vai tornar-se no primeiro escritor europeu em medicina tropical e um pioneiro na farmacologia e botânica.

Em 1548, em reconhecimento dos seus serviços, o vice-rei torna-o donatário da então pequena ilha de pescadores, Bombaim.

Ao dedicar-se ao estudo da Botânica, funda em sua casa um herbário e um jardim para ensaio de novas espécies. Percorre num espírito de aventura o Oriente, com mais relevo a costa indiana, à procura de ervas, drogas e remédios secretos, refugiando-se em simultâneo no estudo do poder curativo de certas plantas que poderão ser usadas na experimentação, na assistência aos doentes... na paixão pelo conhecimento. *Fue traducido a varios idiomas y reeditado en numerosas ocasiones.*

Os últimos anos de Garcia de Orta são bastante difíceis. Enfrenta dificuldades económicas e querelas familiares. Oficialmente, desde 1560 estabelece-se por aqui o longo braço da Inquisição (três anos antes da publicação dos Colóquios). Vê sua irmã, Catarina, ser levada à Catedral de Goa para ouvir a sua sentença pelo "crime" de judaizar - a fogueira. Tal como o nosso Pedro Nunes, de Orta nunca será por ela incomodado em vida.



Quando D. Sebastião assume o reino, Garcia de Orta, amargurado, morre na cidade de Goa, em 1568. Como decorrência dos processos levados a cabo contra pessoas da sua família, é condenado post-mortem pelo Tribunal do Santo Officio pelo “crime” de “judaísmo”.

Como não se encontra mais entre os vivos, seus ossos são desenterrados e queimados publicamente em auto-de-fé, a 4 de Dezembro de 1580, e as suas cinzas lançadas ao mar através do rio Mandovi, doze anos após a sua morte.

Desaparecia um dos mais insígnies médicos e filósofos do século XVI, muito espírito de observação, muita rigorosa verdade, muito saber experimental, símbolo da medicina ultramarina portuguesa.

Garcia de Orta e Amato

Garcia de Orta (ca. 1500-1568) e Amato Lusitano (1511-1568) sendo contemporâneos, tiveram formações académicas semelhantes e parecido também foi o início das suas carreiras, ocupando um lugar cimeiro no estudo e investigação quinhentista, tanto em Portugal como no mundo lá fora.

São ambos de ascendência judaica, naturais da região arraiana, respectivamente Castelo de Vide e Castelo Branco, estigma esse que os vai perseguir pela vida fora, dada a instabilidade pessoal e emocional provocada. Os seus percursos são paralelos: o exercício da medicina com influência do movimento renascentista, dos descobrimentos e expansão portuguesa, é baseado no estudo de

produtos da natureza e no experimentalismo.

Depois de formados em Medicina na Universidade de Salamanca com passagem por Alcalá de Henares, regressam a Portugal e vão percorrer como médicos o País em vários lugares até Lisboa, então sede de Universidade.

Por volta de 1534, acontece o afastamento na direcção das suas vidas profissionais. Como emigrantes vão desenvolver as suas futuras actividades científicas em mundos completamente diferentes. Garcia de Orta embarca para a Índia, fixando residência em Goa (local menos desenvolvido cientificamente mas um campo aberto, de abundante matéria-prima tão desconhecida como original para novas pesquisas e indagações) e trabalha segundo os seus próprios métodos e critérios; Amato Lusitano (o primeiro grande observador da botânica peninsular) é um Escolástico, solicitado por várias Universidades, em permanente peregrinação no seu exílio pela Europa culta e evoluída, convivendo com os maiores médicos do tempo, aperfeiçoa a sua vertente filosófica, científica de insigne humanista, até se refugiar em Tessalónica, na altura integrada no império Otomano.

Por volta de 1540, Portugal começa assistir aos primeiros autos-de-fé, enquanto que o número de alunos do curso de medicina é de pouco mais de 10, num total de 642 estudantes universitários, na sua grande maioria a frequentar estudos de direito canónico- Universidade de Clérigos.

Estão no auge por toda a Europa as lutas religiosas entre a Reforma e a Contra-reforma, e a perseguição a todas as facetas de judaísmo e outras heresias, no sentido de submeter o poder religioso ao poder político. *O pecado esta em toda a parte* e anuncia-se *por pensamentos, palavras e obras. Para os que resistem, sobra um tempo de clandestinidade e de risco, um tempo de máscaras e ocultação.*

Homens notáveis de ciência, com uma imensa vontade de apreender o novo conhecimento, mercê do seu espírito inovador e científico, rejeitam toda a vertente mística ou mágica na procura da verdade. Cidadãos da Europa, do seu tempo e do Mundo, ambos morrem em 1568, mas já tinham deixado para a História da Medicina a compilação de dois tratados que irão ter grande repercussão nos meios médicos e científicos do seu tempo - Garcia de Orta (*Colóquios dos simples e drogas da Índia*), Amato Lusitano (*Curationem medicinalium centuriae septem*).

Foram capítulos novos da Matéria Médica que escreveram e aos quais ficou ligado o nome de Portugal, e por direito próprio vão figurar na historiografia da Expansão e Descobrimientos Portugueses.

Garcia de Orta e o porvir

Os descobrimentos portugueses e a sua expansão tiveram como consequência uma singular contribuição



para o progresso das ciências da natureza, em particular para o estudo de novas espécies de plantas e animais exóticos, especiarias, minerais e outras pedras preciosas, resultantes do novo Império que ia do Brasil, por África e Índia até ao extremo Oriente.

Inicialmente, a percepção da natureza e do mundo foram entendidos de modo empírico, o que ajudou ao conhecimento de muitas e novas realidades até aí desconhecidas, no campo da zoologia, botânica, geológica, geografia, etc., que viriam a constituir matéria consistente para ensaios científicos à posteriori.

Nesta área tiveram grande importância alguns portugueses, grandes figuras da História da Medicina Portuguesa Renascentista, como Amato Lusitano, médico, cirurgião, urologista, anatomista e Garcia de Orta, botânico, médico, investigador e farmacêutico.

O grande edifício da ciência e da cultura ocidental é obra de arquitectos de todos os tempos e de diferentes nações. *O engenho e arte* destes dois portugueses - como exemplos de *explosão de vida* da época moderna - vão ficar nela gravados de modo indelével para sempre.

No decurso do achamento de novas terras, costumes e gentes, ainda virgens de olhares europeus, destacam-se muitos diferentes portugueses: navegantes, mercadores, sábios, homens de estudo - havia físicos, boticários, botânicos e naturalistas ou simples observadores, que se evidenciam por uma série de obras pioneiras que irão abrir caminho à

entrada em cena de outros povos europeus. Foram eles os grandes orientalistas, nomeadamente tropicalistas dos séculos XV e XVI. Os descobrimentos vieram sublinhar, também a nível científico, as vantagens da teoria ligada à prática.

Garcia de Orta, como homem pioneiro de ideias e do culto pela verdade, marca um novo despertar na cultura portuguesa e europeia. Extraordinário médico e botânico legou-nos uma das mais importantes obras da História da Medicina - assente no humanismo, continua a causar admiração pela precisão e espírito científico revelados, o que irá ter um papel significativo no desenvolvimento da farmacologia e da química moderna.

No século XVI é necessário ter coragem para interpelar a ciência antiga (dos Gregos aos Latinos, passando pelos Árabes e Persas), mas Garcia de Orta vai revolucionar a farmacopeia clássica, ao mesmo tempo que Vesalius, na anatomia, e Copernicus, na cosmologia, pois irão quebrar com a tradição imposta.

Do ponto de vista político, o séc. XVI é o século das guerras da religião, consequência directa da evolução das ideias. A liberdade de consciência e o acesso ao livre estudo vão criar um campo ilimitado à razão e à experiência.

O seu livro consagra um saber acumulado de anos e ocupa uma posição ímpar nos trabalhos publicados no período do Renascimento, acrescentando uma nova matéria médica pelo somatório de outras variadas substâncias e produtos até então desconhecidos no Ocidente.

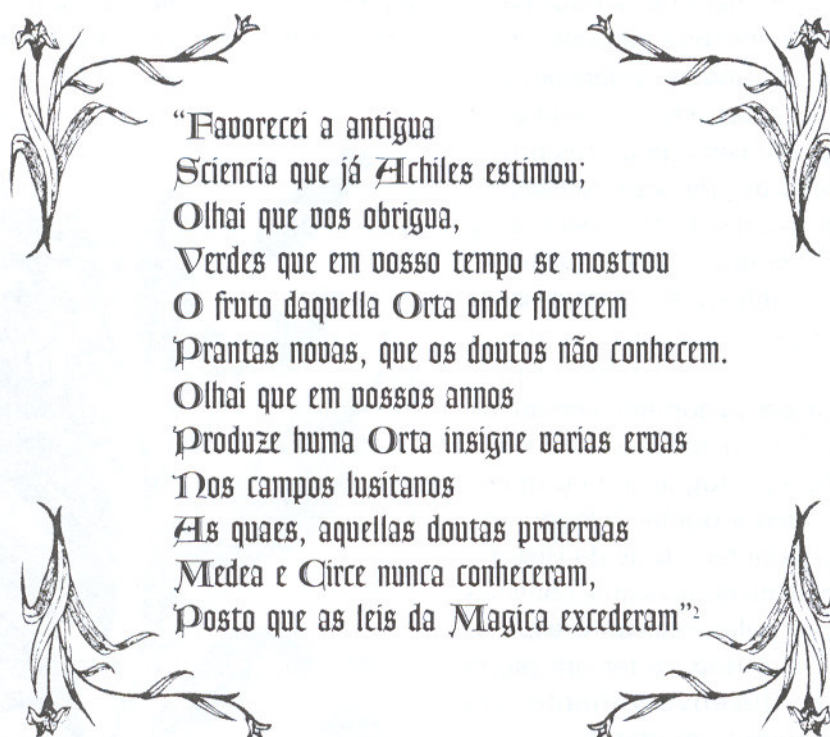
Os Colóquios (um marco na história mundial da medicina) tiveram repercussão a nível nacional, e mesmo internacional, com uma relevante receptividade para o seu tempo a partir de 1567. Pelo rigor crítico, científico e originalidade, hoje seria um *best-seller*.

O saber farmacopeico decorrente do progresso observada no domínio da Química analítica, vai contribuir para uma profunda revolução terapêutica e farmacológica nas várias áreas das ciências biomédicas, integradas nos séculos seguintes no arsenal terapêutico da medicina Ocidental.

No presente, a ciência médica está ainda mais persuadida da função indispensável das plantas e demais ervas como origem de outras substâncias activas, no tratamento de antigas e novas doenças da civilização.

É hoje recordado em Lisboa por uma estátua em frente ao Instituto de Higiene e Medicina Tropical; pelo Jardim com espécies exóticas, no Parque das Nações que leva o seu nome, bem como no Hospital Garcia de Orta, sobranceiro ao rio, na outra margem.

Entre os seus amigos contam-se também Pedro Nunes e Luís de Camões. Camões tem o seu poema de estreia impresso em 1563, em Goa, na primeira edição de Colóquios. É justamente uma ode, em louvor do então Vice-rei da Índia:



“Favorecei a antiga
 Sciencia que já Achiles estimou;
 Olhai que vos obriga,
 Verdes que em vosso tempo se mostrou
 O fruto daquela Orta onde florecem
 Prantas novas, que os doutos não conhecem.
 Olhai que em vossos annos
 Produze huma Orta insigne varias ervas
 Nos campos lusitanos
 As quaes, aquellas doudas protervas
 Medea e Circe nunca conheceram,
 Posto que as leis da Magica excederam”²

Notas

¹ *dos simples* - plantas silvestres com certas propriedades medicinais.

² Trecho do poema de Luís de Camões ao Vice-Rei da Índia, publicado em homenagem ao livro de Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia*.

Bibliografia

- *Dicionário da História de Portugal*, vol. IV, Joel Serrão: Porto, Livraria Figueirinhas, 1981;
- *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, José da Silva Dias: Lisboa, Editorial Presença, 1982;
- *Garcia da Orta e o seu tempo*, Conde de Ficalho: Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983;
- *Garcia de Orta e o Diálogo Civilizacional*, Luís Filipe Barreto, *Descobrimentos e Renascimento. Formas de Ser e Pensar nos Séculos XV e XVI*, Lisboa: INCM, 1983;
- *Descobrimentos e Renascimento, Formas de Ser e Pensar nos séculos XV e XVI*, Luís Filipe Barreto: Lisboa, INCM, 1983;
- *Os Descobrimentos Portugueses*, Luís de Albuquerque: Lisboa, Publicações Alfa S.A., 1985;

- *Garcia d'Orta e Amato Lusitano na Ciência do seu Tempo*, por A. J. Andrade de Gouveia (vol. n.º 102), Biblioteca Breve, Lisboa - 1985;

- *Caminhos do Saber no Renascimento Português*, Estudos de História e Teoria da Cultura, Luís Filipe Barreto: Porto, INCM, 1986;

- *Esquisso Histórico da Farmacologia em Portugal*, José Garrett, Porto, 1988;

- *História, Medicina e Descobrimentos Portugueses*, J.J.C. Frada, Rev. ICALP, vol.18,1989;

- *Dicionário da História dos Descobrimentos Portugueses*, 2º vol., Luís de Albuquerque: Lisboa, Caminho, 1994;

- *Cristãos-Novos Judeus e os Novos Argonautas*, António Borges de Macedo, *Questionar a História IV*, Ed. Caminho, S.A., Lisboa -1998;

- *Contributos Portugueses para a História da Cardiologia: das origens ao dealbar do século XX*, João José Cúcio Frada, 2001;

- *The Double Life of Garcia de Orta (1500-1568)*, Michael Nevins, M.D., 2002;

- *Colloques des Simples e des Drogues de l'Inde*, Garcia de Orta, Antonio Ramos, Sylvie Messinger-Ramos e François Marchand-Sauvagnargues, The-saurus, 2004

* Médico Pediatra. Poeta

João Curvo Semedo - Em busca da química da vida

Maria do Sameiro Barroso*

«Ser alquimista é compreender
a química da vida»

Paracelso

João Curvo Semedo nasceu em Monforte em 1 de Dezembro de 1635 e morreu em Lisboa a 26 de Novembro de 1719. Estudou em Lisboa, no Colégio de Santo Antão; formou-se na Universidade de Coimbra. Exerceu clínica em Lisboa, onde rapidamente granjeou uma enorme fama como inventor de remédios. Este autor é muito discutido pelos críticos e historiadores da Medicina, alguns dos quais o acusam de se ter desviado de métodos rigorosamente científicos para se entregar a superstições, usando um excessivo empirismo. Foi, no entanto, considerado médico muito notável e erudito, tendo sido o primeiro médico português a empregar a quina¹. Foi Médico da Casa Real e Familiar do Santo Ofício, cargo que, no entanto, deve ser entendido à luz da mentalidade da época, pois permitia-lhe investigar e viver sem problemas com a Inquisição.²

Armando Moreno considera-o: «um dos grandes vultos da Medicina portuguesa, e um grande clínico e preparador de mezinhas»³, salientando que: «O contacto com a doença e a miséria, terá criado nele a ideia que a vida não era uma fonte de prazeres, mas de sacrifícios. Em breve foi nomeado médico do Paço e, aos poucos foi experimentando mezinhas, cuja composição só ele sabia e que vendia por elevado preço, num tal segredo que «nem as aranhas vissem».

Só aos 80 anos consentiu em publicar a *Polienteia Medicinal*. Quando lhe perguntaram como conseguira atingir essa idade, terá respondido, não sem sentido de humor e uma gota amarga de verdade: «Vendendo as mezinhas, mas nunca as tomando»⁴. Curiosamente, na sua obra *Atalaya da Vida*, faz uma lista de *mezinhas sigilosas asquerosas* que se utilizavam em Portugal, prevenindo contra os seus malefícios. Como vemos, a confusão quanto aos meios utilizados era

grande e deixava dúvidas, mesmo a quem os inventava, fabricava e defendia.

Os livros que escreveu foram os seguintes:

Tratado da Peste; Polienteia Medicinal; Atalaya da vida contra as hostilidades da morte; Observações médicas doutrinais de cem casos gravíssimos; Manifesto feito aos amantes da saúde; Memória dos remédios esquitos que da Índia e outras partes podem dar purgas estando os humores crus e Tratado do ouro diaforético, sua preparação e virtudes.



Curvo Semedo - retrato.

Após a sua morte, ocorrida em 25 de Novembro de 1719, na cidade de Lisboa, as obras que escreveu continuaram a ser bastante populares, tendo continuado a ser divulgadas pelos seus descendentes. Em 1783, foi publicado o *Compendio dos Segredos Medicinaes, ou Remedios Curvianos*, mandado imprimir por Manuel José Curvo Semedo, já com «privilegio exclusivo de Sua Magestade, e licença exprensa da Real Junta do Proto Medicato»⁵. Não podemos deixar de salientar a importância e eficácia

atribuída aos remédios, que continuavam a ser largamente utilizados, na falta de melhores meios, pois o tratamento das doenças só começará a ser eficaz, no final do século XVIII⁶. Convém ter em conta que o século XVII traz poucas inovações terapêuticas, para além da quina e da ipeca⁷. Não existia, também, neste tempo, qualquer codificação de preparação dos medicamentos, nem qualquer tipo de regras de controlo, emanando da autoridade régia ou do poder real. Cada farmacêutico fabricava as suas misturas em função de critérios próprios ou baseando-se nas tradições locais⁸.

O receituário, desde a Idade Média e até ao séc. XVII e XVIII, contava com drogas que possuíam efeitos seguros mas contava também com remédios de natureza muito duvidosa, ou mesmo nociva, tais como: excrementos de animais ou de proveniência humana, relacionada com ideias primitivas de superstição e magia. Muitos destes produtos, utilizados como remédios eram caríssimos e não possuíam qualquer efeito, pois, as crenças voltavam-se para as propriedades mágicas dos produtos⁹. AMBROISE PARÉ (c. 1510-1590) foi o primeiro a testar a eficácia clínica destes preparados e a condenar a utilização do uso da múmia¹⁰.

A astrologia, a adivinhação, já ligada à prática da medicina desde a Babilónia¹¹, as crendices e as superstições de uma forma geral, continuaram a fazer parte do saber médico, aos quais as crenças religiosas se sobrepunham, dificultando a observação e a objectividade. A alquimia¹² que, através da Medicina árabe, dera um valioso contributo para o desenvolvimento de novos processos e para a descoberta das novas substâncias, também prosseguia até ser destronada por LAVOISIER e o aparecimento da química.

As doenças eram entidades mágicas, misteriosas, consideradas, a maior parte das vezes, castigos divinos que era preciso tratar com contravenenos, panaceias ou antídotos universais. Um dos mais célebres destes antídotos é o *Mitridaticum*¹³, que, mais tarde, evoluiu e se passou a chamar Triaga ou Teriaga¹⁴.

Os minerais também eram utilizados, desde a Idade Média, com fins terapêuticos¹⁵. Além das pedras preciosas e semipreciosas, havia o bezoar (palavra que se utiliza na medicina actual para designar concreções de substâncias não digeridas que se acumulam no estômago) e que teve uma importância na história da medicina. A palavra, de origem persa bād-sahr, significava antídoto para venenos e era uma concreção calcária produzida no segundo estômago de alguns ruminantes asiáticos. Acreditava-se que esta pedra era eficaz na cura de algumas doenças, tais como a melancolia e a epilepsia. A pedra era reduzida a pó e dissolvida em vinho, que era tomado, na forma de bezoártico. Devido às suas qualidades mágicas e pretensamente curativas, o bezoar era

extremamente valioso e oferecido como prenda principesca¹⁶, tendo sido largamente utilizado por JOÃO CURVO SEMEDO, que o receitava contra as «febres malignas e venenosas», quando as febres não cediam aos outros remédios, ou quando, como refere: «a malignidade peccar nómente na qualidade oculta¹⁷». Digna de nota é esta hipálage - a febre peca - traduzindo a ideia que a doença tem origem pecaminosa, bem como a sua origem oculta, denotando, evidentemente a influência, na Medicina, dos conceitos da alquimia.

A doença, entendida como entidade autónoma, expressa por uma semiologia própria, surgiu, por essa altura, com Van Helmont. Este desenvolveu a visão ontológica ou parasitológica da doença, tendo aberto o caminho para o diagnóstico clínico, para a etiologia e para a anatomia patológica. Recordemos que, na Antiguidade, a doença não tinha um significado real. A atenção do médico voltava-se para o indivíduo doente e via-se a braços com um amontoado de queixas e sintomas, sobre os quais tinha pouca capacidade de discernir. A ideia de doença, como entidade exterior, que toma conta do indivíduo e o destrói, é uma concepção moderna, bem como a actual nosologia (classificação das doenças)¹⁸.

Deste facto JOÃO CURVO SEMEDO, que fala de febres, ocultas, malignas, venenosas, bexigas, sarampos, febres vermelhas, fluxos, fluxos uterinos, fluxos involuntários de sémen, flatos, ventosidades, supressões de urina, hidropisia, lombrigas, acidentes uterinos, paralisias, estupores, faltas de respiração e sufocação, icterícia, enfim, quadros semiológicos confusos, nos quais reconhecemos síndromas e doenças.

As condições de higiene, nesse tempo, também eram bastante precárias. Só na segunda metade do séc. XVIII é que os médicos voltarão a receitar os banhos e as lavagens.

Do livro *Observações Medicas Doutrinaes*, ROLANDO MOISÃO¹⁹ faz a transcrição de um poema, que lhe foi dedicado, escrito originariamente em latim:

«Tão douto, claro e suave
Escreveis, ó Grão Semedo,
Que só com vos ler, bem podem
Cobrar saúde os enfermos.
Milagres fazeis maiores
Que Hipócrates e Galeno,
Que eles curavam os corpos
Mas vós os entendimentos».

JOÃO RUI PITA reforça a ideia de que JOÃO CURVO SEMEDO estaria bastante actualizado, em relação aos progressos do seu tempo, pois há sinais de que conheceria o *Cours de Chimie* de LÉMERY autor que nunca foi traduzido em Portugal²⁰. As mezinhas de JOÃO CURVO SEMEDO foram vendidas até ao sécu-



lo XIX. Durante este século foram possíveis as grandes conquistas da ciência e a química destronou definitivamente a antiga alquimia. Às grandes obsessões sucederam-se as pequenas conquistas, o método experimental, o nascimento do método científico que acabaram por pôr termo à busca da pedra filosofal, ou ao elixir da eterna juventude.

No século XVII, MORGAGNI (1682-1771), não sendo o primeiro a praticar autópsias, foi o primeiro que as realizou sistematicamente, em busca das lesões responsáveis pelas doenças²¹. O corpo vai-se libertando da esfera do sagrado e começa a ser estudado e entendido e a ideia de finitude, inerente ao destino humano começa a impregnar a existência, em vez de a protelar para o além. O enfraquecimento das crenças religiosas permite uma abordagem positivista da vida. No século XVIII, obras como *o Don Giovanni* de MOZART, as obras do Marquês de Sade ou o lirismo de HÖLDERLIN e dos românticos alemães assinalam a alteração que se verifica entre o homem e o seu destino²². A magia existe, continua a existir mas é já encarada de outra forma, tal como já referia NOVALIS, no final do século XVIII:

«A magia: é a arte de utilizar, à nossa vontade, o mundo dos sentidos.»²³.

Outro Poeta, FRIEDRICH SCHILLER²⁴, contemporâneo e amigo de GOETHE, o único, dos autores clássicos, com formação médica²⁵ com os pés bem

assentes na terra, no final do poema *An die Freunde (Aos amigos)*, refere-se à fantasia, como a única coisa que não envelhece:

«Tudo se repete no decurso da vida,
Jovem eternamente é só a fantasia,
Só o que nunca, em lugar algum aconteceu,
É que não envelheceu, um dia.»²⁶

A imortalidade continua a viver, em nós, através da arte, juntamente com a certeza, de resto bem antiga, da nossa finitude. Na primeira epopeia suméria, GILGAMESH partira em busca da imortalidade, que encontrou, na forma de uma planta, mas acabou por a perder, aceitando, simbolicamente, a sua finitude. Na *Odisseia*, essa imortalidade é oferecida a ULISSES pela deusa CALÍOPE, mas este recusa-a, preferindo PENÉLOPE, assumindo, também o seu destino humano e mortal²⁷.

No mundo moderno, ficou-nos a linguagem poética, para representar a complexidade da vida e da morte. Para os olhos de um poeta, o corpo e o mundo continuam a ser um espaço de magia e descoberta.

Fiquemos pois com JOÃO CURVO SEMEDO e a sua *Polianteia* que, desactualizada e desvirtuada pelos actuais filtros terapêuticos, ainda funcionou, para nós, como um poderoso elixir poético, desdobrado entre metáforas puras, fórmulas ingénuas, refazendo um mundo, um universo mágico, repleto de metáforas perdidas, trazidas de um tempo irreal.



NOS POMARES DE ALEXANDRIA

Fugir à perfeição, construir casas recônditas, sobre
balões levíssimos de neve e oxigénio *lavrando a vida*,
os olhos salinos, unindo o mel, as mãos,
os anéis e o mercúrio,
na frescura alquímica de arrancar às válvulas loucas,
os átrios leves de uma ciência exacta,
desatando a lua e os seus cornos escarlates.

No mar, há rios mudos, poções de vida sob luas
negras.

Penso em Alexandria,
onde se desenvolveram as antigas ciências médicas.
Pela água e os humores do cosmos, *similia
similibus*²⁸.

Escrevo o corpo retórico, anímico e celular
e assino essa luz, onde o insubstituível,
esse dizer poético se afirma,
sobre as colinas lentas e os espelhos múltiplos
- insidiosos licores flutuando algures,
numa pátria imaginária.

Pelas correspondências múltiplas, trabalhava a
metáfora,
o poema, uma essência escondida
e a lua descia, perifrástica e contínua, mudando o
céu,
o vinho e as estações,
o meu olhar era uma reminiscência louca de perfumes,
- a boca assombrada, as veias ocultas,
os pés queimando na terra.
A vida elaborava a sua mecânica trágica, o corpo
esvaziava-se.

Lia João Curvo Semedo:

- «Os dezassete segredos médicos» do Médico da
Casa Real, reeditado no ano de 1783.
E erguiam-se as cidades, os olhos perpendiculares,
o espírito encerrado pela luz das cisternas.
A luz desdobrava as algas, a chuva e os joelhos,
mais um dia nascia, melodioso
-como uma «*polyanthea*»²⁹,
uma estrela decantando o mundo e os seus filtros.

E deleitava-me com os seus «remédios curvianos».
Havia «os Bezoarticos» ou os «contravenenos»
para as «febres malignas» ou as «doenças venenosas»
que tornavam «o sangue vermelho e puro»,
«a língua húmida» e «a urina delgada»
No meu espírito, soltavam-se os átrios negros,

ilustrando Lisboa no séc. XVIII,
onde eu recriava palácios, cavalos, jardins de azul
e canela, junto aos limoeiros luminosos, entre receitas
que juntavam: «pevides de cidra azeda, uma oitava,
raízes de escorcioneira e seis onças
de açúcar rosado de Alexandria,
folhas de sene de Lapata» e essa bebida estranha:
o «Bezoartico», «subtilmente pulverizado».

Dava-se: «meio quartilho de seis em seis horas
para o doente com febre maligna, com carga de
humores». Quando chegava às «febres vermelhas»,
já pelas minhas mãos, cobertas de papoilas, se
escoava o mel, o tamarindo, as folhas frescas
e as sombras apodreciam lentamente,
pelos olhos perpendiculares que diziam as harpas e
os perfumes;
o corpo, embriagado pelo aroma dos jacintos,
ditava os poema novos que voavam, em volta da
cabeça.

Os astros uniam-se, pela sua órbita vazia e o universo
queimava.

O poema soltava as suas válvulas macias.

Uma protociência debilíssima inflamava-se e os
vinhedos floriam, expressando a sua retórica negra.
As convulsões sucediam-se e a ciência prosseguia
os seus sonhos persistentes, num século desconcer-
tante.

Eu era uma reminiscência, onde a salsa descia,
deixando as omoplatas livres, os joelhos tranquilos,
entre «xarope de rosas secas»
(de pouca, ou nenhuma acção farmacológica),
apenas o seu cimento poético a fermentar,
dissolvendo os seios lentos,
as flores impuras e a chuva venenosa.

Para os «humores tartáreos, viscosos e
melancólicos»,
nada como «um xarope áureo»
Quando a lua cavalgava os remoinhos e os arco-íris:
«duas onças de cevada» para as «febres ardentes».
ou a «Água Lusitana» que JOÃO CURVO SEMEDO
inventou «contra as sezões».

Entre nós, JOÃO CURVO SEMEDO utilizava
o quinino contra a malária, pela primeira vez,
depois escrevia o seu «Tratado do ouro diaphoretico».

Desse «ouro», do qual já nada restava,
em mim, a poesia germinava, entre a casa
e as espigas, sagrando o corpo, ascético celeiro,
a salsa, a chuva, exorcizando o medo,
a lua em desalinho tornando o sangue vermelho
e os olhos límpidos.

No mês de Maio, o corpo hesitava, atravessado
por «gotas de mel», «leite virginal», «açafão pesado».
O mundo era mágico e frenético, como o pensamento
médico que se abria, franqueando as suas janelas.

Na geografia do delírio, eu florescia, o olhar incendiado
galgando o interdito, o céu azul,
provando estranhos licores,
no silêncio de expurgar o linho e os venenos,
o olhar rompendo as cisternas,
os olhos perpendiculares,
-assim «curando» as minhas «febres ardentes»,

nos pomares de Alexandria.

* Médica, escritora, investigadora.

Notas

1 *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Editorial Enciclopédia, Lisboa-Rio de Janeiro, s. d., Volume VIII, pg. 313-314.

2 *Diccionario Bibliographico Portuguez, Estudos de INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA applicaveis a Portugal e Brasil*, Tomo III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1819, pgs. 357-358.

3 ARMANDO MORENO, *O Mundo Fascinante da Medicina, Volume I*, A Medicina e a História, História da Medicina Universal, Lisboa, 1998, ARMANDO MORENO, Volume II, Parte I, Capítulo Prémios Nobel que não foram atribuídos, pg. 74.

4 ARMANDO MORENO, *Op. cit.*, Volume II, Parte I, pg. 62.

5 MANOEL JOZE CURVO SEMMEDO, *Prólogo a Compendio dos Segredos Medicinaes, ou Remedios Curvianos que inventou e compos o Doutor JOÃO CURVO SEMMEDO*, Lisboa, 1783, pg. 7.

6 MAURICE TUBIANA, *História da Medicina e do Pensamento médico (Les Chemins D'Esculape*, tradução de TELMA COSTA, Teorema, Lisboa, 1995, pg. 119.

7 JEAN-CHARLES SOURNIER, *História da Medicina (Histoire de la Medicine)*, Tradução de Jorge Domingues Noguelos, Instituto Piaget, Lisboa, pg. 191.

8 JEAN-CHARLES SOURNIER, *Op. cit.*, pg. 192.

9 MARTIN MÁDL, *Ausstellung Historischer Apotheken (Exposição de Farmácias Históricas)*, Národní Muzeum, Praga, 2001, pg. 55.

10 Á. TAVARES DE SOUSA, *ibidem*.

11 LYONS/PETRUCCELLI, *História da Medicina*, tradução MARIA JOÃO DÃ COSTA PEREIRA, Farmapress Edições,

Lisboa (original editado pela Harry N. Abrams, Incorporated), Volume I, pgs. 63-67.

12 TAVARES DE SOUSA, *Curso de História da Medicina, Das Origens ao Século XVI*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996, pgs. 160-161.

13 A. TAVARES DE SOUSA, *Op. cit.*, pg. 56.

14 MARTIN MÁDL, *Op. cit.*, pg. 56.

15 MAURICE TUBIANA, *Op. cit.*, pgs. 56-57.

16 Existem exemplares de destas misteriosas ornamentadas de ouro e pedras preciosas, dois dos quais no *Kunsthistorisches Museum*, em Viena, um colocado num anel de ouro, rodeado de esmeraldas, repousa sobre um pedestal de três leões de ouro; quatro fitas, ornadas de esmeraldas seguram o bezoar, que é encimado por uma coroa de esmeraldas (ROTRAUD BAUER, *Kunsthistorisches Museum, Verlag Christian Brandstätter*, Viena, 1988, pg. 169). Outro destes objectos foi transformado em taça de esmalte dourado, objecto artístico de grande qualidade, assinado por JAN VERMEYEN (Bruxelas, 1559-1606) pertenceu ao Imperador RUDOLFO II, que, no final da sua vida, tinha medo de ser envenenado. O bezoar era então considerado dez vezes mais valioso que o ouro (ROTRAUD BAUER, *Op. cit.*, pg. 209).

17 JOÃO CURVO SEMMEDO, *Op. cit.*, pg. 10.

18 WALTER PAGEL, *apud* PEDRO LAIN ENTALGO in *Historia Universal de la Medicina*, Volume IV, Salvat, Barcelona, 1972, pg. 265.

19 ROLANDO MOISÃO, *A Biblioteca Histórica da Ordem dos Médicos*, Celom, Lisboa, 2001, pg. 41.

20 JOÃO RUI PITA, *História da Farmácia*, Minerva, Coimbra, 1998, pg. 160.

21 MAURICE TUBIANA, *Op. cit.*, pg. 151.

22 MAURICE TUBIANA, *Op. cit.*, pg. 153.

23 *In Fragmentos de Novalis, Assírio & Alvim*, Selecção, tradução e desenhos de RUI CHAFES, Lisboa, 1992, pg. 44.

24 FRIEDRICH SCHILLER (1759-1805) foi cirurgião militar, ao serviço do príncipe Karl Eugen, em Stuttgart, antes de se dedicar à literatura (CLAUDIA PILLING, DIANA SCHILLING, MIRJAM SPRINGER, *Friedrich Schiller*, Rowohlt Taschenbuch Verlag, Hamburg, 2002, pg. 18).

25 Segundo ERNST LAUTENBACH, SCHILLER encarava a Medicina como um sistema filosófico e, ao pensar o homem como um todo, anteviu a Medicina psicossomática, dois séculos antes de esta vir a ser equacionada (ERNST LAUTENBACH, *Lexicon Schiller Zitate aus Werk und Leben*, ludicium Verlag GmbH, Munique, 2003, pg. 7). *Ewig jung ist nur die Phantasie, Was sich nie und nirgends hat begeben, Das allein veraltet nie!*» (Tradução nossa). (FRIEDRICH SCHILLER, *Sämtliche Gedichte*, Insel Verlag, Frankfurt, 1991, pg. 519).

27 Sobre este assunto ver NUNO SIMÕES RODRIGUES, *Ulisses e Gilgamesh*, Actas do Congresso "Penélope e Ulisses", Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002.

28 «*Similia similibus curantur*»: aforismo da Medicina homeopática, que significa «O semelhante cura-se através do semelhante».

29 Palavra de origem grega que significa: «múltiplas flores» e que JOÃO CURVO SEMEDO utiliza para designar o conjunto da sua farmacopeia.

A Obra de José de Lacerda e a evolução do pensamento médico

José Morgado Pereira*

Introdução

José Caetano de Sousa Pereira de Lacerda nasceu na freguesia da Ribeira Seca (Ilha de S. Jorge, Açores) a 21/7/1861 e morreu no Estoril em 10/7/1911. Formou-se em Lisboa, na Escola Médico-Cirúrgica em 1894. Foi Médico do Hospital de S. José e assistente de Doenças Mentais em Rilhafoles. Publicou, ainda estudante, dois livros de poemas (Hecatombe e Flor de Pântano); publicou também a tradução de poesias de H. Heine e a tese do curso: Os Neurasténicos. Fez parte do corpo redactorial dos Arquivos de Medicina, publicado sob a direcção de Câmara Pestana, onde escreveu artigos sobre Hipnologia. Colaborou em outros jornais e revistas: Medicina Contemporânea, Jornal da Sociedade de Ciências Médicas, A Alma Nacional, A Luta. Em 1901, foi convidado a concorrer ao lugar de Professor da Escola de Lisboa, para o que escreveu em 5 semanas a tese "Esboços de Patologia Social e Ideias sobre Pedagogia Geral". Ainda em 1901 foi eleito deputado pelo Círculo de Angra do Heroísmo, tendo nesta época escrito o livro "Algumas palavras sobre interesses açoreanos" (1902). Depois, surgiu a colaboração no "In Memoriam" de Sousa Martins (1904). Neste primeiro trabalho analisarei apenas, brevemente as duas principais obras.

"Os Neurasténicos" - Esboço de um estudo médico e filosófico

Publica em 1895, este livro, prefaciado por Sousa Martins.

O livro, começa por definir classicamente a neurastenia como doença sem lesão orgânica e portanto puramente funcional, para logo a seguir denunciar com firmeza a "reminiscência abstrusa das velhas metafísicas requintadas por Stahl, e o nevoento vitalismo quinta/ essencia por Barthez".

E parte para a defesa de uma ciência positiva e



Ilustração, *Les Maladies mentales*, 1938.

experimental, com a Biologia a desenvolver-se de forma progressiva e a senil metafísica escolástica a calar-se, isto dito num estilo de entusiasmo e exaltação da ciência que faz lembrar os escritos de Miguel Bombarda. Critica também com rudeza os que zombam de Darwin, fogem de Spencer e riem de Lombroso, e os que se fantasiam divorciados da natureza e se fingem isentos da bioquímica. Tenta mostrar que a História da Neurastenia começa afinal em Hipócrates e Galeno, e vai tendo diferentes designações até

Beard, em 1880. Por exemplo Whytt (1765), fez uma diferenciação entre neuropatas, hipocondríacos e nervosos, traçando, ao estudar os últimos, um quadro completo da neurastenia apenas sem nome próprio.

A vasta semiologia neurasténica é pormenorizada-mente descrita, mas por vezes usa numa escrita curiosa certa dinâmica que encontrou por exemplo na insónia dos doentes: "...imprópriamente lhe chamam insónia todos os autores. O neurasténico é um sonolento. Dorme, em regra, muito. A verdade é que dorme, sempre, mal. Deseja e teme, ao mesmo tempo, o sono. Gostaria de dormir, por que é em tudo e para tudo, um fatigado, se não soubesse, pela experiência e pelo instinto que acordará pior - mais Hiposténico em tudo e para tudo mais inapto..."

Insiste que a neurastenia é, de há muito, rica em sintomas subjectivos e pobre em sinais objectivos. Mas acredita que é de esperar que os progressos da semiologia ensinem em breve à medicina a definitiva forma bioquímica daquela nevrose.

Ao analisar a "neurastenia vesânica" Lacerda afirma que ela se manifesta em regra nos degenerados. E o degenerado é simplesmente para ele "uma interessante entidade desarmonica" que vive ao mesmo tempo em diversas épocas, passadas ou futuras, da sua espécie ou da série animal e os degenerados resultam em regra dos fatigados, neurasténicos e histéricos. Esta teoria parece-lhe abarcar todos os casos possíveis de degenerescência desde "os mais brutos estigmas morfológicos até às mais finas perversões mentais, dese o tosco prognatismo que nos faz pensar no homem das cavernas até ao requintado egotismo que nos faz prever o cidadão do Séc. XX".

O homem pode ficar no passado, chegar ao presente, ou entrar no futuro consoante a quantidade, a qualidade, e a harmonia das energias do seu potencial de Evolução. E lembra Bemvinda, (famosa microcéfala estudada por Bombarda) e Antero de Quental a quem Sousa Martins "nosografou primorosamente, num livro em via de publicação, a interessante psicopatia deste poeta grande e degenerado superior".

É curioso constatar que a certa altura a neurastenia era quase tudo, mas até podia ser quase nada - o autor em nota ao falar do fâcies neurasténico diz que um ou outro apresentam saúde florescente, sendo nesses casos, raros, os neurasténicos considerados "embusteiros" pelos médicos e os médicos classificados de ignorantes pelos neurasténicos.

A simples explicação fisiológica impõe-se por vezes: "estou em crer que a Divina Comédia do invejado Dante, a Comédia Humana do imitado Balzac, e a Eterna Comédia dos invejosos e dos imitadores estão remotamente filiadas com uma singela e comezinha diferença de nível entre o centro da circulação e o centro do pensamento". Finalmente Lacerda refere-se ao célebre livro "Degenerescência" de Max Nordau e a "Literaturas malsãs" de Pompeyo Gener em que

são estudadas as perversões artísticas como produto e causas das perversões nervosas. A arte mórbida de alguns artistas modernos, como Tolstoi, Wagner, Zola, Verlaine, Rossetti, Swinburne, Ibsen, etc. (místicos, realistas, decadentes, simbolistas) é apontada como sintoma grave e factor considerável das grandes nevroses modernas. Ao mencionar uma série de figuras históricas que padeceram de doenças mentais acrescenta significativamente que a História da Medicina, bem ou mal, estaria já feita; interessante e útil seria fazer agora a Medicina da História.

Esboços de Patologia Social e Ideias sobre Pedagogia Geral

É publicado em 1901, e dedicado à memória de Sousa Martins e Câmara Pestana. Em nota prévia, José de Lacerda revela que um intenso e pertinaz estado mórbido o impediu de realizar o concurso ao magistério médico a que se devia a dissertação. Este curioso trabalho visava analisar o mal-de-viver, apesar de a patologia não saber ainda definir nitidamente o fenómeno "Doença Social". O mal-de-viver seria uma psicose social, pois invadiria de forma crescente a intelectualidade superior das sociedades, e chegara o momento histórico em que a patologia, a terapêutica, a higiene deviam entrar na sociologia. A Biologia seria a única mãe possível de uma sociologia bem nascida e era à Medicina, como ciência biológica aplicada, que competiria corrigir o bio-vício, quer no homem, quer nas sociedades.

Sobre Sousa Martins, considerava-o um patologista eminente e não um psicologista; Miguel Bombarda, pelo contrário, possuiria como poucos psicólogos duas poderosas ciências auxiliares: a Fisiologia e a Psiquiatria, considerando-o mais vastamente biologista e mais restritamente clínico do que Sousa Martins.

Em seguida enfatiza a importância da noção, em psicologia positiva, de que cada ideia é uma força (Fouillé), uma energia em acção.¹

Os agentes patogénicos do mal-de-viver de que sofreram Shopenhauer, Leopardi, Flaubert, Baudelaire, Heine, Hoffman, Byron e Poe seriam erros, desarmonias e contra-sensos na educação geral, científica e artística do homem contemporâneo. Algumas manifestações mórbidas seriam os fenómenos da guerra militar, o niilismo e anarquia, considerados como os sintomas do mal-de-viver das sociedades modernas.

Seguidamente, critica o termo "degenerescência", considerando que a descrição e interpretação de estigmas fisiológicos, psicológicos e sociológicos de degeneração, são tão vastas e invasoras que depressa não haveria um só homem sobre a terra que não apresentasse estigmas de degenerescência.

Isto é: a Biologia, no que respeita ao homem, não possuiria ainda critério seguro para decretar degenerações.



Ilustração, *Les Maladies mentales*, 1938.

Também considera não se poder aceitar sem crítica e sem modificações a “lei dos Três estados da ciência” que é a espinha dorsal da filosofia de Comte. O mestre do Positivismo teria acabado por voltar ao mais abstruso Metafisismo e morrido no mais lamecha e pueril Teologismo.

Seguidamente, critica fortemente o Positivismo, considerando que acabou por cair no materialismo, que não foi mais que um exagero oposto ao anterior exagero metafísico. Ora, o método positivo deve procurar a linha média entre o idealismo e o materialismo, entre Kant e Magendie.

Sobre Pasteur, Claude Bernard e Lavoisier, refere que “não foi a experimentação que fez grandes estes cientistas, mas foram estes lúcidos teóricos que deram crédito à experimentação”. Observação esta antecipadora para a época. Por outro lado, trata Moleschott e Buchner como simples vulgarizadores.

Concluindo: o autor defende uma medicina social que colabore na constituição da sociologia moderna, pela fisiologia, pela psicologia, pela patologia, pela terapêutica, pela higiene e pela Medicina Legal.

A noção de ideias força (Fouillé) faria entrar o psiquismo nos fenómenos gerais da natureza.

A noção de força com a lei da conservação da força,

era uma ideia central donde Herbert Spencer deduzia o seu determinismo evolucionista.

Fouillé nota que a força definida como tendência à acção, pode ser encarada como um carácter universal dos factos da consciência; Toda a ideia é já uma força, uma tendência para o movimento que se realiza pelos próprios actos. É esta noção que permite interpretar o espírito e a natureza e salvar, sem sair das condições impostas pelo espírito positivo, a realidade de valores espirituais que pareciam irremediavelmente comprometidos pela aplicação ilegítima que deles fazia Spencer. Tal como José de Lacerda, também Jaime Cortesão se apoiou em Fouillé para solucionar a antítese entre determinismo e liberdade e afirmar, ao contrário de Augusto Comte, que se estava num período em que o coração se insurreccionava contra a inteligência.

Comentários finais

No seu primeiro livro “os Neurasténicos”, Sousa Martins é a sombra protectora e influenciadora do trabalho, de acordo com as concepções da época. Mas no 2º livro, “Esboços de Patologia Social”, assistimos já a um claro afastamento no sentido de dar o flanco a outras ideias, mas sem cortar com as concepções científicas anteriores, aproximando-se de uma espécie de “Positivismo Espiritualista”, na linha de Alfred Fouillé, explicitamente citado, nomeadamente com referências à sua noção de ideias-força.

Procurando situar-se no quadro da Ciência Positiva, valoriza a Psicologia e as Ciências Sociais e a sua integração numa Medicina Social interventiva, apesar do jeito biologista e do tom higienista e pedagógico.

O vasto e profundo movimento anti-positivista, que se inicia em finais do Séc XIX, composto de tendências distintas e opostas acabaria por se impor no pensamento filosófico do Séc.XX. A modesta e pouco conhecida obra de José de Lacerda é ainda assim um importante contributo à escala da Medicina Portuguesa que testemunha o início desta viragem e a evolução do seu pensamento e da sua consciência social.

* Médico Psiquiatra.

Notas

1 Evolutionisme des idées - forces

Bibliografia

- José de Lacerda (1895), *Os Neurasténicos*.
- José de Lacerda (1901), *Esboços de Patologia Social e Ideias sobre Pedagogia Geral*.

Abel Salazar, um Paradigma

Prof. Doutor Romero Bandeira*

Dr.^a Sandra Pereira-Pinto**

Dr.^a Carla Silva***

Reflectir sobre Abel Salazar é um exercício mental *sui generis* pelo muito que se apreende e aprende. Mas, paradoxal e simultaneamente simples e intrincado. Simples, pelo tanto que acerca da sua personalidade se tem dito, escrito e escalpelizado; intrincado, porque o campo de observação e análise da sua multítmica actividade é vasto e profundo.

Nascido em 1889 naquela que foi a primeira capital de Portugal vem a morrer em 1946 na então capital do velho Império Português que iniciara a sua lenta agonia em Timor durante a Segunda Guerra Mundial.

Este homem-cientista que marcou de uma forma iniludível uma época foi por ela intensamente causticado. No espaço, como Camões, não assistiu a um novo *statu quo* modificador do país ao fechar-se um longo ciclo iniciado em 1580 com o regresso às fronteiras Afonsinas; no tempo, a sua vida de duração sensivelmente igual à do Poeta (Coimbra? 1524 - Lisboa 1580), foi igualmente no domínio da Arte, um paradigma. Concluído o curso de Medicina, defende tese de doutoramento em 1915, na Faculdade de Medicina do Porto, apresentando um trabalho "Ensaio de Psicologia Filosófica" a que o júri atribui a classificação máxima-20 valores (Castro 1992). Herdeira da velha Escola Médico-Cirúrgica do Porto a nóvel Faculdade que tanto honrou, soube

cooperar eficazmente para a sua demissão compulsiva em 1934. De tal qualidade foi a sua vida que veio de igual modo a contribuir como um paradigma para a construção de uma nova Escola de Medicina na cidade do Porto que se ufana de ostentar o seu nome. Evocar

Abel Salazar traz à nossa mente uma reflexão: - Quem influenciou o seu pensamento, quem o norteou, que caminhos seguiu e porquê? Vamos procurar dar a uma interpretação acerca de um dos pólos de influência que segundo cremos muito o marcou, ou seja, o pensamento científico e médico-filosófico que imperou na Península Ibérica durante os reduzidos anos da sua existência.

Para o estudo que procuramos levar a cabo analisamos a obra de vários autores, entre elas a do eminente historiador da Medicina, Francisco Guerra (1985) que escreveu: "Tré de Letamendi y Manjarrés (1828-1897)



Abel de Lima Salazar - (1889 - 1946).

nascido em Barcelona, graduado em medicina naquela universidade em 1852 onde foi professor em 1857 e passa a Madrid como professor de Patologia Geral em 1878 foi homem de extensa cultura e bela palavra publicou um Curso de Patologia Geral, Madrid (1883-1889) e outro Curso de Clínica Geral ou Canon Perpétuo de Prática Médica, Madrid (1894) de brilhante retórica, filosófico e especulativo que teve efeitos nocivos para a prática médica do seu tempo".



No seu Gabinete do Centro de Estudos Microscópicos - Universidade do Porto. (in VÁRIOS, *Presença de Abel Salazar*, Porto, 1969).

Efectivamente a postura teórica e especulativa de Letamendi teve muitos opositores. Porém na obra já aludida, intitulada *Curso de Clínica Geral* na secção denominada *Aforística General Clínica*, Letamendi (1894) enunciou textualmente no aforismo 59 “Del médico que no sabe más que Medicina, tem por cierto que ni Medicina sabe” Abel Salazar teria cinco anos de idade quando este aforismo foi publicado mas dele fez uma das suas posturas emblemáticas. Pires de Lima (1969) num capítulo intitulado “O pintor Abel Salazar” do seu livro “*Manta de Retalhos*” refere: “Li, algures que um médico que só sabe Medicina, nem Medicina sabe.” A ideia força que esta frase ou análoga carrega, tutelou toda uma geração de médicos que dela fizeram o seu zenite para bem dos doentes. Na medida em que mais que enunciar uma simples frase, importante é assumir na vida uma postura congruente, tal qual Abel Salazar fez.

Sydenham, ao ser procurado por um discípulo que lhe solicitava a indicação de uma obra de medicina que fosse capaz de lhe fornecer novos dados em amplitude e profundidade aquele indicou-lhe o *D. Quixote de La Mancha* com a recomendação que o lesse várias vezes atentamente (Lima 1969).

Abel Salazar foi um histologista brilhante como todos sabemos. No dizer de Celestino da Costa (1970) “Era um autodidacta, em ciência, como noutros ramos

da sua multiforme actividade. Não tivera mestre em histologia, nem na investigação científica, e não encontrou, sequer, quando começou a carreira, uma tradição em que se apoiasse. Mas foi efectivamente com o desenvolvimento de uma investigação básica de alta qualidade para o seu tempo, incrementada por Marc Athias, Celestino da Costa, Magalhães Lemos, Abel Salazar, Geraldino Brites e outros, que permitir o desenvolvimento de disciplinas clínicas nas tais Faculdades de Medicina da época (Grande e Bandeira 1999).

Mas, ao espírito inquieto do regente da cadeira de Histologia da Faculdade de Medicina do Porto em 1916, não lhe eram estranhas as ideias de Cajal, o grande histologista e Prémio Nobel da Medicina em 1906. Nas suas “*Reglas y Consejos sobre Investigacion Científica*”, Cajal (1995) na edição que consultamos escreveu “à vontade, mais do que à inteligência se dirigem os nossos conselhos; porque temos a convicção de que aquela, como afirma cordatamente Payot, é tão educavel como esta, e cremos, além do mais que toda a obra grande, em arte como em ciência, é o resultado de uma grande paixão posta ao serviço de uma grande ideia”. Este homem que tanto se preocupou com a formação dos jovens estudantes de Medicina, para além dos seus escritos científicos legou-nos toda uma experiência de vida, plasmada em obras como as célebres “*Charlas de Café*”. Cajal que nasceu em Navarra em 1852 e morreu em Madrid em 1934 foi igualmente um autodidacta, também ele dotado de grande capacidade para o desenho e fotografia. Crítico mordaz sentenciou na obra acima citada “poco vales si tu muerte no es desejada por muchas personas”.

Abel Salazar, profundamente culto conhecia bem as sólidas correntes científicas que se perspectivavam na Península. O seu livro “*Um Estio na Alemanha*”, Salazar (1944) praticamente em metade dele aborda Espanha na generalidade e Madrid na especificidade. Aparentemente incompreensível nele está expresso este seu escrito “Não compreendo a Espanha, o seu espírito escapa-me e não vejo dela senão a superfície. É qualquer coisa de paradoxal, na mistura de qualidades e defeitos opostos, violentamente em choque”. Mas, o Mestre tinha razão e a comprová-lo estava então a bem recente Guerra Civil (1936-1939)¹. Porém, o exemplo da sua vida mostra-nos que estava realmente próximo dos homens da ciência Iberista, do seu tempo.

Outro notável autor espanhol seu contemporâneo foi Gregório Maraño. Académico Titular de cinco Academias e Doutor *Homnis Causa* entre outras pela Faculdade de Medicina do Porto, Maraño foi o supra-sumo da Medicina Peninsular de então. No livro “*Vocacion e Ética*” Maraño (1936) expôs: “A Medicina vive da sua Realidade, da sua eficácia, cada dia maiores; mas também vive e actua beneficentemente

sobre os homens graças ao seu prestígio um tanto mítico, mas necessário”. Maraño nasceu e morreu em Madrid (1897-1960). Apesar de não ser um “letamendista”, a semente deixada por aquele condicionou que homens da sua estirpe entendessem que para tratar doentes é necessário muito mais do que a velha “Matéria Médica”. Em “La Medicina y Nuestro Tiempo” Maraño (1954) proemiu no prólogo “parece-me que, quando se exerce uma determinada actividade na vida, o essencial é não se entregar em absoluto em ser actor dela e muito menos aspirar à categoria de protagonista, mas sim manter-se numa prudente ambivalência de actor e espectador, isto é, numa atitude crítica”.

Letamendi, Santiago Ramon y Cajal, Gregório Maraño, Abel Salazar, no transcurso de uma época que vai de 1828 a 1960 são verdadeiros pilares da ciência e pedagogia médicas. Qualquer um deles não ficou pelos conhecimentos científicos; inquietou-os o homem são e o homem doente, no sentido superlativo dos termos na medida em que entenderam claramente a sua finitude como homens e preocupando-se que os alunos seus seguidores estivessem capacitados para exercer Medicina sem nunca se esquecerem do velho aforismo de Letamendi. Abel Salazar foi pois um autêntico paradigma no transcurso da sua vida.

* *Regente de História da Medicina - ICBAS e Vice-Presidente da Sociedade Portuguesa de História da Medicina e Filosofia Médica (SPHMF).*

** *Monitora da Disciplina de História da Medicina - ICBAS e Vogal da SPHMF.*

*** *Da SPHMF.*

Notas

¹ Guerra Civil (1936-1939), uma guerra cruel e fratricida que deixou chagas ainda hoje a perdurar. A atestado está a extensa bibliografia que actualmente se publica sobre a mesma.

Bibliografia

- Guerra F (1982-1989) História de la Medicina. 1ª Ed. Norma, Madrid, 300.
- Maraño G (1936) Vocacion y Ética . 2ª Ed. Espasa-Calpe, Madrid
- Maraño G (1954) La Medicina y Nuestro Tiempo. Espasa-Calpe Argentina, Buenos Aires
- Salazar A (1944) Um Estio Na Alemanha. Ed. Nobel. Coimbra
- Ramon y Cajal (1995) Reglas y Consejo sobre Investigacion Científica. 13ª Ed. Espasa-Calpe, Madrid
- Ramon y Cajal S (1978) Charlas de Café. 10ª Ed. Espasa-Calpe. Madrid
- Celestino-da-Costa A (1970) Abel Salazar Histologista. Soc. Divulgação Casa-Museu de Abel Salazar. Porto
- Grande N, Bandeira R (1999) Medicina. In: Barreto A. Monica F Dicionário de História de Portugal, vol VIII. Figueirinhas, Porto, pp 438-441
- Pires de Lima F (1969) Manta de Retalhos. 2ª Ed. Portucalense Editora. Porto
- Letamendi J (1894) Curso de Clínica Geral. Vol segundo. Imprensa de los Sucesores de Cuesta. Madrid
- Castro A (1992) Notas para uma Biografia de Abel Salazar. Casa-Museu de Abel Salazar. S. Mamede de Infesta.

Evocação/Memória de alguns Médicos Notáveis da Beira Interior - Concelho do Fundão (III)

Joaquim Candeias da Silva*

O Prof. Doutor D. Fernando de Almeida
(Fundão, 1903 - Lisboa, 1979)

foi sem dúvida uma. E isso merece que fique registado nestes Anais.

Introdução

Nas precedentes JORNADAS (XIV, de 2002) e nos últimos **Cadernos** (XVII, de 2003, p. 79), tinha já lembrado esta gigantesca e incontornável figura e a aproximação do centenário de nascimento. E mais. Durante as ditas Jornadas, em Castelo Branco, cheguei mesmo a sugerir que as seguintes se realizassem no Fundão, como Homenagem ao grande Médico fundanense. Esta proposta não vingou, mas felizmente que, directa ou indirectamente, o alvitre para a rememoração e comemoração da efeméride foi ouvido, e a mensagem passou.

Com efeito, do meu conhecimento, foram pelo menos cinco as homenagens que lhe foram tributadas no decorrer do ano centenar: na Associação dos Arqueólogos Portugueses e na Academia Portuguesa da História, ambas em Lisboa, a 27 de Novembro de 2003; na Câmara Municipal do Fundão, em associação com a vizinha freguesia do Alcaide, no dia seguinte; e, já em 2004, em Castelo Branco, pela Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, de 4 a 6 de Junho, com o colóquio "Recordar D. Fernando de Almeida", a que se juntou em Agosto uma exposição sob o título "As voltas de uma vida"...

Pois bem, muito embora já muito se tenha dito, redito e escrito sobre ele, penso que não será descabida mais esta evocação, numa revista periódica e referencial no panorama cultural português que leva por título «**Medicina na Beira Interior - Da Pré-História ao século XX**». Porque, se houve na história recente da medicina regional personalidade superior e multifacetada, com obra feita e estatuto de figura nacional, o nosso evocado de hoje



D. Fernando de Almeida.

Infelizmente para mim, não me lembro de me ter cruzado com ele nos vários lugares e caminhos por onde ambos deambulámos; mas os testemunhos ouvidos e sobretudo os contactos com a sua obra e memória, esses foram e continuam a ser frequentes.

E se é certo que, por via da minha formação, eles se desenvolveram quase exclusivamente na área da História e da Arqueologia, estou crente que isso não diminuirá a justeza da homenagem que por uma vez desejo prestar ao Médico, em nome do *Forum* que as Jornadas representam.

Um berço auspicioso

De D. Fernando António Tomás de Almeida e Silva Saldanha, de seu nome completo, pode-se começar por dizer que veio ao mundo em berço *historico-medical*, em boa hora e com boa sina. Filho único de médico e afilhado de outro médico (por sinal o mais famoso de sempre deste país, porque “nobelitado”), nasce numa casa histórica do Fundão colada à capela de S. Miguel (o n.º 15 da rua), junto da Santa Casa da Misericórdia e do adro da matriz, então Largo Mousinho de Albuquerque.



Casa onde nasceu e também viveu, no Fundão.

Mas... Quem era ele, afinal? De que família proveio? Que particular historial carregava consigo?

Começemos a análise pela leitura do seu registo de Baptismo, ocorrido em dia de S. Feliz (!), no ano da graça de 1904, no Fundão:

«Aos quatorze dias do mez de Janeiro do anno de mil e novecentos e quatro nesta parochial Igreja de São Martinho desta villa do Fundão, diocese da Guarda, baptizei solemnemente um indivíduo do sexo masculino, a quem dei o nome de **Fernando** e que nasceu nesta freguezia às seis horas da manhã do dia vinte e oito do mez de Novembro do anno de mil e novecentos e tres, filho legitimo primeiro do nome de Dom Fernando d'Almeida e Silva, medico do partido

municipal deste concelho e natural da cidade de Coimbra, e de Dona Maria do Carmo Figueiredo Falcão d'Almeida, dona de casa e natural da freguezia do Alcaide, onde se receberam, sendo porem parochianos e moradores no largo Mouzinho d'Albuquerque desta villa, neto paterno de Dom Antonio do Santíssimo Sacramento Thomaz d'Almeida Silva e Saldanha e Dona Maria Rachel de Carvalho Rego d'Almeida, e materno do Doutor João Carlos da Costa Falcão e Dona Maria Delfina Figueiredo. Foram padrinhos o Doutor Antonio Caetano d'Abreu Freire Egas Moniz, casado e lente de medicina em Coimbra, e Dona Maria Manuela de Brito Castro Figueiredo e Mello da Costa Lorena, viuva, Marqueza de Pomares e residente em Lisboa, representada pela sua bastante procuradora // Dona Maria Delfina Figueiredo Falcão, viuva, proprietária, natural e residente na freguezia do Alcaide, deste mesmo concelho e diocese, os quaes sei serem os proprios, aquelles por informação e esta por conhecimento proprio. E para constar lavrei em duplicado este assento, que depois de ser lido e conferido perante o padrinho e a representante da madrinha, comigo os assignam. Era ut supra.

O padrinho, a) Dr. Antonio Caetano d'Abreu Freire Egas Moniz

A procuradora da madrinha, a) Maria Delfina de Figueiredo Falcão

O Parocho, Domingos Antunes Moreira».

Seu avô paterno, D. António de Almeida (1821-1900), fora “conde pontifício” (título concedido pelo Vaticano), cavaleiro da Ordem de Malta, e doutorara-se em Direito em 1852. Corria-lhe nas veias o sangue de muitas figuras e famílias gradas da História de Portugal, como por exemplo: dos “temíveis” Almeidas¹, «por quem sempre o Tejo chora» (Camões), de entre os quais se elevaram alto os 1.ºs condes de Abrantes (seus 11.ºs avós), os filhos destes D. Diogo Fernandes de Almeida (em quem se prolongou a geração) e D. Francisco (1.º vice-rei da Índia), os condes de Avintes, de Oliveira dos Arcos e da Baía; dos Saldanhas, condes de Rio Maior (donde proveio o marechal duque de Saldanha, tio materno do dito D. António); dos Carvalho e Melo, condes de Oeiras e marqueses de Pombal (o grande Sebastião José vinha a ser bisavô do mesmo D. António); isto para citar apenas algumas linhas de costados.

Seu pai, outro D. Fernando António de Almeida e Silva de Saldanha (1873-1942), fixara-se definitivamente no Fundão ainda antes de nomeado médico municipal (por diploma de 5.11.1914); mas fora também clínico do Colégio jesuíta de S. Fiel do Lourçal, onde convivera com o amigo e compadre Doutor Egas Moniz. Deixou memória de uma pessoa dotada de muitas qualidades, afável e bem-humorado, um bom médico, embora com certa fama de extravagante, no bom sentido. A propósito, conta-se

ainda hoje em Vale de Prazeres, em cujos limites detinha propriedades, que, por via disto, era obrigado a pagar quotas na Casa do Povo local, o que fazia com alguma relutância. Então, costumava juntar ao pagamento um cartão seu que dizia mais ou menos isto: «A besta esfolada que todos gostam de esfolar é aquele a quem chamam D. Fernando. Nesta terra todos pagam e não bufam, mas eu cá pago mas bufo»...

Efectivamente, pelo casamento, no Alcaide (1902), desposara uma prendada senhora, D. Maria do Carmo (1877-1933), pertencente a uma das famílias mais distintas da região, os Figueiredo Frazão / Falcão Castelo Branco, com ramificações pelas melhores Casas da Beira Baixa, que por muitas décadas a fio detiveram o poder económico e político destas partes. Concretizando melhor, a mãe do nosso evocado vinha a ser irmã do 1.º Visconde do Alcaide (1869-1939) e parente de figuras ímpares como o Conse-lheiro João Franco, que che-

gou a presidir a um governo no reinado de el-rei D. Carlos, ou o General José de Figueiredo Frazão Castelo-Branco (1795-1878), 1.º Visconde do Sardoal, herói da Guerra Peninsular e das lutas liberais. Por tudo isso veio a herdar um considerável património, humano e não só, também rústico e urbano, com propriedades que proviriam dos



Casa em Alcaide.

antigos senhorios da área fundanense, mormente nas freguesias do Alcaide e de Vale de Prazeres.

Quanto à sobredita casa do Fundão, onde D. Fernando (filho) nasceu e seu pai tinha consultório, muito embora não pertencesse à família, tinha já longa história: ela sugere-nos uma construção dos finais do século XVII / começos do XVIII, na sequência directa da capela dedicada a S. Miguel, que se sabe ter sido encomendada em testamento pelo Prior Miguel de Oliveira da Cunha (t 13.7.1686). Esta deveria ser erigida no prazo de três anos, «de boa pedra do campo e cintada de pedra do Castelo Velho ou do Cabeço de Argemela». Por esta solarenga mansão, armoriada (com as armas do prior), dizem ter passado entretanto famílias ilustres, como a dos Brito Homem, que deu um bispo de Angola e do Maranhão; enquanto que a morada do lado (n.ºs 17-19), com o brasão dos Pinto do Lago (?), sugere que ali tenham vivido outros

herdeiros do sobredito Prior, pois este no seu testamento nomeava um Miguel Pereira do Lago, filho de Francisco Pereira Pinto de Oliveira. Mas havia ainda uma outra casa, também com alguma história, que era a residência dos avós maternos, no Alcaide...

Enfim, embora muito resumidamente, era este o seio familiar e o enquadramento espacial em que o nosso evocado veio ao mundo, de onde lhe advinham as raízes. E estas, como quase sempre acontece, alguma influência exerceram nele, moldando-lhe o carácter, despertando interesses e rasgando-lhe horizontes.

A Medicina - por vocação

Se não será fácil averiguar desde quando optou pela carreira médica, já as razões da escolha parecem óbvias. Havia um chamamento e um incentivo, vindos

do berço e do meio social. O curso do Liceu e os Preparatórios Médicos fá-los em Coimbra, terra natal de seu pai e ao tempo ainda a cidade universitária por excelência. As últimas cadeiras nessa Universidade leva-as de vencida em Janeiro de 1922: a 17, Física Médica e Química Médica, com 13 valores; a 26, Botânica Médica e Zoologia Médica, com 16

valores (distinto). E de pronto requer a inscrição na Universidade, no 1.º ano do Curso Médico da Faculdade de Medicina de Lisboa (Ver doc.⁹). Vem a concluir a licenciatura no dia 29 de Outubro de 1927, depois de aprovado nos Exames de Estado em Cirurgia e Medicina Interna, com a classificação final de 16 valores, qualificação de Bom com distinção.

Os dois anos seguintes aproveita-os para aprofundar estudos, fazendo duas pós-graduações, uma em Hidrologia e Climatologia, a outra em Medicina Sanitária, ao que se seguiu o trabalho como interno hospitalar (1929).

E, ao mesmo tempo que se preparava para a especialização em Ginecologia e Obstetrícia, começou a frequentar como assistente voluntário o Instituto Anatómico da Faculdade de Medicina de Lisboa, sob a direcção do Prof. Henrique de Vilhena, e o serviço de cirurgia do Hospital de Arroios, dirigido

pelo Prof. Reinaldo dos Santos (mais tarde também grande historiador de Arte). Na Faculdade, enveredou também pela docência, primeiro em Anatomia (1929-37) e depois em Cirurgia (1937-40). Ter-lhe-á nascido aí o gosto pela investigação e pela escrita? Talvez. O certo é que passa a partir de 1930 a ser presença assídua nas publicações do Instituto, uma participação que depois estenderia a muitos outros órgãos da imprensa médica.

anátomo-patologista e sobre assuntos de ginecologia e obstetrícia, na sua maioria baseados em estudos feitos na Maternidade Dr. Alfredo da Costa, onde entretanto se especializara.

Não serei decerto a pessoa melhor colocada para comentar estas matérias, mas da análise do conjunto de publicações fica-me claramente a ideia de um apaixonado pela descoberta, pela novidade científica, e com uma outra paixão simultânea que é o prazer de a comunicar. E estou a reportar-me apenas ao campo estrito da Medicina, onde contabilizei uma meia centena de textos (terá publicado mais, seguramente); porque se entrarmos em linha de conta com o total de títulos dados à estampa ao longo da sua vida, em todas as matérias, atingiremos várias centenas. Assim, bem poderá D. Fernando de Almeida ser considerado um verdadeiro grafómano. E de todo o manancial produzido, que perfará milhares de páginas, fica-me a convicção de que ele contribuiu largamente para o avanço da Ciência ("lato senso"), que não só da Medicina...

Do seu extraordinário percurso médico merecerão ainda destaque: os estágios de especialização, como bolseiro, em algumas das melhores clínicas e maternidades de França (Paris, 1931 e 1939) e de Itália (Módena, Turim, Bolonha e Milão, em 1836), de onde trouxe notáveis ensinamentos, que lhe seriam da maior utilidade (a ele e aos que tiveram a sorte de beneficiar da sua acção - e aqui é de salientar a realização de algumas cirurgias plásticas pioneiras em Portugal); a participação activa em numerosos congressos nacionais e internacionais; também o contributo como co-fundador de várias agremiações científicas, como a Sociedade Anatómica Portuguesa, a Sociedade Anatómica Luso-Hispano-Americana e a Sociedade de Obstetrícia e Ginecologia Portuguesa; o ter sido médico da Família Real Portuguesa; enfim, os vários prémios e condecorações com que foi agraciado...

E a História - por devoção

Mas não o satisfizera plenamente o cultivo da Medicina, enquanto ciência do corpo e profissão nobre. Para um conhecimento mais profundo do Homem, na sua dimensão antropológica, enquanto criador de arte e medida de todas as coisas, precisava de mais, de ir mais além na busca constante e insaciável do saber. Inscreve-se então no 1.º ano do Curso de Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras, como aluno ordinário, a 30.9.1949, mantendo contudo a ligação profissional à clínica de especialidade. E, concluídas todas as cadeiras curriculares, propõe-se às provas de exame da licenciatura, que vem a terminar em 1954 com 15 valores.

Seguir-se-ia um tempo de conflito interior, em que a Medicina começa a ceder à História; porque as duas

eram ovos demasiado grandes para caber no mesmo cesto e serem tratadas por igual. Em 1955 já dava início à exploração arqueológica sistemática de Idanha-a-Velha, sua nova paixão; e em 1957 aceita o lugar de assistente da Secção de História da Faculdade de Letras. Para efeitos desse contrato, solicita a PIDE, como era habitual, as informações da ordem a seu respeito à Câmara do Fundão, tendo o vice-presidente (António Maria Paulouro) respondido a 15.10.1957: «Tem bom comportamento moral e civil, político e social».

A etapa seguinte é o doutoramento. As provas académicas vem a concluí-las brilhantemente a 14.7.1962, com 17 valores, passando a ser também o primeiro doutorado da sua especialidade em Portugal.

A agregação (10.4.1968), a cátedra (10.10.1968) e a directoria da Faculdade (12.12.1966) viriam por acréscimo. Enfim, perdia-se um notável médico-cirurgião, também investigador; ganhava-se um devotado e talvez melhor professor-investigador, um arqueólogo, museólogo e dirigente dos maiores de sempre do país. E se os trabalhos até aí publicados já eram de qualidade e entusiasmo pelo prazer de comunicar, nos domínios da História - que como vimos lhe vinha dos fundos da alma - parece ter-se realizado completamente.

Muita gente se terá questionado (e ele a si próprio) sobre as razões da mudança de profissão, tão radical, na força da vida, quando tudo parecia indicar na carreira médica uma realização integral e repleta de sucessos.

A resposta deu-a, entre outras ocasiões, na última lição proferida na Faculdade de Letras de Lisboa: «Como passei para a Arqueologia? Tanto a Medicina como a Arqueologia têm um denominador comum - o Homem». E, prossequindo na demonstração dos paralelos existentes entre os vários processos e finalidades das duas ciências, concluía que não deve ter sido alheio à sua decisão o facto de alguns médicos (como Leite de Vasconcelos) terem sido, ao tempo, também professores na Faculdade de Letras. Aliás, reconhecia, desde jovem que o vírus do passado o minava. E quando em 1949 sua filha entrou a frequentar aquela Faculdade (em Germânicas), poucos terão estranhado que a acompanhasse... no âmbito da História.

«Os meus colegas eram, então, da idade dos meus filhos»-explicou mais na dita última lição. «Mas uns "piqueniques arqueológicos" - durante os quais visitaram Tróia, Conímbriga, Monsaraz e, no último ano, várias estâncias de Marrocos - foram o remédio ideal receitado pelo médico ao estudante de Arqueologia, com o fim de fomentar o entendimento, o convívio e a amizade, sem atender a datas de nascimento». Ora, aqui está, uma das maiores descobertas da sua vida de investigador e de curador

de vidas: a Arqueologia como «*remédio ideal*»... É que não lhe bastava a **vocação**, importava também a **devoção**, o gosto íntimo, que se inspira e enleva aos cumes do idealizado. E isto tem a ver com o relacionamento espontâneo; não apenas no que toca ao «convívio e amizade», que existirão em todas as profissões; mas, mais que isso, no prazer de viver convivendo, no ser feliz e no fazer felizes aqueles que nos cercam.

E D. Fernando, que até fora baptizado em dia de S. Félix, parece que foi verdadeiramente um homem realizado, feliz. E também um modelo de professor e educador. E ainda de pai, conforme me confirmaram seus dois filhos em alguns diálogos que mantivemos. Disse-nos, a dada altura, o mais novo, Dr. D. Lourenço de Almeida:

«O Pai tinha uma alegria constante e contagiante. Como médico, possuía a capacidade de ver as pessoas como um todo que são. Por outro lado, aquela alegria e uma disponibilidade de missionário faziam dele, sempre, além de um "técnico de saúde", um amigo confiável. E sempre disponível. Quantas vezes, chegando a casa tarde para jantar e depois de ir para o escritório estudar até às duas da manhã, se deitava... para ser chamado minutos depois e ter que se levantar e ir assistir a um parto ou a uma emergência! E sempre alegre e bem disposto. Por isso era adorado pelos doentes e pelas muitas Mães a que assistiu (e seus Maridos).

Ainda recentemente, na homenagem que lhe foi prestada pelo Museu Francisco Tavares Proença Júnior, tivemos ocasião de ouvir testemunhos abonatórios de diversas pessoas, e entre elas uma sua Amiga e seu Marido, que me foram referindo, desvanecidos, a sua competência e humanidade. Terminou essa Senhora dizendo: "Tivemos cinco filhos, e o seu Pai assistiu ao parto de todos. Com o seu Pai, dar à luz um filho era uma festa!"...

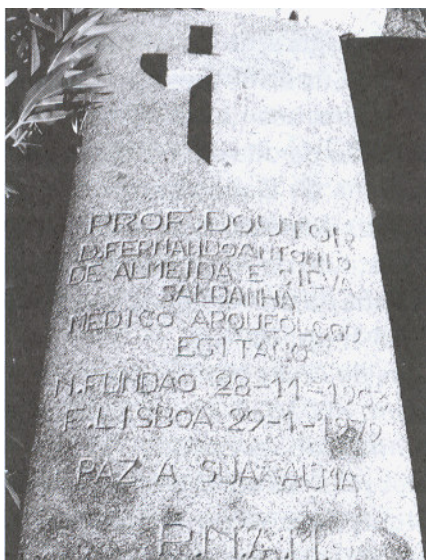
Pois... Que mais poderemos nós dizer? Enquanto Arqueólogo e Professor na Faculdade de Letras, para além da alegria e simplicidade no trato, e na docência nada majestática, lembro também o sentimento de vários antigos alunos seus, pouco depois da sua morte e nas homenagens então prestadas, condensado em frases como estas: "Se não fosse o D. Fernando de Almeida, eu não seria arqueólogo". "Mais do que transmitir-nos informações e conhecimentos - o que fazia e bem e era importante -, ele transmitia-nos entusiasmo, alegria e curiosidade". "Ele estendia a mão e dizia-nos: - Anda daí, queres vir por este caminho?(..) -Vamos!... E isto é que é ser um Mestre": "Ele era um Mestre":

Como filhos, podem dizer que somos suspeitos nos nossos testemunhos pessoais. Mas, se estes também contam e se contam sobretudo os que fomos recebendo ao longo dos anos, na verdade, era assim o Pai.»

O Fundão e a Beira sempre no coração

Já nas publicações de Medicina a sua terra natal aflorava, por vezes, a propósito de casos clínicos que seu pai lhe relatava. Mas, nas de Arqueologia, o interesse pela Beira das suas raízes e sobretudo pela histórica cidade e sede de bispado que foi Idanha-a-Velha, tornou-se quase uma causa permanente, dedicando-lhe muitos dos seus estudos, mais de meia centena. Ele amava verdadeiramente estas terras e estas gentes. E por isso queria descobrir tudo acerca delas. Com ele as pedras falavam - *loquuntur saxa!* - como na expressão clássica. Mas ele não se limitou a ouvi-las e a guardar os seus segredos. Com uma paciência e um carinho exemplares, como se também fosse médico delas, reuniu-as e publicou-as, segundo os preceitos epigráficos mais avançados. Só as da sua «*Egitânia*» (edição 1955) constituíram um Corpus de 217 inscrições...

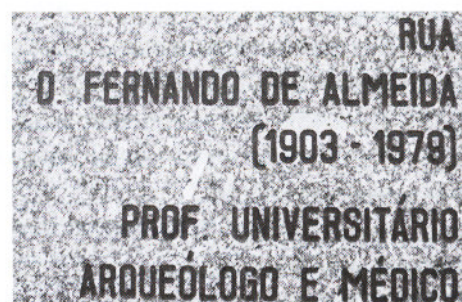
Escreveu também textos sobre o Fundão (p. ex., «Celtas no Fundão», 1956), para o Jornal do Fundão, cujo director também se orgulhava de o contar entre os seus colaboradores e amigos; fez recolhas no Alcaide e noutras terras próximas; calcorreou e divulgou a região, que conhecia como poucos, conforme provou em «Uma riqueza da Beira Baixa - Notas de um turista anónimo» (1959); ainda no Alcaide, para além de outros actos de generosidade e filantropia, doou terrenos para a construção das escolas primárias e para o Bairro Social, que detém o seu nome.



Faleceu em Lisboa, a 29.1.1979, tal como seu pai e sua esposa, a poetisa D. Ana Isabel Pinheiro Gorjão Henriques de Almeida (1901-1992), quando convalescia de uma operação.

Mas foi para o Alcaide que vieram todos trasladados e dormem o sono eterno, no cemitério velho de S. Francisco, onde já jaziam outros dos seus

antepassados. Deixou três filhos e nove netos, que hoje já se prolongam em muitos bisnetos.



Placa toponímica no Fundão, inaugurada a 28-11-2003.

O nome do Prof. D. Fernando de Almeida ficou, desde o dia 28.11.2004, publicamente gravado numa pequena escultura do Alcaide em sua honra, numa placa alusiva enquanto médico no Centro Hospitalar Cova da Beira / Hospital do Fundão, e numa placa toponímica do Fundão, sua terra natal. Mas, talvez tenha sido ainda pouca memória e reconhecimento público para um tão distinto médico-cidadão do mundo, da lei da morte libertado.

* Prof. aposentado, doutor em Letras (História)

Trabalhos publicados de natureza médica

(por ordem cronológica):

1. «Lição inaugural da Cadeira de Anatomia da Escola Superior de Educação Física» (síntese da mesma), proferida aquando da instalação da dita escola na Sociedade de Geografia de Lisboa em 1930 e pub. nos *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. XIV, Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, 1930-31, n.º 1, pp. 527-532.
2. «Notas de Anatomia Descritiva» (1.ª série), *Ibidem*, XIV, 1930-31, n.º 1, pp. 81-89. São algumas observações resultantes de disseções nas aulas práticas, comentadas e ilustradas com desenhos tirados directamente das peças anatómicas.
3. «Note sur les collatérales de l'artère Communicante cérébrale antérieure», *Ibidem*, XIII, 1929-30, n.º 4 (pub. em 1931), pp. 551-553. Neste estudo propôs duas classificações das colaterais: uma quanto à direcção e territórios irrigados, outra quanto ao diâmetro.
4. «Distribuição, na superfície do cérebro, da artéria Sílvia nos portugueses de condição humilde», *Ibidem*, XIV, 1931, n.º 2 (pub. em 1932), pp. 489-521. Este trabalho seria aproveitado pelo Prof. Egas Moniz em várias das suas obras.
5. «Une anomalie rare du Foie», *Ibidem*, XVI, 1933-34, pp. 33-35.
6. «Notes sur l'artère Cérébrale antérieure», *Ibidem*, XVI, pp. 75-77.
7. «Notes sur l'artère Communicante antérieure», *Ibidem*, XVI, pp. 81-82.
8. «Sur l'irrigation d'un Rein en fer-à-cheval», *Ibidem*, XVI, pp. 167-170.
9. «Distribuição, na superfície do cérebro, das artérias Cerebral anterior e Comunicante anterior nos portugueses de condição humilde», *Ibidem*, XVI, pp. 323-353.
10. «Seio Recto e Seio Longitudinal inferior» (colaboração com Egas Moniz), *Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis*, VII, 1932.
11. «Visibilidade aos Raios X das veias profundas do cérebro» (com Egas Moniz e Abel Alves), *Lisboa Médica*, IX, 1932, pp. 587-594.
12. «La visibilité des Sinus de la dure-mère par l'épreuve encéphalographique» (com Egas Moniz e Abel Alves), *La Presse Médicale*, n.º 80, 1932. Compara-se, no cadáver e no vivo, a disposição visível ou aparente das veias do encéfalo.
13. «Os seios venosos da dura-mater, sua visibilidade aos Raios X» (com Egas Moniz e Abel Alves), *Lisboa Médica*, IX, 1932, pp. 523-534. Explicação do artigo anterior.
14. «Le sinus Droit et l'Ampoule de Gallien opacifiés par la voie du Tronc basilaire» (com Egas Moniz), *Ibidem*, X, 1933, pp. 587-593. Estudou-se a quantidade de sangue enviada pelo tronco basilar ao seio recto e à ampola de Galeno, por comparação no cadáver e no vivo.
15. «Dois tratamentos de algias nos Carcinomas inoperáveis do útero», *Imprensa Médica*, ano I, n.º 1, Lisboa, 1935, pp. 3-12. Ensaaios, com bons resultados, feitos com veneno de cobra e com injeção de álcool no espaço sub-aracnoideu da espinal medula.
16. «Aborto habitual», *Ibidem*, 15 páginas. Procurou neste estudo reunir as causas tidas geralmente como provocadoras do aborto habitual.
17. «Arteriographies et phlebographies normales du cerveau», *Revue Neurologique*, n.º 4, 1935. Resumo de um trabalho apresentado num Congresso de Neurologia, em Londres.
18. «Sobre a anatomia do nervo Pré-sagrado-Nota prévia I», *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, XVII, Lisboa, 1935-36, pp. 9-13. Marca a origem, terminação, disposição mais frequente e constituição do referido nervo.
19. «Notas de Anatomia descritiva» (2.ª série), *Ibid.*, XVII, 1935-36, pp. 225-234. Novas observações de disposições raras de músculos, vasos, etc., com desenhos e radiografias.
20. «Angiografia cerebrale in condizioni normali e patologiche», *Bolet. e Mem. Soc. Emiliano-Romagnola di Chirurgia*, vol. II, 1936. Resumo de uma exposição sobre os trabalhos do Prof. Egas Moniz, feita em Bolonha, na Sociedade de Cirurgia local.
21. «Apontamentos sobre a Intradermoterapia no tratamento das Anexites», *Imprensa Médica*, ano III, 1937. Comunica os resultados obtidos pelo dito processo (proteínas e vacinas) em três dezenas de doentes no Serviço de Ginecologia da Maternidade Alfredo da Costa.
22. «Novas observações sobre a anatomia do nervo Pré-sagrado (Nota prévia II)», *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, XVIII, Lisboa, 1937, pp. 15-16. É o

resultado de mais 17 dissecções.

23. «Pesquisas sobre a acção do Sistema nervoso vegetativo no peristaltismo intestinal» (colabor. com Aldo Constantini), *Ibidem*, pp. 453-457. Divulga aqui um dos trabalhos levados a cabo em Itália, de cirurgia experimental em coelhos, durante um ano em que usufruiu de uma bolsa de estudo do Instituto para a Alta Cultura.

24. «Relatório de uma pensão de estudo na Itália», *Ibidem*, pp. 561-571. Dá conta dos trabalhos em que tomou parte, serviços visitados, etc.

25. «Dores de origem pélvica na Mulher e seu tratamento» (colabor. com Jorge Monjardino e Gomes de Oliveira), *Imprensa Médica*, ano III, 1937. É um trabalho de actualização.

26. «Ricerche sulla Peristalsi intestinale. Sopra l'azione del Sistema nervoso vegetativo» (colab. com A. Constantini), *Bolet. e Mem. Soc. Emiliano-Romagnola di Chirurgia*, vol. III, 1937. Estudo feito em Itália, muito idêntico ao n.º 23.

27. «Ricerche sulla Peristalsi intestinale. Sull'azione dell'Atropina, Acetilcolina, Ergotamina, Adrenalina» (colab. com A. Constantini), *Ibidem*, 1937. Na sequência do anterior, analisa a acção de alguns fármacos sobre o intestino do coelho.

28. «Ricerche sulla Secrezione intestinale. Variazioni quantitative in seguito alla introduzione parenterale di soluzioni saline» (colab. com A. Constantini), *Ibidem*, 1937. Trata-se de outro estudo experimental, aqui sobre o intestino do cão.

29. «Notas de um estágio na Clínica Ginecológica de Paris», *Arquivos de Obstetrícia e Ginecologia*, vol. IV, n.º 2, 1939, 18 pp.

30. «Quisto do epoóforo com infiltração tuberculosa», *Ibidem*, IV, n.º 2, 1939, 8 pp.; também in *Lisboa Médica*, ano XVI, 1939, pp. 744-748. É a descrição de um caso raro, com fotos.

31. «Endometriose» (colab. com o Prof. Jorge da Silva Horta), *Lisboa Médica*, ano XVI, n.º 5, 1939, pp. 279-299. Passa em revista os vários aspectos do problema.

32. «A propósito de um quisto do Grande Lábio», *Imprensa Médica*, ano V, vol. VII, 1939, 10 pp. Descreve e estuda um caso, que foi operado pelo autor.

33. «Trois cas d'association d'Endometriose et Tuberculose» (colab. com J. Silva Horta), *Revue Française de Gynecologie et d'Obstétrique*, Paris, 1940, 9 pp.; também in *Arquivos de Obstetrícia e Ginecologia*, ano IV, n.º 3, Lisboa, 1939. Tal como o título sugere, trata-se da descrição de três casos de associação, inéditos.

34. «Professor Jorge Monjardino», *Lisboa Médica*, ano XVII, 1940, pp. 423-431. Texto bio-bibliográfico evocativo de um dos seus mestres.

35. «O retalho tubulado», *Imprensa Médica*, ano VI, n.º 13, Lisboa, 1940, 11 pp. Descrição de uma técnica cirúrgica, tal como era praticada em Milão e o foi

também pelo autor, cuidados especiais e resultados obtidos.

36. «A esterilidade periódica na mulher», *Ibidem*, 1940, 11 pp. Resumo dos variados processos anti-concepcionais até aos trabalhos de Knaus e de Ogino.

37. «A propósito da Histerosalpingografia no diagnóstico da gravidez ectópica» (colab. com J. Santos Coelho), *Ibidem*, ano VII, 1941, 6 pp. Interpreta o erro a que pode conduzir a deficiente análise de uma imagem radiográfica.

38. «Ausência bilateral e simétrica da porção média de ambas as trompas» (colab. com J. Silva Horta), *Lisboa Médica*, ano XVIII, n.º 6, 1941, pp. 353-363. Descreve mais uma anomalia rara, com apoio fotográfico.

39. «Adenoma da Glândula de Bertolino», *Arquivos de Obstetrícia e Ginecologia*, 1941; também in *Imprensa Médica*, ano VIII, 1942, 3 pp. Deveu-se este estudo a mais um caso raro operado pelo autor.

40. «Infiltração do Plexo pelvi-perineal nos estados espásticos do útero em trabalho», *Amatus Lusitanus*, vol. I, n.º 6, 1942.

41. «Anestesia peridural lombar durante o parto» (colab. com J. F. do Rego), *Ibidem*, vol. III, 1944, pp. 458-470. Apresentação de alguns casos em que ficou demonstrada a eficácia deste método, dito de Dogliotti, clínico italiano de quem o autor foi discípulo.

42. «Considerações sobre a distribuição das artérias Sílvica e Cerebral anterior na superfície do cérebro de recém-nascidos de termo», *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. XXIII, 1944, pp. 299-305.

43. «Tratamento da endometriose», *A Medicina Contemporânea*, ano LXIV, n.º 8, Lisboa, 1946, pp. 327-335. As possíveis causas da doença e seu tratamento preventivo ou curativo.

44. «Notas sobre implantação de comprimidos com hormonas estrogéneas», *Ibidem*, n.º 12, 1946, pp. 525-529. Aduz os resultados obtidos e as vantagens deste processo de implantação subcutânea.

45. «La meteoropatologia de la eclampsia» (colab. com F. Orenge Diaz del Castillo), *Actas do II Congresso Luso-Espanhol de Obstetrícia e Ginecologia*, Lisboa, 1948, pp. 173-179. Correlação meteorológica da eclampsia em Lisboa e Madrid, por comparação dos casos registados nas duas capitais, mostrando assim a importância do estudo da meteoropatologia.

46. «A histerosalpingografia no diagnóstico da gravidez ectópica», *Acta ginecologica hispano-lusitana*, 1951, pp. 320-325. Retoma do artigo da *Imprensa Médica*, 1941.

47. «A Moral e as novas técnicas médico-cirúrgicas», *Esmeraldo*, n.º 2, Lisboa, 1954, 13 pp. Considerações de carácter ético a propósito do transplante de tecidos ou órgãos.

48. «Notas hipocráticas», *O Médico*, n.º 161, 1954, 13 pp. Comentários a alguns dos escritos de Hipócrates, evidenciando a sua modernidade.

49. «Tratamento dos estados espásticos do útero pela infiltração com novocaína», *Boletim Clínico e Estatístico do Hospital do Ultramar*, II série, n.º 5, Lisboa, 1955, pp. 157-160. É uma actualização do artigo da *Amatus Lusitanus*, de 1942.

50. «Anatomia vascular cerebral», Porto, 1974, sep. de *O Médico*, n.º 1212, vol. 73, pp. 434-437. Este pequeno e tardio artigo rememora trabalhos de 1930-33, reportando-se ao tempo em que o autor era assistente de Anatomia sistemática. Revela como o Prof. Egas Moniz o encarregou de fazer uma revisão dos comportamentos das artérias cerebrais anterior e sílvica, em cadáveres, e como executou o trabalho em 50 cérebros usando injeções vasculares. Os resultados vieram mostrar algumas variações inéditas na distribuição daquelas artérias (38 variedades em 50); e, em face disso, pôde o Professor estabelecer uma revisão da angiografia cerebral, assunto de tal modo importante que viria a granjear-lhe o Nobel.

Notas

1 Para um historial mais alargado e fundamentado desta família, consultem-se os meus estudos *O Fundador do Estado Português da Índia - D. Francisco de Almeida*, IN-CM, Lisboa, 1996, e *Abrantes na Expansão Ultramarina*, 1992.

Bibliografia sumária sobre o evocado

- ALMEIDA, Justino Mendes de, *Evocação do Professor Doutor D. Fernando de Almeida*, IPPC / Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco, 1985.
- *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, IV, Pub. Europa-América, 1998, pp. 159-161.
- *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 38 (Apêndice), s/d, pp. 138-140, com continuação no vol. 1 de Actualização, p. 241.
- «In Memoriam Professor Doutor D. Fernando de Almeida», *Arqueologia e História*, 10.^a Série, 1-2, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1990.
- MARQUES António Lourenço, «D. Fernando de Almeida nos caminhos da Medicina», *Estudos de Castelo Branco*, Nova Série n.º 2, Janeiro de 2004, p. 48-54.
- ROSA, João Mendes e SALVADO, Pedro Miguel, «À guisa de introdução» ao livro *De Trebaruna a Vitória*, colectânea de textos comemorativa do centenário do nascimento de D. Fernando de Almeida, editada pela Câmara Municipal do Fundão, 2003, pp. 9-14.
- SALVADO, António, *Autores Nascidos no Distrito de Castelo Branco*, Aríon, Lisboa, 2001, p. 547.
- SANTOS, Manuel Farinha dos, *Elogio do Professor Doutor D. Fernando de Almeida*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1985.



Memória escultórica do Alcaide, inaugurada a 28-11-2003.

O Adagiário da Saúde

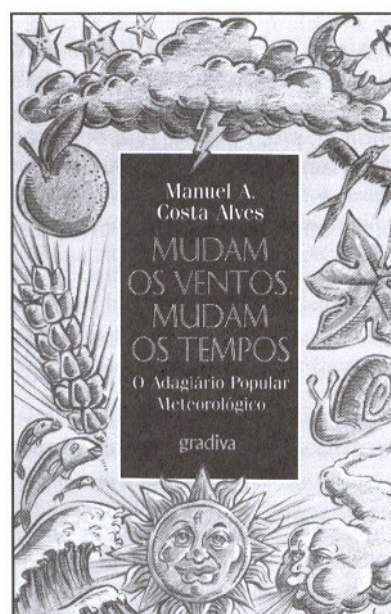
Manuel Costa Alves*

Introdução

Durante vários anos tentei interessar médicos pela fixação e estudo da componente de saúde do adagiário popular português, mas não surgiu um esforço propício. Este trabalho é apenas uma pequena contribuição tendente a avivar o interesse dos profissionais para que o adagiário da saúde seja compilado e estudado especializadamente no seu (con)texto histórico, cultural e científico. Não efectuei uma pesquisa exaustiva nas fontes nem pude indagar se, em algumas das nossas aldeias, ainda se guardam saberes de produção e circulação regional ou local que não se encontrem nas compilações existentes. Como sabemos, se não efectuarmos este derradeiro trabalho de campo, a evolução da sociedade não vai conceder uma última oportunidade de captação aos saberes que não foram registados até agora. Enfim, chegaram até nós os ditados populares que chegaram. Muitos perderam-se pelos caminhos de um processo de selecção natural que não deixou vestígios dos menos adaptados à vida quotidiana das gerações seguintes.

Como julgo ter provado em trabalho anterior⁽¹⁾, o adagiário meteorológico é o saber meteorológico mais avançado do tempo, até ao período em que a Meteorologia se autonomiza no quadro geral das ciências, contrariando as ficções filosóficas que chegavam por via erudita. São raros os casos em que o adagiário meteorológico suporta saberes não atravessados pela repetição de fenomenologias que faz regra. E nesses, só a intrusão de saberes exógenos, originários da astrologia, perturbam a unidade do *corpus*. O adagiário é um livro aberto construído por dezenas de gerações que lhe introduzem observações e experiências novas ditadas pela evolução da sociedade. Nele encontramos muita “*inteligência acumulada*” (Vico) impressa nas “*mais aprovadas sentenças que a experiência achou nas acções humanas, ditas em*

breves e elegantes palavras”⁽²⁾, ou como “*expressão intimativa, a modos de equação algébrica da vida*”⁽³⁾.



Comparativamente com a meteorológica, a componente de saúde do adagiário não é forte. A compilação que aqui apresento contém 380 ditados e o seu potencial como património científico popular é limitado no quadro dos conhecimentos da ciência biomédica de hoje. Mas existe, pode ser aumentada e contém saberes que, mesmo que hoje já não estivessem vivos, o que não acontece, mereceriam uma abordagem numa perspectiva historiográfica da cultura científica popular, pois a ciência do nosso tempo pode manifestá-la de modo integrado e não pela via da separação dos saberes eruditos dos populares.

O critério que orientou a extracção da componente de saúde do adagiário geral é, obviamente, discutível, sobretudo porque nem sempre é possível definir claramente os territórios de fronteira, designadamente

nas interfaces com a alimentação e com a crítica de costumes e comportamentos.

Há mil modos de morrer e só um de nascer

A observação continuada de sinais do organismo humano não gerou, no adagiário, uma tão vasta gama de registos como os obtidos na observação do comportamento da atmosfera. A atmosfera condicionava fortemente a luta pela subsistência e a abordagem repetida dos fenómenos por ela produzidos fixou a produção de saberes úteis e utilizáveis de



Lavra - Ilustração de um calendário do Séc. XIV.

geração para geração. O *corpus* do adagiário da saúde está muito menos estruturado e revela uma grande dificuldade na recolha de sinais indicadores numa esfera de preocupação tão, ou mais, imediatamente ligada à vida quotidiana e às interrogações vitais, face à relação entre a diminuição da saúde e a inevitabilidade da morte. Na verdade, **há mil modos de morrer e só um de nascer**, mas essa constatação é muito difusamente descrita. Comparativamente com a componente meteorológica, seria de esperar uma outra organização, mais prolífera e sistemática, da produção de ditados populares relativos ao comportamento do organismo humano. Provavelmente, reflecte a grande dificuldade das populações em gerar saberes práticos sobre todas as situações de instabilidade no funcionamento do organismo humano. É verdade que **enquanto há saúde, quedos estão os santos** mas, ao contrário do adagiário meteorológico, é rara a sentença que atraia a invocação da sua intervenção perante o inexplicável ou o insuperável.

A preocupação pelo frio manifesta-se com uma seca sentença: **a cada um dá Deus o frio conforme a roupa**. No entanto, é preciosa a reserva fundada numa constatação de fundo sociológico: **mas mais a quem tem pouca**. Outra forma de dizer o mesmo, reverte para um falar mais prosaico sobre a responsabilidade

humana pela situação de hipotermia, substituindo Deus por **cada um {sente o frio consoante anda vestido ou conforme a roupa que tem}**. O adagiário não reflecte conhecimento dos efeitos na morbilidade e na mortalidade dos excessos de exposição ao frio. Há “um frio de morrer em Portugal”⁽⁴⁾, mas, ainda hoje, a natureza e dimensão do problema fisiológico no nosso país é quase desconhecida entre os próprios especialistas. Por outro lado, as estatísticas não permitem, ainda, separar o número de óbitos por excedentes de frio daqueles em que, na causa desencadeante da morte, intervieram, por exemplo, agentes virais ou a agudização de determinadas patologias respiratórias. Como sabemos, a decisão clínica é apenas indicativa do falhanço de determinado órgão, não fornecendo um diagnóstico da causalidade precipitante da falha do órgão. Comparativamente com territórios de climas mais frios, como na Holanda, Grã-Bretanha, Suécia, Islândia e Nova Iorque, em Portugal Continental a mortalidade durante o Inverno é muito maior.

Os excessos de calor também não constituem, na visão do adagiário, uma situação de alarme social perante as consequências que só hoje começamos a interiorizar como situações de emergência de protecção civil. A ciência biomédica ainda não possui linhas de investigação estruturadas sobre a cascata de processos fisiológicos que interferem nos mecanismos de auto-regulação térmica do organismo humano, face à sobrecarga térmica a que é submetido pelo ambiente quente envolvente. Nem sequer estão consagradas socialmente as medidas de prevenção que devem ser observadas por todos e, particularmente, pelos grupos de risco (doentes dos foros cardíaco e cérebro-vascular, renal, hepático, idosos e bebés). E as principais situações de risco (ausência de climatização em hospitais, lares, creches, automóveis) e os comportamentos de risco (exposição demorada, trabalhos violentos, desporto) são quase desconhecidos e, por isso, ausentes de qualquer perspectiva de regulação e regulamentação pelo Estado, para si próprio e para o tecido social. E, como no caso da hipotermia, nem convocamos os reflexos da hipertermia na morbilidade, ou seja, na agudização de doenças pré-existentes ou na contracção de novas doenças sem desenlace fatal.

No corpo do adagiário, a preocupação pela exposição ao excesso de calor é induzida pela percepção dos malefícios produzidos pelo excesso de exposição ao sol. **Debaixo do sol nada é novo**, nem a pele nem qualquer objecto que por ele seja atingido continuamente. Sabendo que **o alcaide e o sol por onde quer, entram** ou que **do rei e do sol quanto mais longe melhor**, devemos concluir: **debaixo da noqueira não faças cabeceira**. Apesar disso, o adagiário assegura o facto climatológico do nosso Verão: **Junho quente, Julho ardente** e,

cumulativamente, acentua que, **quem dormir ao sol de Agosto, terá desgosto**. As ceifeiras alentejanas aplicavam rigorosamente o conselho: **em dia de calor arroupa-te melhor**. E, mesmo recebendo apenas radiação difusa, ou reflectida, o rosto e as mãos



Ceifa - Ilustração de um calendário do Séc. XIV.

envelheciam precocemente num corpo que nunca recebera radiação solar directa. O conselho é imperativo: **quando muito arde o sol, nem mulher, nem carnes, nem caracol**; um quotidiano tão laborioso e sobrecarregado por esforços físicos curtidos de sol a sol não admite desvios.

O adagiário conhece os malefícios das situações de Inverno relacionadas com as aproximações e passagens de sistemas frontais com alternâncias da massa de ar tropical e polar recente. Dias quentes antecedidos por dias muito frios ou o inverso: **Um dia frio e logo outro quente, logo um homem é doente**. As meteoropatologias de Inverno atingem riscos maiores⁽⁵⁾ para a trombose coronária, o enfarte do miocárdio e a angina de peito, a constipação comum originada pela afectação do mecanismo termo-regulador e a permeabilidade das membranas e a gripe que humidades relativas baixas e pequenas velocidades do vento parecem favorecer. A alternância de tipos de tempo invernal, quente e muito frio, parece favorecer o desenvolvimento e a propagação do vírus pólio, o aumento do desassossego e da diurese nos processos de esquizofrenia, o aumento do número de acidentes na epilepsia, apoplexia, asma, crises de bronquite, reumatismo, hipertiroidismo e úlceras pépticas. São assuntos ainda hoje pouco explorados por um sistema de saúde centrado na medicina curativa e onde a epidemiologia é, política e

socialmente, uma especialidade médica pouco considerada.

De resto, a água é concebida como um elemento vital para a saúde e o adagiário orienta-nos sem margem para dúvida sobre a sua utilizabilidade. **A Água corrente esterco não consente ou não mata a gente** mas, se for **água detida** (é) **má para bebida**. E a qualidade do ar, em geral, também é equacionada como preocupação de saúde pública: **livra-te dos ares, que eu te livrarei dos males**. Ou, então, utilizando o conhecimento dos efeitos do vento e da chuva na composição da camada muito baixa da atmosfera: **o ar, para se purificar, necessita das tempestades**.

O segredo de uma vida longa e saudável parece estar descoberto: **anda quente, come pouco, bebe assaz e viverás**. Com a certeza de que o **mal descoberto descobre a saúde** e de que a alimentação é um factor determinante: **come para viver, pois não vives para comer**. E, mais concretamente: **come caldo, vive em alto, anda quente e viverás longamente**. De resto, a obesidade é já determinada como causa de falta de saúde: **ao que de mais comer, abre-lhe o garfo a cova** ou **comida gorda, testamento magro** ou, ainda, **das grandes ceias estão as covas [sepulturas] cheias**. É certo que **gordura é formosura** mas o adagiário tem consciência de que **a gordura é capa de defeitos** e que **gordura não é fartura nem saúde** (e) **magreza não é doença**.

* Meteorologista, Escritor.

Notas

(1) Manuel Costa Alves, Mudam os ventos, mudam os tempos, Gradiva 1996 e 2002.

(2) Ladislau Batalha: "História Geral dos Adágios Portugueses", Ailland e Bertrand, Lisboa 1924.

(3) Luís Chaves, prefácio a "Adágios populares reduzidos a lugares comuns" de António Delicado, Livraria Universal, reedição de 1923.

(4) Pinheiro, Carlos Daniel; Um Frio de Morrer ou Variação da Mortalidade e Clima nos Distritos de Viana do Castelo e de Faro, 1990.

(5) Survey of Human Biometeorology", Organização Meteorológica Mundial.

O ADAGIÁRIO DA SAÚDE ⁽¹⁾**A**

A cada um dá Deus o frio conforme a roupa {mas mais a quem tem pouca}.

A mal desesperado, remédio heróico.

À morte, o remédio é abrir-lhe a boca.

A quem Deus quer dar vida, água da fonte é mezinha.

A quem dói o dente, dói a dentuça.

A quem dói o dente, que vá ao dentista.

A quem dói o queixal, é que sabe do seu mal.

A quem é de morte, a água lhe é forte.

A quem é de vida, a água lhe é medicina.

Água (A) corrente esterco não consente.

Água (A) corrente não mata a gente.

Água detida, má para bebida.

Água (A) fervida tem mão na vida.

Água fria [gelada] e pão quente nunca fizeram bom ventre.

Água (A) não empobrece nem envelhece.

Água quente, nem a são nem a doente.

Água quente, saúde para o ventre.

Água viva dá vida, parada é morte.

Alguma coisa se há-de sofrer para embranquecer.

Amor, fogo e tosse, a seu dono descobre.

Anda quente, come pouco, bebe assaz e viverás.

Ande o frio por onde andar, pelo Natal cá vem parar.

Antes embebedar que constipar.

Antes morrer que sofrer.

Antes sofrer que morrer.

Ao amor, fogo e tosse, mal faz quem não lhe acode.

Ao doente forte, a água é medicina.

Ao feito, remédio; ao por fazer, conselho.

Ao médico, ao advogado e ao abade, falar verdade.

Ao perigo com tento, ao remédio com tempo.

Ao que de mais comer, abre-lhe o garfo a cova.

Ao terceiro dia, maior dor na ferida.

Ao velho, muda-lhe o ar vê-lo-ás acabar.

Aos trinta anos, quem não é tolo é médico.

Ar (O), para se purificar, necessita das tempestades.

Às vezes vem o remédio de quem menos se espera.

Azeite de oliva todo o mal tira.

B

Babujado de cão faz o menino são; babujado de porco faz o menino morto.

Barriga cheia [farta, quente], pé dormente.

Barriga grande não dá entendimento e pode dar sofrimento.

Batata e pão, juntos dão má digestão.

Bebidas (As) fortes fazem os homens fracos.

Bem fala o são ao doente.

Bexigas e sarampelo sete vezes vêm ao pêlo.

Bom comer faz mau dormir.

Bom (O) vinho arruína a bolsa e o mau o estômago.

C

Cada um sente o frio consoante anda vestido.

Cada um sente o frio conforme a roupa que tem.

Caldo (O) quer-se ao gosto do doente.

Caldo requentado faz mal a doente.

Caldo sem sal, faz de conta que não tem manjar.

Casa onde não entra o sol, entra o médico {muita vez}.

Casa sem luz, tumba de vivos.

Cautela e caldos de galinha nunca fizeram mal a doentes.

Chaga de juntura, não ta dê Deus por ventura.⁽²⁾

Chagas untadas doem, mas não tanto.

Com malvas e água fria, faz-se um boticário num dia.

Com o que Pedro sara, Sancho adocece.

Com o que sara o fígado, enferma o baço.

Com tempo tudo se cura.

Com um horto e um malvar, há medicina para o lugar.⁽³⁾

Come caldo, vive em alto, anda quente e viverás longamente.

Come como são e bebe como doente.

Come pão, bebe água, viverás sem mágoa.

Geme para viver, pois não vives para comer.

Come pouco e bebe pouco, dormirás como louco.

Come pouco e ceia pouco, dormirás como louco.

Come, que a hora de comer é a da fome.

Come tripas o louco e sabem-lhe a pouco.

Comer a horas, vestir a tempo.

Comer até adoecer [enfermar], jejuar até sarar.

Comer toda a vianda, tremer toda a maleita.

Comida fina em corpos grossos faz mal aos ossos.

Comida gorda, testamento magro.

Comidas apimentadas fazem borbulhas às carradas.

Como é o braço assim é a sangria.

Contra a morte não há remédio.

Contra maus humores, grandes suores.

Coroa (A) não cura a dor de cabeça.

Corpo achacoso não é cheiroso.

Costumou-se aos calos, não há erva que lhos cure.

Cozinha refinada leva à farmácia.

Cura do mal em jejum, o catarro será pouco ou nenhum.

Curar a mordidela do cão com o pêlo do mesmo.

D

Dá Deus a roupa conforme o frio.
 Dá Deus o frio conforme a roupa {mas mais a quem tem pouca}.
 Da fome, da peste e da guerra e do bispo da nossa terra libera nos, Domine.
 Das grandes ceias estão as covas [sepulturas] cheias.
 De Deus lhe venha o remédio.
 De fome ninguém vi morrer, porém a muitos de muito comer.
 De longos sonos e grandes ceias estão as sepulturas cheias.
 De médico, engenheiro e louco todos temos um pouco.
 De pequena bostela se levanta grande mazela.⁽⁴⁾
 Debaixo da noqueira não faça cabeceira.
 Debaixo do sol nada é novo.
 Deita-te a enfermar, saberás quem te quer bem e quem te quer mal.
 Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer.
 Demandar e urinar levam o homem ao hospital.
 Deus, assim como dá a doença, dá o médico.
 Deus cura os doentes e o médico recebe o dinheiro.
 Dia de purga, dia de amargura.
 Dia frio e dia quente fazem andar o homem doente.
 Diz o são ao doente: Deus te dê saúde.
 Do cabelo ou do sangue da besta que te faz a mordedura, farás a cura.
 Do rei e do sol quanto mais longe melhor.
 Doença bem tratada poucas vezes é demorada.
 Doença (A) e a dor conhecem-se na cor.
 Doença (A) é o celeiro do médico.
 Doença (A) vem a cavalo e vai a pé.
 Doença (A) vem às braças e vai às polegadas.
 Doente perigoso torna o médico piedoso.
 Dor e desgraça para quem a passa.
 Dor (A) ensina a parir.
 Dormir com janela aberta, constipação quase certa.

E

Em casa de {parida ou} doente o lugar não se aquece.
 Em dia de calor arroupa-te melhor.
 Emenda de jogador e prognóstico de médico, serão o que for.
 Enfermo {im}paciente faz o médico cruel.
 Enquanto há saúde, quedos estão os santos.
 Entre mortos e feridos alguém há-de escapar.
 Erros de médico, a terra os cobre.
 Estômago agradecido não é bom amigo.
 Estômago vazio não tem ouvidos.

F

Favas me fartam, favas me matam.
 Febre intermitente não a cura senão Deus.
 Febre outonal, ou longa ou mortal.

Fiambre e fiado sabem bem e fazem mal.
 Filho mau em que se não tem mão, melhor é doente que são.
 Foge do feio e do porcino, da botica e do remédio.
 Fora de horas urinar, é sinal de enfermar.
 Freiras e frieiras, é coçá-las e deixá-las.
 Frio a valer, trabalhar para aquecer.

G

Gordura (A) é capa de defeitos.
 Gordura é formosura.
 Gordura não é fartura nem saúde; magreza não é doença.
 Gota é mal de rico; cura-se fechando o bico.
 Guarda do calor o que guarda do frio.

H

Há mil modos de morrer e só um de nascer.
 Hora (A) de comer é a da fome.

L

Laranja antes do Natal livra de catarral.
 Laranja de manhã é ouro, ao meio-dia é prata e à noite mata.
 Levar as mãos às fogueiras é a mãe das frieiras.
 Livra-te da fruta mal sazoadada, que é peste disfarçada.
 Livra-te dos ares, que eu te livrarei dos males.
 Livros (Os) são medicina do esquecimento.

M

Mais cura a dieta que a lanceta.
 Mais vale bom estômago que bom cozinheiro.
 Mais vale fome que fastio.
 Mais vale prevenir que remediar.
 Mais vale saúde boa que pesada bolsa.
 Mais vale suar que enfermar.
 Mais vale suar que tremer.
 Mal alheio não cura minha dor.
 Mal com mal se cura.
 Mal descoberto descobre a saúde.
 Mal desconhecido com seu dono morre.
 Mal (O) do olho coça-se com o cotovelo.
 Mal do pé, pior da perna.
 Mal (O) e o bem à face vem.
 Mal é ter os olhos maiores que a barriga.
 Mal (O) entra às braças e sai às polegadas.
 Mal haja o ventre que do pão comido se esquece.
 Mal largo [prolongado], morte no cabo.
 Mal por mal, antes cadeia que hospital.
 Mal que não tem cura é {a velhice e} a loucura.
 Mal que se ignora, coração que não chora.
 Mal que se não pode remediar, aligeira-o a paciência.
 Mal reparável, sem custo se consola.

Mal viver, mal acabar.
 Males (Os) não vêm rogados.
 Mão (A) na dor e o olho no amor.
 Mãos de mestre, unguento são.
 Mau é ter os olhos maiores que a barriga.
 Mau parto, filha ao cabo.
 Médico (O) deve ser prudente, o enfermo paciente e o criado diligente.
 Médico velho, advogado novo.
 Médico velho, cirurgião moço, boticário coxo.
 Médicos de Valência, grande fralda, pouca ciência.
 Melhor é dente podre que cova na boca.
 Melhor (O) médico é o que se procura e não se encontra.
 Menino bolsador, menino engordador.
 Menino e milho de Verão têm frio.
 Meus (Os) mais fiéis parentes são os meus dentes e os mais leais são os queixais.
 Mijar claro, dar uma figa ao médico.
 Moça (A) e o menino no Verão hão frio.
 Moças, quem vos deu tão ruins dentes? Água fria e castanhas quentes.
 Mocidade desprevenida, velhice arrependida.
 Mordedura de víbora ou escorpião, prepara a pá e o enxadão.
 Morre quem morre, salta quem pode.
 Morre quem tem de morrer.
 Morte certa, hora incerta.
 Morte (A) não poupa nem o fraco nem o forte.
 Muita saúde, pouca vida porque Deus não dá tudo.
 Mulher doente, mulher para sempre.
 Mulher parida, nem farta nem limpa.

N

Na cadeia e no hospital todos temos um lugar.
 Na hora da morte não vale a pena tomar remédio.
 Na prisão e no hospital, vês quem te quer bem e quem te quer mal.
 Nada cura como o tempo.
 Não comas cardos com dentes emprestados.
 Não comas quente, não perderás o dente.
 Não comas verde nem cru, nem andes com o pé nu.
 Não comer, por ter comido, não é doença de perigo.
 Não comer, por ter comido, não é mal de sentido.
 Não é de agora o mal que não melhora.
 Não gozar para não sofrer, é segredo de bom viver.
 Não há botica sem receitas.
 Não há melhor cirurgião que o bem acutilado.
 Não há moço doente nem velho são.
 Não há morte sem achaque.
 Não há sábado sem sol, nem velha sem dor, nem moça sem amor.
 Não me pesa de meu filho enfermar, senão pelo costume que lhe há-de ficar.
 Não te fies em vilão, nem bebas água de charqueirão.
 Nas más pernas {e mãos} nascem as frieiras.

Nem com cada mal ao médico, nem com cada dúvida ao letrado.
 Nem com toda a sede ao pote, nem com toda a fome ao cesto.
 Nem no Inverno sem capa nem no Verão sem cabaça.
 Nem todos os dias há carne gorda.
 Nem tudo o que luz é ouro nem toda a tosse é catarro.
 No boticário está a chave do médico e no escrivão a do feito.
 No quente é que se cura a gente.
 No sofrer e no abster está todo o vencer.
 No tempo em que se come não se envelhece.
 No tempo quente refresca o ventre.
 Nos olhos se vê quem tem lombrigas.

O

O que arde cura e o que aperta segura.
 O que é bom para o ventre, é mau para o dente.
 O que é de mais, é moléstia.
 O que faz bem ao fígado, faz mal ao baço.
 O que não se usa, atrofia-se.
 O que não tem remédio, remediado está.
 O que sabe rezear, sabe os riscos evitar.
 Onde entra o sol, não entra o médico.
 Onde está o mal, está a mezinha.
 Onde não entra o sol, entra o médico.
 Onde sobeja a água, falta a saúde.
 Ovo sem sal, não faz bem nem mal.

P

Paciência (A) abranda a dor.
 Paciência (A) é unguento para todas as chagas.
 Panela sem sal, faz de conta que não tem manjar.
 Pão durázio, caldo de uvas, salada de carne e deixar a medicina.
 Pão quente faz mal ao ventre.
 Pão quente, muito na despensa [mão], pouco no ventre.
 Pão quente, nem a são nem a doente. Papas à noite fazem azia.
 Para a morte, o remédio é abrir-lhe a boca.
 Para grandes males, grandes remédios.
 Para mal do costado, bom é o abrolho.
 Para tudo há remédio, menos para a morte.
 Para um pé doente, aparece sempre um saco velho.
 Parentes são os meus dentes.
 Parentes são os meus dentes, mais chegados os da frente e leais são os queixais.
 Parir é dor e criar é amor.
 Parto inchado, parto abençoado.
 Parto ruim, filha no fim.
 Páscoa em Março, fome ou mortação.
 Pelo sim e pelo não, levar o chapéu na mão.
 Pequenas caixas têm bons unguentos.
 Pequeno dano, se toma forças, carece de remédio.

Pés quentes, cabeça fria, coração bom e desprezar a medicina.

Pés quentes, cabeça fria, cu aberto, boa urina; merda para a medicina.

Pés quentes, cabeça fria, ventre desembaraçado e desprezar a medicina.

Pés quentes, ventre livre e cabeça fria e desprezar a medicina.

Pés secos e boca fresca.

Pílulas engolem-se e não se mastigam.

Pior é ter mau médico que estar enfermo.

Pode haver sofrimento na dor e não no temor.

Por cima do comer nem um escrito ler.

Por pouca saúde, mais vale nenhuma.

Por um dia de prazer, há um ano de sofrer.

Por um prazer, mil dores.

Por um que morre de sede morrem cem mil de beber.

Pouca fartura não mata.

Pouca peçonha não mata.

Q

Qual a paga, tal a cura.

Quando a criatura denta, a morta atenta.

Quando dói o dente é que se vai ao dentista.

Quando muito arde o sol, nem mulher, nem carnes, nem caracol.

Quando o médico é piedoso, é o doente perigoso.

Quando os doentes bradam, os médicos ganham.

Quanto mais água mais sede.

Quem ao ano andou e aos dois falou, bom leite mamou.

Quem bem se cura, bem dura.

Quem bem urina escusa medicina.

Quem cedo adenta, cedo aparenta.

Quem ceia e se vai deitar, má noite há-de passar.

Quem ceia vinho almoça água.

Quem com águas se cura, pouco dura.

Quem come a correr, do estômago vem a sofrer.

Quem come as duras, coma as maduras.

Quem come pouco, aproveita muito.

Quem come salgado, bebe dobrado.

Quem dá o unguento dá o trapinho.

Quem debaixo de água se cura pouco dura.

Quem depressa se cura, tarde sarou.

Quem dormir ao sol de Agosto, terá desgosto.

Quem goza de saúde perfeita, é rico sem o saber.

Quem má boca tem, má bostela faz.

Quem mais não pode, de sua mazela morre.

Quem mais cura, mais dura.

Quem não anda por frio e por sol, não tem saúde nem faz seu prol.

Quem não suar, não beba.

Quem quer vista que lhe assista.

Quem quiser comer arroz sem sal, vá para o hospital.

Quem se lava e não se enxuga, toda a pele se lhe enrugam.

Quem sempre traz má cor, não é médico nem doutor.

Quem tem doença, abra a bolsa e tenha paciência.

Quem tem frio, embrulha-se na capa de seu tio.

Quem tem preguiça nas pernas, ganha ferrugem nos dentes.

Quem vive em palácio sem poder, no hospital vai morrer.

Quem vive na taberna, morre no hospital.

R

Remédio caro faz sempre bem; se não ao doente, ao boticário.

Resfriadas doem mais as chagas.

Restolhadas de Verão fazem mal ao coração.

Reumatismos vão desaparecendo que o tempo vai aquecendo.

Riqueza a valer é saúde e saber.

S

Sangrai-o, purgai-o e, se morrer, enterrai-o.

Sangue pela boca, nem das gengivas.

São (O) ao doente em regra mente.

Sarampo sarampelo sete vezes vem ao pêlo.

Saúde come, que não boca grande.

Saúde é a que joga, que não camisa nova.

Saúde e alegria beleza cria {e faz bem à gente}; atavio e enfeite custa e mente.

Sáveis em Maio, maleitas todo o ano.

Se a mãe soubesse quando o filho endentece, não havia nada que lhe não fizesse.

Se a tua casa é húmida, abre conta na botica.

Se bem soubera a pílula, não se dourara por fora.

Se és velho comilão, encomenda o teu caixão.

Se não houvesse sentir frio, acabavam os alfaiates.

Se queres água limpa [viva], tira-a de fonte viva.

Se queres beber sem receio, bebe água viva.

Se queres cedo engordar, come com fome e bebe devagar.

Se queres depressa enfermar, lava a cabeça e põe-na a secar [e vai-te deitar].

Se queres enfermar, ceia e vai-te deitar.

Se queres que o teu filho engorde e cresça, lava-lhe o corpo e rapa-lhe a cabeça.

Se queres que o teu olho sare, limpa-o com o cotovelo.

Se queres ter corpo são, não trames contra a razão.

Se queres ver tua carne sã, põe-lhe erva alva.

Se quiseses viver são, anda quente, come pouco e vive em alto.

Se quiseses viver são, faz-te velho antes do tempo.

Se quiseses viver são, faz-te velho temporão.

Se tens físico teu amigo, manda-o a casa do teu inimigo.

Se teu filho adentar, todos os santos tens que adorar.

Semana Santa em Março, ou fome ou mortãoço.

Sinal mortal, não desejar sarar.

Sinto mais, e é-me mais precisa, a pele que a camisa.
Só quem bem criou, aos seis meses sentou.
Só uma porta a vida tem, enquanto a morte tem cem.
Sobre comer, dormir; sobre cear, passear.
Sofre de medo quem tem medo de sofrer.

T

Tabaco e águas ardentes transformam os sãos em doentes.

Tal paga, tal cura.

Temor (O) é mortal dor.

Temor (O) suspeita sempre o pior.

Tempo (O) tudo cura, menos velhice e loucura.

Tempo cura o enfermo e não o unguento.

Tempo (O) dá o remédio onde me falta o conselho.

Todas as indigestões são más e a da perdiz é péssima.

Tosse seca, trombeta da morte.

Tris (A) matou quem quis.⁽⁵⁾

U

Um ar purgado, morte no cabo.

Um cravo com outro se tira.

Um dia frio e logo outro quente, faz mal à gente.

Um dia frio e logo outro quente, logo um homem é doente.

Um doente come pouco e gasta muito.

Uma azeitona é ouro; a segunda é prata; a terceira mata.

Uma pílula a tempo poupa nove. Urinar claro, figas ao médico.

Usa cama de frade e mesa de pobre, terás saúde que farte e alegria que sobre.

Usa sempre cobertor, faça frio ou calor.

V

Vale mais uma onça de cautela que uma arroba de botica.

Velho (O) que de si cura, cem anos dura.

Notas ao Adagiário

(1) No ordenamento dos ditados, excluámos da alfabetação os artigos definidos iniciais colocados entre parêntesis a seguir à primeira palavra. Preferimos não aplicar essa regra aos artigos indefinidos que figuram como primeira palavra, quando for o caso. Entre parêntesis rectos, figuram expressões que são utilizadas em vez das registadas e, entre chavetas, expressões que são acrescentadas, como variantes, ao adágio principal.

(2) Juntura: articulação.

(3) Horto: horta pequena; malvar: campo de malvas.

(4) Bostela: ferida com crosta.

(5) Tris: icterícia.



Debulha - Ilustração de um calendário do séc. XIV.

Sexualidade no Ocidente: Mulher e Homem - As «Primeira Vez».

António Maria Romeiro Carvalho*

Um conto não é uma mera série de palavras, à qual sempre se vai acrescentando um ponto. Um conto é «uma sequência de eventos e de acções com sentido [...] Os contos são inteligíveis, requerem empatia e dominam frequentemente a comunicação. O conto é a forma através da qual uma experiência complexa se torna comunicável [...] A tradição de uma determinada civilização, em particular das sociedades pré-literárias, encontra-se particularmente os contos».¹ Um conto é a arte de contar histórias comunicando uma mensagem importante de uma determinada cultura à posteridade.

Para os irmãos Grimm, é visível nos contos populares restos de crenças que remontam a eras muito remotas, crenças estas que se exprimem «na representação formal de coisas supra-sensíveis» Este elemento mítico é como se fossem estilhaços de uma antiga pedra preciosa estilhaçada e que uma vista aguda hoje ainda consegue perceber olhando atentamente os estilhaços espalhados na relva.²

1. Hipótese.

A verdade gravada nos contos é uma verdade gravada no profundo da biologia e da cultura, pois que, como

refere Walter Burkert, a cultura tem uma fundação biológica. Basta ter em conta alguns dos mais célebres contos para se perceber que «os rituais de iniciação seguem a biologia, o mesmo acontecendo com a estrutura narrativa do conto de fadas feminino».³

Assim, pensamos que muitos dos contos de fadas e tradicionais transmitem a preparação das «primeira vez», no caso das mulheres; e a realização do herói, para que tenha direito à mão da rapariga, no caso do homem. Paralelamente, transmitem outras mensagens mais universais, como o complexo de Édipo, ou a concepção cosmogónica de uma cultura.

O facto de serem contados a crianças é triplamente razoável.

Porque as crianças não possuem ainda aquele pensamento conspurcador próprio de adultos, porque uma criança memoriza mais facilmente que o adulto e o que se aprende em criança marca para sempre.

2. A Professora. A Mestra.

As raparigas, chegadas à idade da menarca, conforme relatam costumes e contos, tinham uma mestra, familiar ou não. A sua função era a de lhes ensinar as actividades e o modo de ser mulher. Por exemplo,



Pássaro enjaulado ou amores de Maio - Gravura do séc. XVIII.

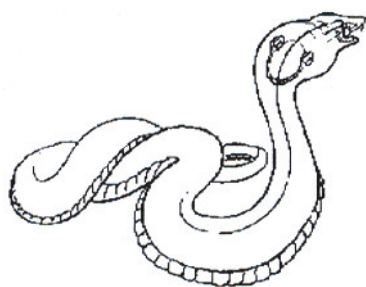
havia, até há bem pouco tempo, um costume muito espalhado na Oceânia. Quando uma rapariga se aproximava da puberdade, ia com a avó para uma cabana construída especialmente para ela, num local isolado. Era uma cabana construída de uma forma não muito sólida, mas muito bonita e decorada com muitas flores e esteiras. A única tarefa da rapariga é escutar a avó e os seus ensinamentos.⁴ Esta aprendizagem terminará com o aparecimento das primeiras regras.

3. O Iniciador.

Ao contrário do que muitas vezes se poderá pensar, a origem do acto sexual não se apresenta nos mitos tão natural. Embora o homem e a mulher, casos de Adão e Eva, tenham sido criados, não o «sabem» ainda. Um iniciador, por vezes diabólico, no caso a serpente, é necessário. O acaso desempenha o seu papel [...] Como no Génesis, o animal pode ser um iniciador sexual em alguns contos». Por exemplo, o urso, ou o homem selvagem, raptos de mulheres, dão livre curso ao seu papel de iniciador, em muitos carnavais. Igualmente os contos da «Bela e o Monstro» colocam no monstro o iniciador. Assistimos aqui a um fenómeno de sublimação, isto é, à medida que se avança no processo civilizacional, os actos são menos bárbaros e passam a ser mais civilizados. O iniciador passa de animal (Capuchinho Vermelho), a príncipe encantado em animal (Bela e Monstro), a príncipe feroz (Barba Azul) a príncipe (Gata Borralheira, Bela Adormecida...).

3.1. Outros Iniciadores: a Serpente e São João.

A serpente aparece, umas vezes, como hipóstase do príncipe, outras como a da Grande Mãe iniciadora, como no conto «A Cobrinha» e «A Princesa Encantada em Cobra».⁵ Como Grande Mãe aparece também na sua hipóstase de moura encantada e encantadora, aparecendo, algumas vezes, ligada a São João e à sua Noite, conforme na «Lenda de Alfatema». Noutros contos, há ainda a junção da água e da fonte. Água que é conhecimento, brotando do ventre da Grande Mãe, e fonte que é local onde se bebe esse conhecimento e local de encontro de namorados. «A



Moura Cassima» é exemplo. Também as grutas vão até essas profundezas. Assim, se pode afirmar que os sete anões teriam sido iniciadores da «Branca de Neve», pois que são os mais directos representantes da Grande Mãe, da qual seriam o braço executante: trabalham na gruta arrancados pedras preciosas e vivem na noite, que é feminina, pois trabalham, de dia, na gruta (escura como a noite), e estão em casa de noite. Outra prova, é que Branca de Neve, chegada a casa, come dos sete pratos e dorme nas sete camas.

Voltemos a São João, um santo que aparece ligado às fontes e às mouras encantadas. São João é o santo que circula entre o céu e a terra, sempre rodeado de meninas e a sua noite, a noite de 24 de Junho, apresenta-se como uma noite orgiástica.

Quadras e contos não só não enganam, como são extremamente sugestivos. São João era um iniciador.

3.2. Jesus Cristo.

Sabemos que o São João popular é um santo matreiro. Ligado às fontes, às mouras encantadas e patrono das raparigas solteiras. Sabemos também que este santo não é São João Evangelista, mas o eremita, o puritano, São João Baptista, o que baptizou Cristo no rio Jordão. É certo que parece uma oposição incompreensível: o mesmo santo e duas facetas opostas, mas é assim a religião popular que sincretiza antigas religiões pagãs e o Cristianismo.

Hoje, e desde há séculos, Cristo é o noivo de milhares de freiras. E esta é a pergunta que colocamos (e à qual voltaremos noutras investigações): não terá sido Cristo o continuador de São João, sendo o baptismo no rio Jordão a passagem de testemunho?

4. As «Primeira Vez» da Mulher.

Quando Rapunzel fez doze anos, a bruxa levou-a para a floresta e fechou-a numa torre que não tinha escadas nem porta, só uma janela lá do alto. Sabe-se que os doze anos é a idade do aparecimento (mais geral) da primeira menstruação, tal como fica registado neste conto, com o isolamento da menina. O único contacto é com a sua mestra. O crescimento do cabelo é indicativo do tornar-se mulher, pois que foi sempre uma das principais preocupações da «menage» feminina. O facto de a bruxa lhe ter cortado o cabelo é o castigo para o seu «pecado».

Outro facto indicador de ser mulher é o de ter engravidado. E este acto, revelador da primeira relação sexual (e seguintes), claramente apresentado neste conto, noutros aparece de forma mais subliminar, caso do conto «A Filha do Sol», onde a princesa concebeu no momento em que entrou pelo buraco um raio de sol que tocou a menina ...A princesa engravidara por um finíssimo raio solar, um pouco como alguma

iconografia apresenta a anunciação da Virgem Maria.⁶ As versões posteriores de «O Capuchinho Vermelho» mostram-nos bem a sublimação à medida que se avança na civilização. Um acrescento é o «mau», adjectivo atributo do lobo. O lobo passa a mau porque vai fazer mal à Capuchinho e à avó. O que há muito, muito tempo, seria bom, é mal já no século XVII.⁷

O segundo acrescento é a abertura da barriga do lobo de onde sai viva a avó e a neta ou só a primeira, dependendo das versões. Trata-se de uma clara cena do ritual de passagem de criança a mulher. Os contos populares portugueses têm destas cenas também. É exemplo o conto atrás referido de «Não me Cortes o Meu Cabelo Que Meu Pai Me Penteou», onde a menina é enterrada pela madrasta e desenterrada viva pelo pai.

Cenas e ritual que são os mesmos que o sono profundo da «Branca de Neve» ou ao sono igualmente profundo da princesa «Bela Adormecida».

5. A Primeira Vez do Homem.

Quanto ao homem, podemos resumir: o rapaz casará com a bela amada depois de ter demonstrado a sua autonomia, capacidade e heroicidade, desempenhando um papel que o aproxima do acto heróico primeiro, o acto cosmogónico. É o que relatam os contos tradicionais portugueses, entre outros, os contos «A Princesa das Ilhas Negras», «As Macacas», «A Lebre», «A Sina» e «A Torre de Babilónia», entre vários outros.⁸

Mas algo está a mudar. O cinema mostra tal mudança. Se, até há bem pouco, os heróis nos filmes eram homens, as mulheres aparecem agora em força. Lara Croft é a maior heroína do jogo virtual e já está em filme: «Lara Croft», 2001, interpretado por Angelina Jolie. Para ser mais homem, é a própria actriz que deseja ser mais atlética. «Quero ser mais forte», diz, no próximo filme, «Tomb Rider 2».⁹ Heroínas são igualmente Michelle Rodriguez e Milla Jovovich, intérpretes de «Resident Evil», 2002.

6. Conclusão.

O que os contos tradicionais e de fadas nos relatam são património cultural, porquanto contam rituais de épocas remotas. Dentre muitos possíveis, escolhemos «meia-dúzia» Walter Burkert, *A Criação do Sagrado* ..., que, cremos, nos relatam como era a primeira vez: a primeira menstruação ou menarca, isto é, a preparação da menina para o seu desempenho de mulher (mulher dona de casa e mulher esposa); e a primeira relação sexual, a perda da virgindade, no casamento ou fora dele.

No primeiro caso, a primeira menstruação, a menina era ensinada pela mestra (avó, tia, professora), num local isolado. Mais tarde, com o processo

civilizacional, este costume ter-se-á considerado bárbaro e ter-se-á colocada uma bruxa ou fada má como professora, ao mesmo tempo que o local isolado passa a ser, não uma casa bonita e uma cama confortável, como no «Capuchinho Vermelho», mas uma torre fechada de todos os olhares onde a menina é uma prisioneira.

No segundo caso, e de forma paralela ao primeiro, ter-se-á passado do iniciador animal, para um animal príncipe, e deste para o príncipe; em simultâneo, o acto sexual primeiro, embora continuando a ser executado em cama, vai perdendo contacto corporal, isto é, do iniciador lobo e do apalpar o corpo do Outro em «Capuchinho Vermelho» se terá passado ao iniciador príncipe e ao simples contacto dos lábios - o beijo.

No que ao homem diz respeito, casará com a amada, uma bela rapariga, mas só depois de ter demonstrado a sua autonomia, capacidade e heroicidade, desempenhando um papel que o aproxima do acto heróico primeiro, o acto cosmogónico.

A cultura tradicional sempre separou bem os papéis da mulher e do homem; hoje, porém, parece caminhar-se para uma indiferenciação. A mulher ocupa lugares do homem e funções tradicionalmente masculinas. As heroínas no cinema são uma amostra.

* Professor de História. Investigador do I.E.D.S. da U.N.L.

Notas

-
- 1 Walter Burkert, *A Criação do Sagrado*..., pp. 86, 85.
 - 2 Ernesto Veiga de Oliveira, «Introdução», p. 19.
 - 3 Citações e ideias de Walter Burkert, *A Criação do Sagrado*..., pp. 101-102.
 - 4 Solange Petit-Skinner, «O Homem e a Sexualidade», in *História dos Costumes*, Vol. 5, p. 252.
 - 5 *Contos Tradicionais Portugueses*, pp. 698-705.
 - 6 *Contos Tradicionais Portugueses*, pp. 750 ss.
-

Fontes

-
- *Bíblia Sagrada*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1975, 25ª Edição.
 - *Cien Cuentos Populares Espanoles*, Selc. De José A. Sanchez Perez, Barcelona, Jose Praneta Editor, 1998, 4ª Edición.
-

- *Contos Tradicionais Portugueses*, org. de Carlos Oliveira e José Gomes Ferreira, Porto, Livraria Figueirinhas, 1977.

- *Livro Ilustrado de Contos de Fadas*, recontados por Philip Neil, Porto, Livraria Civilização, 1997.

- *Popol Vuh*, Lisboa, Hiena Editora, 1994.

Bibliografia

- CARVALHO, António Maria Romeiro, Fontes, Mouras Encantadas e Serpentes: a Sexualidade no Feminino», *O Professor*, n° 68, Janeiro de 2000, p.p. 26-42.

- ELIADE, Mircea, *Tratado de História das Religiões*, Porto, Edições ASA, 1985 (1949).

- ELIADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano, A Essência das Religiões*, Lisboa, Livros do Brasil, 1956.

- POIRIER, Jean, «Introdução. O Homem e o Amor», in *História dos Costumes*, Volume 5, Dirc. De Jean Poirier, Lisboa, Editorial Estampa, 2000 (1990), pp. 207-208.

- SANTO, Moisés Espírito, *Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1990 (1984).

- SANTO, Moisés Espírito, *Comunidade Rural ao Norte do Tejo Seguido de Vinte Anos Depois*, U.N.L., 1999.

- SINGER, June, *Androginia, Rumo a Uma Nova Teoria da Sexualidade*, São Paulo, Editorial Cultrix, 1990 (1976).

- SOUZENELLE, Annick, *O Feminino do Ser. Para Acabar de Vez com a Costela de Adão*, Lisboa, Instituto Piaget, 1995 (1976).

- BURKERT Walter, *A Criação do Sagrado*, Lisboa, Editorial Presença, 2001.

- «Tal & Qual», n° 1095, de 15-06-2001.

- «Público», 9-5-2002. p. 35.

Un vasco enamorado de Salamanca y de Portugal - Luis Sanchez Granjel: Padre de la História de la Medicina Española... e Iberoamericana

José Miguel Santolaya Silva*

a D^a. Julia Santander de Sánchez Granjel (In Memoriam)
(Con admiración y respeto)

Hay dos vascos universales que tienen mucho en común, ambos vinieron a la Universidad de Salamanca y se quedaron: Miguel de Unamuno y Jugo, que ya no está entre nosotros y Luis Sánchez Granjel, este médico y humanista, que es toda una institución académica, orgullo para el Alma Mater Salmantina.

Don Luis, tiene en su haber el orgullo - sin vanidad como dice él - de ser el PADRE DE LA HISTORIA DE LA MEDICINA ESPAÑOLA... e IBEROAMERICANA, (AÑADIMOS NOSOTROS), así lo han reconocido los



Jornadas de História da Medicina - Idanha-a-Nova. Da dir. para esq.: Prof. Doutor Sanchez Granjel, Dr. Valter Lemos, (presidente do IPCB), Joaquim Morão, Presidente da Câmara de Idanha-a-Nova, Dr. Castel-Branco Silveira.

sabios profesores: Laín Entralgo, Diego Gracia, Riera, Pedro Amat, Antonio Carreras Panchón...entre otros profesores y alumnos de los cinco continentes que bebieron de su inmenso manantial de ciencia y sabiduría.

Gracias a la indesmayable labor que vienen realizando en más de tres lustros, desde Castelo Branco, y concretamente en las Jornadas Médicas de la Beira

Interior "Cadernos de Cultura", el Dr. António Lourenço Marques, invitó a Don Luis, para participar en dichas jornadas que se realizaron el año 1997 en Idanha A Nova, y desde ese momento tanto D. Luis como su Sr^a. D^a. Julia, recibieron el cariño y hospitalidad de las familias Marques y Salvado, así como de todos los leales participantes de las Jornadas de la Medicina en la Beira Interior.



Jornadas de História da Medicina - Castelo Branco. Da esq. para a dir.: Dr. Lourenço Marques, Prof. Doutor Sanchez Granjel, Joaquim Morão, Presidente da Câmara de Castelo Branco, Dr.^a Alzira Serrasqueiro, Governadora Civil do Distrito de Castelo Branco, Dr. Valter Lemos, presidente do Instituto Politécnico e Dr. António Salvado da organização.

Años más tarde el 2001... ¡Casi un siglo!, Don Luis, recibió un entrañable Homenaje en dichas Jornadas, por parte de profesores y alumnos suyos. Esta vez en Castelo Branco, uniéndose a este merecido reconocimiento el Instituto Superior de Castelo Branco y en especial los alumnos de la Facultad de Artes Aplicadas, cuyos alumnos ofrecieron un retrato al propio D. Luis, de manos del Presidente Sergio Pereira.



Jornadas de História da Medicina Medicina - Castelo Branco, 2001. Homenagem ao Prof. Doutor Sanches Granjel.

Los momentos de emoción vividos son intranscribibles, en especial la alegría contagiosa de D^a. Julia, que nos pidió le hicieramos unas fotos con su esposo,



Jornadas de História da Medicina Medicina - Castelo Branco, 2001. Homenagem ao Prof. Doutor Sanches Granjel. À dir. Prof. Doutor Rui Pita, um dos oradores da homenagem.

así se hizo, lo mismo que en la residencia de la familia Marques donde los anfitriones Lourdes y Antonio, abrieron su corazón inmenso hospitalidad que les caracteriza, con ellos el matrimonio Salvado: D. Antonio y D^a. Adelaide. Fué una noche mágica, irrepetible donde las relaciones "ligações" Ibéricas se tornaron aureas, cimentadas por la historia y la confraternización de dos pueblos.

Al poco tiempo el profesor Sánchez Granjel, fué nombrado Miembro Académico de la Real Academia de la Medicina Española, coronando así y en justicia ese cielo azul de Salamanca que en su día pintó Fernando Gallego, y que hoy es el símbolo y meta de los que como el Dr. Luis Sánchez Granjel, tienen el



Castelo Branco, 2001 - Prof. Doutor Sanchez Granjel, rodeado pela sua filha Mercedes Granjel e sua esposa D. Júlia Granjel.

honor con laureles de oro de presidir el claustro de los Sabios de la Universidad de Salamanca.

En estas letras de reconocimiento, D. Luis, queremos una vez más agradecerle todo lo que hemos aprendido gracias a sus libros e investigación, felicitándolo por todos los premios y distinciones recibidos, que sin lugar a dudas faltan otros por venir.

* *Jornalista. Escritor.*

MEDICINA·NA·BEIRA·INTERIOR DA·PRÉ-HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XXI

XVI JORNADAS DE ESTUDO



Dr. João Mourato Grave
Farmacêutico e Intelectual em Castelo Branco

Temas das comunicações:

1
As disciplinas na
Obra de Amato
Lusitano

2
Os saberes da medicina
na Beira Interior da
pré-história ao séc. XXI

3
As relações médico-
-culturais entre Salamanca
e a Beira Interior

4
Outros temas com
interesse para a
história da medicina

Exposição: "Dr. João Mourato Grave - Vida e Obra no Espírito do Tempo"

Auditório Comenius - Instituto Politécnico de Castelo Branco
7 e 8 de Novembro de 2003

As Jornadas de História da Medicina de Castelo Branco*

Algumas Impressões Poéticas

Maria do Sameiro Barroso**



Hoje ouvi falar de viagens por mar, escorbuto,
laranjas de Melinde, artérias cheias de ar,
trazidas de cadáveres antiquíssimos,
importados de Alexandria.
Ainda recordava as paisagens de xisto,
com inscrições pré-históricas,
os figos doces, as oliveiras carregadas,
junto aos rios.
No corpo, trazia a raiz do sândalo e luzes,
onde os rios da eternidade embatiam.
Falava-se da medicina do séc. XIX,
das Descobertas, do Renascimento.
As sangrias eram analisadas, reavaliadas,
no seu contexto.
Um verso de Fernando Pessoa atravessava o ar:
«Crer é errar. Não crer de nada serve.»¹.
E os ossos esbatiam-se contra o vento.
A propósito de bezoares, ouvia falar
de Amatus Lusitano, de Caterine Clément,
das conquistas da medicina, da farmácia,
de remédios exóticos.
Em Goa, um hospital luminoso florescera,
no século XVI.
Entre alecrim e dúvidas, pensava no corpo,
nas coisas, nos livros da vida,
no silêncio e na sua exuberância extrema.
No átrio, uma exposição sobre João Mourato Grave,
um farmacêutico do início do século,
exibia retratos, utensílios de farmácia,
centrifugadoras, moldes e engenhos
para fabricar pílulas, unguentos,
ou extrair mel rosado².
Nas Jornadas, os saberes cruzam-se, descruzam-se,
as imagens desdobram-se.
Entre uma sangria, uma hidropisia,
e a magia das coisas antigas reavia mapas
perdidos, itinerários de ouro,

o passado e o futuro cruzavam-se, aliviando
as dores do homem, roubando o fogo aos deuses,
perpetuando o sonho de Prometeu.

Castelo Branco, 8 de Novembro de 2003

** Medicina na Beira Interior - da Pré-História ao Século XXI, XV Jornadas de Estudo, Castelo Branco, 7 e 8 de Novembro de 2003, organizadas por António Salvado e António Lourenço Marques.*

*** Médica. Poetisa.*

Notas

1 *Aforismos de Ricardo Reis*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2003, p. 31.

2 Organizada por Maria Adelaide Salvado, que, sobre esta figura, ainda conhecida por alguns dos presentes, proferiu a comunicação de abertura: *Dr. João Mourato Grave - Vida e obra no espírito do tempo*.

Um poema de Diogo Pires dedicado a Amato Lusitano



Ao Médico João Rodrigues, estando o autor de partida para Lovaina

Que infelicidades e que trabalhos ou que perigos sofremos, ó Rodrigues, bem vês, enquanto seguimos fugitivas pelo orbe inteiro as moças, filhas de Júpiter. Sim, eu vi, eu que outrora busquei com todos os meus anceios as águas alouradas do Tormes.

De novo sou forçado a ir para o mar, de novo a dar ao Noto as velas branquejantes. As velas a Noto e a confiar às ondas hespérias uma vida tantas vezes açoitada pelas tempestades.

Oh, algum dia me será concedido rever os lugar pátrios e as doces feições da minha Pyrmila? vivendo onde me é doce viver, e, ao extinguir-me, doce morrer!

Acaso um céu cruel (deuses, por piedade!) guardará meus ossos em sepulcro estrangeiro? longe dos antigos lares? longe da face dos meus? Que culpa minha mereceu impiedade tamanha? Mas a deusa que tudo governa com cego arbítrio, lá veja! Por mim, decidi antes sofrer com peito forte todas as contrariedades, que abandonar o doce estudo das Aónides, os claros cantos das irmãs.

Este é o meu amor, este o cuidado que só ocupa o meu espírito. O mais considero-o nada.

Entretanto, vivas tu por muitos anos com saúde, ó Rodrigues, lembrado do teu velho companheiro! Goza agradáveis ócios! Que vantagens traz consigo esse trabalho insano? Demoremo-nos na terra muito ou pouco, uma urna breve nos aguarda.

Tradução de Costa Ramalho, in *Mal de Ausência*, Carlos Ascenso André, Coimbra 1992.



Conferência em Castelo Branco do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão sobre Amato Lusitano



Castelo Branco - Prof. Doutor Veríssimo Serrão proferindo a sua notável conferência.

No dia 24 de Janeiro de 2004, teve lugar no Auditório da Escola Superior de Educação de Castelo Branco uma conferência sobre Amato Lusitano, proferida pelo presidente da Academia Portuguesa da História, Prof. Joaquim Veríssimo Serrão. A organização do evento foi dos Cadernos de Cultura “Medicina na Beira Interior da pré-história ao século XXI”. O ilustre autor de trabalhos fundamentais sobre a história de Portugal, reavivou o tema dos “Portugueses no Estudo de Salamanca”, título de uma importante obra da sua autoria, publicada em 1962, através da evocação em especial da presença de João Rodrigues de Castelo Branco naquela cidade. Apesar de ter então procedido a uma investigação exaustiva dos documentos e outros testemunhos que esclarecem a frequência do Estudo

salamantino do notável médico português do século XVI, o Prof. Joaquim Veríssimo Serrão, que encantou a numerosa assistência do Auditório com uma palestra repleta de pormenores históricos sobre o assunto, deixou claro que o prosseguimento da investigação pode ainda dar novas pistas que conduzam a um mais perfeito conhecimento da vida dos portugueses em causa, nomeadamente, de Amato Lusitano.

No final da sessão, foi distribuído o opúsculo «Amato Lusitano nos Cadernos de Cultura “Medicina na Beira Interior - da pré-história ao século XXI”», onde estão reunidos todos os títulos de trabalhos sobre Amato Lusitano já publicados nesta revista, perfazendo mais de seis dezenas.